

ALGUNS ASPECTOS DA AQUISIÇÃO DO SISTEMA
PRONOMINAL DO INGLÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA POR UM
FALANTE DE
PORTUGUÊS

JOSÉ CARLOS GONÇALVES

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO
DE LINGÜÍSTICA DO INSTITUTO DE ESTUDOS
DA LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
L I N G Ü Í S T I C A

- CAMPINAS 1.977 -

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- aos professores FRANK R. BRANDON e CLÁUDIA F. G. LEMOS orientadores desta dissertação;
- a José Augusto, pela minha pretensão de querer interpretar seu processo de aquisição do inglês em termos lingüísticos e pessoais;
- a Helen Tebble pela árdua tarefa de levantamento do corpus original;
- ao amigo Eli, pela cooperação na datilografia da versão preliminar;
- à colega Vera, pela leitura e comentários da redação final;
- à professora Angela B. Kleiman pelas sugestões;
- ao professor Francisco Gomes de Mattos pelas sugestões bibliográficas e pelo estímulo a esta dissertação em Lingüística Aplicada;
- ao professor Aryon D. Rodrigues pela ajuda do Departamento de Lingüística;
- à CAPES pela Bolsa de Estudos (Proc. 4548/74) nos anos de 1975, 1976 e 1977.

DEDICO ESTE TRABALHO À MINHA ESPOSA MARGÔ
E À MINHA FILHA KARINA

R E S U M O

Pretende-se observar neste trabalho, o modo como a transferência, entre outros mecanismos lingüísticos, interfere na aquisição de uma segunda língua.

Faz-se um estudo longitudinal de interlíngua de um falante de Português aprendendo Inglês num contexto natural.

Os dados são analisados usando vários modelos de análise de erros e com base em estudos contrastivos do sistema pronominal do Inglês e do Português. Analisa-se o problema específico do pronome pessoal It cuja obrigatoriedade de uso em Inglês contrasta com a inexistência de uma forma pronominal específica correspondente em Português - ou com a sua opcionalidade contextualmente definida quando existente.

O aprendiz tenderá a transferir a estrutura da língua-mãe para a língua-alvo numa tentativa de simplificação gramatical segundo uma teoria de economia, o que revela uma estratégia de aquisição da linguagem.

O uso e a eliminação pronominal caracterizam uma área de indeterminação no sistema aproximativo do aprendiz, evidenciando a instabilidade da interlíngua.

Tenta-se mostrar que no estudo da aquisição dos pronomes pessoais em Inglês como segunda língua os erros

não são amostras de falhas lingüísticas mas revelam tentativas do aprendiz de reorganização dos dados para a língua-alvo tendo como língua-mãe o Português.

Autor: JOSÉ CARLOS GONÇALVES

Orientadores:

Prof. FRANK R. BRANDON, Ph. D.

Prof.^a CLÁUDIA T. G. LEMOS, Ph. D.

INTRODUÇÃO.....	1
SUJEITO.....	10
METODOLOGIA.....	17
NOTAS DA INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I	
Análise de Erros e Aquisição da Linguagem	
1.1. O estudo da língua do aprendiz.....	23
1.2. A análise contrastiva (A.C.).....	24
1.3. A análise de erros (A.E.).....	27
1.4. Tipos de análise.....	28
1.4.1. Natureza sistemática da linguagem.....	28
1.4.2. Estratégias de aquisição da 2a.língua...	29
1.4.3. Paralelas entre a aquisição de 1a. e 2a. línguas.....	31
1.5. Descrição da língua do aprendiz.....	34
1.5.1. Dialeto idiossincrático.....	35
1.5.2. Sistemas aproximativos.....	35
1.5.3. Interlíngua.....	36
1.5.1. Caracterização dos sistemas lingüísticos.	36
1.5.2. Estrutura psicológica latente.....	37
1.5.3. Fossilização.....	38
1.5.4. Processos centrais na aquisição de segun da língua.....	39
1.5.5. Fatores que influem na aquisição de se— gunda língua.....	39
1.5.6. Decorrência do estudo da língua do apren diz.....	43

1.6. A descrição dos erros.....	43
1.6.1. Erros de recepção e de produção.....	43
1.6.2. Erros de performance (desempenho) e de competência.....	44
1.6.3. Erros sistemáticos, assistemáticos e não -sistemáticos.....	44
1.6.4. Competência de transição.....	46
1.6.5. Importância dos erros.....	47
1.7. Interferência.....	49
1.7.1. Contato e interferência: Diferença entre línguas.....	49
1.7.2. 'Setting' psicológico e socio-cultural do contato linguístico.....	52
1.7.3. Contato linguístico e contato cultural..	53
1.7.4. Mecanismos e causas estruturais da inter ferência.....	54
1.7.5. Interferência na fala e na língua.....	55
1.7.6. A estrutura como determinação da interfe rência.....	56
1.7.7. Interferência e variação linguística....	57
1.8. Metodologia em Análise de Erros.....	58
1.8.1. Reconstruções.....	58
1.8.2. Métodos de Estudo de Interferência na fa la.....	58
1.8.3. Quantificação da Interferência.....	59
1.8.4. Abordagem Psicolinguística.....	60
1.8.5. Sumário.....	61
Notas do Capítulo I	62

CAPÍTULO II

Os Pronomes Pessoais - Natureza do Pronomes Pessoais - O pronome It	
II.1.1. Referência.....	67
II.1.2. O sistema pronominal do Inglês.....	70
II.1.3. A natureza dêitica dos pronomes pesso- ais.....	71
II.1.4. Correlações de subjetividade e de per- sonalidade nos pronomes pessoais.....	75
II.1.5. Controvérsia sobre o sistema da pessoa	80
II.2. O pronome pessoal It.....	84
II.2.1. It ambiente.....	85
II.2.1. Especificação da "ambiente".....	87
II.2.2. Reminiscência de extraposição.....	87
II.3. Caracterização do pronome It.....	90
II.4. Pronomes pessoais na aquisição da primeira lín- gua.....	95
II.4.1. It na aquisição da primeira língua....	98
II.5. Classificação do pronome pessoal It.....	104
Notas do Capítulo II	109

CAPÍTULO III

Uso e Eliminação do Sujeito em Português	
III.1. Metodologia.....	110
III.2. Frequência de uso e eliminação dos su- jeitos - Pesquisa I - Quadro I.....	111
III.3. Frequência de uso e eliminação dos sujeitos Pesquisa II - Quadro II	128
III.4. Uso e Eliminação dos sujeitos em Português- Comparação dos dados das pesquisas.....	136

CAPÍTULO IV

Uso e Eliminação dos Pronomes Pessoais Sujei
tos na Interlíngua

IV.1. Frequência dos pronomes pessoais - Quadro III..	142
IV.2. Frequência do Pronome Pessoal It - Quadro IV...	146
IV.3. Estudo Longitudinal do Pronome Pessoal It.....	148
IV.4. Estágios sucessivos de aquisição do pronome pes soal It - Quadro V.....	164
IV.5. Demonstrativos em Variação Livre com o pronome It - Quadro VI.....	172
IV.6. Contextos de Uso e eliminação do pronome It....	187
Notas do Capítulo IV	191

CAPÍTULO V

Discussão. Comparação das Estruturas Gramati-
cais do Inglês e do Português

V.1. Base teórica para a comparação das estruturas gra maticais.....	193
V.1.1. Dimensões para a comparação entre línguas.	193
V.1.2. Gramáticas semanticamente baseadas.....	194
V.2. Comparação das estruturas do Português e do Inglês.	194
V.3. O Pronome pessoal It.....	196
V.4. Os Pronomes pessoais em Português.....	200
V.5. Sumário. O Pronome Pessoal IT (problema).....	202
V.6. Os pronomes de terceira pessoa na interlíngua....	205
V.7. A distinção animado/inanimado no uso dos pronomes de terceira pessoa.....	208

V.8. Os pronomes de terceira pessoa e a referência não-animada.....	212
V.9. O não-uso do pronome com referência inanimada.	215
V.10. Os pronomes de terceira pessoa e a referência animada.....	217
V.11. Sumário.....	220
Notas do Capítulo V	225

CAPÍTULO VI

Pronomes Pessoais de Terceira Pessoa do Sin- gular	225
---	-----

VI. CONCLUSÃO	227
---------------	-----

BIBLIOGRAFIA	232
--------------	-----

APÊNDICE

AI. Uso e Eliminação do Pronome Pessoal It	A1 - A16
AII. Enunciados com Demonstrativo THAT	A17 - A25
AIII. Enunciados com Demonstrativo THIS	A25 - A30
AIV. O Uso dos Pronomes HE/SHE em lugar de It	A31 - A32
AV. Pesquisa I	A33 - A51
AVI. Pesquisa II	A52 - A69
AVII. Subject	A70 - A80
AVIII. Data Collection Procedures	A81 - A88

I N T R O D U Ç Ã O

O b j e t i v o d o t r a b a l h o

O presente trabalho enfoca a aquisição do Inglês por um falante de Português (José Augusto), já fluente na sua primeira língua. Procuramos analisar, em um estudo longitudinal, alguns processos, mecanismos e estratégias envolvidas na aquisição de uma segunda língua. Utilizando como corpus os enunciados de José Augusto, selecionamos como tópico o uso e a eliminação do pronome pessoal sujeito (E.P.S.). Embora nosso estudo aborde os pronomes em geral, nós nos concentramos no pronome pessoal IT como principal ponto.

Examinamos o problema específico do pronome IT, i.e., a obrigatoriedade do uso em Inglês X a inexistência em Português, dentro de uma hierarquia de dificuldade em relação aos outros pronomes pessoais, pois para os outros há um uso bem semelhante no Português. Dentre outros fatores, nos concentramos na interferência da primeira língua como responsável pelos desvios da língua-alvo que o aprendiz produz na fase de aprendizagem. Desenvolvemos então a seguinte hipótese:

"A transferência da língua-mãe interfere na aquisição do uso dos pronomes pessoais sujeitos da língua-alvo e é um fator de di

ficuldade para o aprendiz. A dificuldade maior ocorre com o uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa, especificamente com o pronome IT. A inexistência da categoria IT na primeira língua contribui para aumentar a dificuldade da aquisição desse item na língua-alvo. Os erros cometidos pelo aprendiz revelam uma estratégia de aquisição da linguagem. O aprendiz simplifica a gramática da língua-alvo, eliminando esses itens (para ele) desnecessários e redundantes¹ com base na sua experiência de primeira língua, num processo de redução que para ele, gera maior economia na tarefa da comunicação".

O falante de Português terá tendência a transferir o uso dos pronomes pessoais sujeitos da língua-mãe para a língua-alvo, o que constituirá um fator de dificuldade para a aquisição do uso desses pronomes em Inglês. Uma vez que o emprego de pronomes pessoais sujeitos é obrigatório na estrutura superficial do Inglês, a sua omissão por parte de um aprendiz de Inglês constitui um erro. A eliminação do pronome pessoal sujeito é um problema de produção,² pois a tendência dos falantes de Português aprendendo Inglês a omitir o pronome sujeito nas frases, porque em Português é muito natural essa omissão, é um problema somente ao falar ou ao escrever. Ao escutar, ou ao ler, como os falantes ou escritores de Inglês usarão o pronome sujeito, não haverá problema. Como o nosso trabalho enfoca a aquisição da linguagem por José Augusto como meio de comunicação oral, consideramos o problema da omissão do pronome como um problema de produção, não de reconhecimento. Ao mesmo tempo determinamos a direção da interferência.

Weinreich (1953 : 376) nota a existência de uma verdadeira 'álgebra' para determinação das diversas direções que a transferência pode tomar no contato entre as línguas. Pode haver interferência tanto da língua-mãe na língua-alvo, quanto da língua-alvo na língua-mãe. Segundo Weinreich (1953: 74)³ não importa a terminologia que se dê às línguas envolvidas na comparação, mas sim detectar qual língua é a fonte e qual a recipiente da interferência. O exame dos dados de que dispomos nos sugere que em nosso estudo a interferência teve o Português como língua de fonte ou modelo e o Inglês foi a língua recipiente. Desse modo, o Português foi a língua dominante no período compreendido entre o início e o término das gravações.

Fazemos uso de uma abordagem que também pode ser considerada pedagógica, em termos de Zydatiss (1974), pois na investigação da interlíngua do aprendiz, a língua modelo e a língua-alvo são consideradas, e a noção de erro, má-formação e impropriedade são relevantes. Nosso estudo inclui a análise de erros, faz reconstruções e procura dar explicações, em termos de língua-alvo ou de origem onde a aceitabilidade por parte de falantes nativos faz recurso à competência nativa dos falantes. Ficamos, então, com um conceito mais que puramente lingüístico dos desvios, i.e., levamos em consideração outros aspectos sociolingüísticos, (Nickel : 1972b : 17) como condições psicológicas externas, estágio de aquisição de segunda língua e gravidade do erro à vista de considerações funcionais e comunicati-

vas. Mas, se fazemos uso de uma abordagem assim pedagogicamente orientada, não fazemos disso nosso objetivo. Estamos interessados na investigação dos processos de aquisição da segunda língua, daí a apresentação de um estudo longitudinal de um sujeito em aprendizagem livre, onde uma análise de erros mais teórica desempenha papel importante como parte da metodologia. Assim, para nós, um erro revela uma tentativa produtiva durante o processo de aprendizagem da língua, e, embora nosso estudo se centralize na interferência como responsável pelos desvios em questão, não fazemos dela nosso objetivo último, pois cremos que os aprendizes organizam ativamente a fala de segunda língua que ouvem e fazem generalizações sobre a sua estrutura, à semelhança das crianças aprendendo a primeira língua.

No 1º Capítulo apresentamos uma resenha da literatura pertinente sobre Análise de Erros e Aquisição da Linguagem. Procuramos conceituar Análise de Erros (A.E.) segundo vários autores mostrando seu potencial de utilização, partindo de uma análise contrastiva que evolui para uma análise de erros mais teórica. Fazemos um estudo do erro, caracterizando os seus diversos tipos na descrição lingüística e ressaltamos sua importância na psico-lingüística como mecanismo de Aquisição da Linguagem. Descrevemos a língua do aprendiz segundo a terminologia de vários autores e optamos pela denominação de Interlíngua (Selinker) para designar a língua intermediária que o aprendiz produz nas tentativas de falar a língua-alvo (Target language).

O estudo da língua do aprendiz traz certas decorrências, como os processos centrais na aquisição da segunda língua e os fatores que influenciam a interlíngua. Por razões expostas em nossa abordagem, optamos por uma A.E., mais teórica, que melhor se adapta à uma visão psico-linguística da aquisição de segunda língua.

Como parte final do capítulo descrevemos o fenômeno da interferência, apresentando as suas correlações socio-linguísticas e os métodos para detectar, quantificar e explicar a interferência na fala e na língua. São estudados os mecanismos e causas estruturais da interferência, onde a estrutura das línguas representa um papel importante.

No capítulo II apresentamos uma resenha sobre a categoria de pronomes pessoais. A referência e a dêixis são estudadas quanto à natureza dos pronomes pessoais e à estrutura das relações entre as pessoas. Dentro de um arcabouço teórico sobre os pronomes pessoais apresentamos um estudo mais detalhado sobre o pronome pessoal IT de acordo com as diferentes acepções dos autores na literatura. Fazemos um breve relatório dos estudos de pesquisadores investigando a aquisição de pronomes pessoais na primeira língua, onde a aquisição do sistema pronominal pelas crianças revela o desenvolvimento da dêixis na linguagem infantil.

Propomos finalmente uma classificação para o pronome pessoal IT dentro de um critério sintático-semântico

de função e referência. Assim classificamos o IT em IT_{np} (= IT de referência nominal), IT_s (= IT de referência sentencial) e IT_f (um IT que recobre o contexto todo, tendo uma referência mais vaga e ampla que os dois primeiros).

O capítulo III apresenta o resultado de pesquisas efetuadas sobre o uso e a eliminação do pronome sujeito em Português. Quantifica-se a frequência dos pronomes pessoais em Português, de acordo com a pessoa. A frequência das formas de 1.^a e 2.^a pessoa de um lado, e as de 3.^a pessoa do outro, apresentam resultados bem diferentes. Tentamos buscar uma resposta na própria natureza dessas formas de referência. Assim, os pronomes pessoais de primeira pessoa teriam como causa da sua maior eliminação a própria situação do ato da fala cuja realização requer a interação locutor/interlocutor onde a referência é óbvia e os pronomes pessoais são eliminados num processo de redução da redundância. As formas referenciais de 3.^a pessoa, pela vagueza e multiplicidade de referências da não-pessoa se fazem contextualmente necessárias para explicitação da referência, o que nos parece justificar a sua maior porcentagem de usos.

Concluimos pela opcionalidade contextualmente definida do uso e da eliminação do pronome pessoal em português, pois a língua não faz dos pronomes pessoais os únicos recursos para expressão da referência. A opcionalidade do pronome geralmente acarreta a sua eliminação, talvez por um mecanismo de simplificação gramatical.

No capítulo IV enfocamos o uso e a eliminação pronominal na interlíngua. Apresentamos primeiramente um quadro da frequência quantitativa global do uso e da eliminação, descrevendo os pronomes de acordo com a pessoa. No cômputo geral, os pronomes pessoais foram usados em 77% dos casos, sendo eliminados em apenas 23%. O pronome pessoal IT apresentou resultados diferentes na frequência global, ainda que o uso superasse a eliminação por pequena margem.

Apresentamos um estudo longitudinal do uso e da eliminação do pronome pessoal nos dados da interlíngua. As primeiras entrevistas apresentam um maior grau de desvio da interlíngua em relação à língua-alvo, havendo um uso mínimo inicialmente. Essa situação vai se modificando paulatinamente até atingir um equilíbrio por volta da entrevista de nº 13. Ao final do período das 18 entrevistas gravadas o uso do pronome vai estar superando a sua eliminação. A instabilidade da interlíngua fica evidenciada na curva de frequência do uso do pronome que se pode observar nesse estudo longitudinal. Fizemos, igualmente, um estudo longitudinal qualitativo, i.e., levando em conta os diferentes tipos de IT conforme nossa classificação. De modo geral, os três tipos de IT não apresentam muita diferença na aquisição. Procuramos estabelecer uma hierarquia de dificuldade, onde o IT_{NP} foi o tipo que apareceu primeiro, em ordem cronológica, e o menos problemático. O IT_f, por compartilhar de alguns traços do IT_{NP} teve um comportamento semelhante. Ambos tiveram, no confronto ge-

ral, mais usos que eliminações. O IT_s não teve o mesmo comportamento dos dois outros tipos, constituindo-se no item hierarquicamente mais problemático para a aquisição, a julgar pelo maior número de E.P.S. Todavia, a exiguidade dos dados não nos favorece uma conclusão mais específica.

Ainda como parte da análise dos dados, fizemos um estudo comparativo dos demonstrativos THIS e THAT e do pronome IT. Verificamos que esses demonstrativos se encontram em variação livre com o pronome, sendo porém, menos frequentes que IT. Fizemos uma tentativa de estabelecer estágios na aquisição de IT/THIS/THAT e, na comparação de nosso estudo com outros estudos de aquisição da primeira língua notamos que o uso dos demonstrativos tende a se reduzir com o aumento da idade das crianças, embora num certo estágio eles sejam usados em variação livre com o pronome como sujeitos dos enunciados.

Procuramos buscar no estudo dos contextos de uso e de eliminação, alguma evidência que determinasse o porquê do uso e da eliminação. O que podemos afirmar é que a maior parte das ocorrências de eliminação se dão com o verbo Be, verbo que indica estado, e onde os sujeitos geralmente são pacientes. A incidência de uso do pronome foi maior com outros verbos de ação, onde o sujeito é, quase sempre, o agente. Todavia, cremos que os dados não nos permitem condicionar o uso e a E.P.S. a esses fatores. Antes, cremos que o exame dos contextos nos leva a considerar a interferência da primeira língua como principal res-

ponsável pelo quadro geral verificado nesse estudo de aqui sição de segunda língua.

No capítulo V fazemos um estudo contrastivo das estruturas gramaticais do Inglês e do Português, depois de estabelecer uma base teórica para essa comparação. Descrevemos as similaridades e diferenças entre as estruturas do Inglês e do Português, examinando o uso de IT na interlíngua. Usando narrativas de experiências vividas, fazemos um levantamento sobre o uso dos pronomes de terceira pessoa do singular (ele/ela) em Português. Cremos haver certa evidência de que os pronomes pessoais ele e ela são usados primordialmente para se referir a entidades animadas, em Português. Dentre essas entidades animadas a grande maioria se refere a humanos. Propormos, então, que a facilidade no uso dos pronomes He/She da interlíngua se deve à grande semelhança no uso dos correspondentes ele/ela do Português, que indicam mais sexo que gênero propriamente, como no Inglês. Quanto ao pronome IT, cremos que a sua obrigatoriedade na língua-alvo, confrontada com a inexistência (IT_s e IT_f) e a opcionalidade (IT_{np}) desse pronome na língua-mãe, fizeram do pronome um item hierarquicamente mais difícil para a aquisição.

No estudo da aquisição dos pronomes pessoais por José Augusto os erros não são amostras de falhas linguísticas, mas revelam tentativas do aprendiz de reorganização dos dados para a língua-alvo, com base na língua-mãe. Assim, a transferência da estrutura da língua-mãe para a

língua-alvo revela uma tentativa de simplificação gramatical, o que é uma estratégia de aquisição da linguagem. Propõe-se que a opcionalidade do uso do pronome em Português é transferida para a língua-alvo, numa justificativa do uso e da E.P.S.. Assim, o uso dos pronomes pelo aprendiz caracteriza uma área de indeterminação do seu sistema, gerando erros assistemáticos, dada a sua inconsistência. Os sucessivos estágios na aquisição do pronome pessoal IT - evidenciam a instabilidade da interlíngua.

S u j e i t o

O indivíduo bilingüe é o locus do contato lingüístico. Há pelo menos duas características de uma pessoa bilingüe que a predispõem a modos específicos de comportamento como um agente do contato lingüístico. A primeira dessas características é a aptidão. A aptidão do indivíduo para aprender uma língua estrangeira é um fator em seu desempenho na segunda língua.

O bilingüe ideal muda de uma língua para a outra de acordo com mudanças apropriadas na situação da fala (interlocutores, tópicos, etc.), mas não em uma situação de fala não-mudada, e certamente não dentro de uma só sentença.

José Augusto falava só Inglês quando estava na escola, em casa de amigos e em sua própria casa, quando havia visitas locais. Quando se encontrava só com a família

falava só Português, salvo em algumas ocasiões em que havia uma certa mistura de vocabulário, principalmente de nomes de objetos e comida, coisas como: "Me passa o milk". Isso porém não era devido a uma deficiência no conhecimento da língua, mas era feito mais por brincadeira. Na rua e nas atividades com os seus "peers", falava somente Inglês.

Em nosso estudo, o Português foi a língua fonte ou modelo, e o Inglês a língua recipiente ou réplica. Embora a língua predominante, a direção e a extensão da interferência possam mudar em determinados casos, o status relativo das línguas envolvidas em nosso estudo não se alterou. Inicialmente, é natural que o Português fosse a língua de maior preferência, pois o aprendiz mal se comunicava em Inglês. José Augusto acredita que levou mais de um ano para conseguir pensar em Inglês diretamente, pois no começo pensava em Português e traduzia mentalmente para o Inglês antes de falar. Desse modo, suas primeiras construções em Inglês eram calcados num molde do Português. - Ele afirma que após regressar ao Brasil ainda passou um bom tempo traduzindo mentalmente do Inglês para o Português antes de falar, utilizando inclusive construções inglesadas na sua fala. Isso parece denunciar uma mudança na direção da interferência e no status das línguas, mas deve ser objeto de investigação para conclusões definitivas.

O reforço visual no uso de uma língua, que o falante adquire ao ler e escrever, pode colocar essa língua

em uma posição dominante sobre uma outra puramente oral, segundo uma noção geralmente aceita de que recursos visuais reforçam a aprendizagem de línguas. A leitura, para José Augusto, sofreu uma evolução gradativa. Ele começou com livrinhos simplificados, passando depois para Agatha Christie, até ler George Orwell, finalmente. Escrever, no começo, era mais difícil que falar, porém a habilidade de escrever aumentou muito para J.A. quando ele começou a ler. O reforço visual de leitura ajudou o desenvolvimento da escrita. Houve muito progresso depois que ele começou a ler.

A ordem de aprendizagem e a idade são fatores importantes na aquisição de uma língua. O fato de ter sido aprendida primeiro se torna tão importante que a língua aprendida primeiro, a língua-mãe, é geralmente considerada a dominante por definição. No estágio inicial de bilinguismo, a língua-mãe é, de fato, ao mesmo tempo, a língua de maior proficiência. Mas, mais tarde, muitos bilingües excedem a sua proficiência de língua-mãe, na segunda língua, em certas circunstâncias.

O envolvimento emocional de um falante com a sua língua-mãe é raramente transferido para uma outra língua de forma total.

No presente estudo se analisa a aquisição do Inglês por um falante de Português já fluente na sua primeira língua e obviamente esta representa a língua dominante. A faixa etária em que o aprendiz se encontrava era u m a

idade apropriada para a aprendizagem de línguas, pois quanto mais completamente adulta uma pessoa é, na época em que ela entra em contato com uma língua, menor é a probabilidade de que venha a obter total domínio da língua.

Quando José Augusto deixou a escola no Brasil estava no 1º semestre da 5.ª série do 1º Grau de Colégio Estadual. No começo do seu contato com a nova língua falava muito mais Português que Inglês, pois, além de ir à escola ele quase não sabia. É natural que no começo se expressasse melhor na sua primeira língua que em Inglês. José Augusto notou que no seu caso o progresso na segunda língua vinha concomitante a uma regressão na primeira. Quando não conseguia se fazer entender, no começo, desistia logo, mas com o tempo foi utilizando mímica. Em seguida, já perguntava como se chamavam certas coisas em Inglês e como se diziam certas expressões, numa tentativa de comunicação. Embora suas irmãs frequentassem a mesma escola, ele não falava Inglês com elas. Havia uma outra brasileira na classe, mas o aprendiz pouco falava com ela. No começo muito silencioso, José Augusto evoluiu muitíssimo até o final do curso, conseguindo uma das melhores notas em Inglês, de todo o Colégio.

Para José Augusto, a motivação para aprender Inglês era uma questão de sobrevivência, pois para ele a pior coisa do mundo era frequentar um ambiente de pessoas da mesma idade que a sua, das quais ele não falava a língua. No começo o aprendiz se chateava quando tentava dia-

logar com alguém e não se fazia entender. O seu desconhecimento da língua era um fator de depressão. Com o progresso na aprendizagem da língua, a aceitação foi maior por parte de seus colegas, e José Augusto se sentia melhor. De modo geral, as pessoas tinham bastante paciência com ele e procuravam entendê-lo.

A receptividade do povo escocês contribuiu para a melhor aquisição do Inglês por J.A., pois ele tinha admiração por este povo que julgava desenvolvido, civilizado e muito amável.

Embora José Augusto usasse o cinema, o teatro e a leitura como reforço de aprendizagem, isso tudo era feito inconscientemente, pois só mais tarde ele se deu conta do valor desses recursos.

José Augusto não percebia variantes dialetais ou socio-lingüísticas dependendo dos interlocutores quando falava com seus amigos ou com o povo na rua. Porém, ao se dirigir a seus professores ou a colegas de sua mãe, procurava utilizar um Inglês mais formal que o dialeto escocês normalmente empregado.

A língua a ser usada era determinada pelos interlocutores. Não havia interlocutores bilingües, a não ser sua família e uma garota brasileira com quem pouco falava. A transição de uma língua para outra, era, então, bem marcada pelos interlocutores. José Augusto não fazia um uso especializado de determinada língua para certos assuntos, mas usava uma ou outra língua, dependendo da língua dos

interlocutores. Do mesmo modo, a tensão emocional não provocava o uso de uma língua em vez de outra.

José Augusto tinha consciência de que o seu idioleto de Inglês era bem diferente do das demais crianças do seu grupo e por isso se esforçou muitíssimo para falar como eles.

No início o aprendiz não se dava conta das eliminações pronominais que fazia. Ele estava adquirindo o Inglês num contexto natural, onde o input é aquilo que o aprendiz depreende através de suas regras de inferência e de suas estratégias próprias. Em um contexto natural, apesar de o aprendiz estar o tempo todo exposto aos fatos da língua em aquisição, a correção é muito rara e o aprendiz não tem a correção e o reforço comuns a um curso programado de ensino. De modo geral a tarefa linguística de saber se se está usando correta ou erradamente a língua fica por conta do próprio aprendiz que frequentemente só percebe seus erros muito mais tarde. Do que o aprendiz se recorda, ele não tinha noção da obrigatoriedade do uso do pronome pessoal IT como sujeito formal em sentenças do Inglês, embora as outras crianças usassem naturalmente o pronome nes nas construções. Os professores quase não o corrigiam e tentavam entender José Augusto como ele falava. Com a prática da língua, as construções com IT foram se tornando mais frequentes e o seu uso se estabelecendo. Nos primeiros estágios de aquisição José Augusto não tinha consciência do uso do pronome e procurava falar como era em Portu

guês, traduzindo mentalmente.

O aprendiz não teve nenhum curso especial de Inglês como segunda língua. Frequentava as aulas comuns às crianças nativas. O ensino de Inglês na escola era mais à base de trabalhos escritos e de leitura.

José Augusto era muito bem aceito socialmente no seu ambiente escolar (90%, diz ele, devido a Pelé e à Seleção Brasileira de 1970). As crianças achavam graça do seu Inglês, no início, mas não o hostilizavam por isso. Em geral eram prestativas e tentavam ensinar quando ele não sabia ou errava qualquer coisa. Com o tempo, ele era tratado de igual para igual, sem restrições.

Dentre os professores, um se destacava para José Augusto como alvo de emulação: o professor de Matemática, por ser muito jovem e comunicativo, era um ídolo para todos os alunos.

Não temos dados para dizer se o Inglês teria influenciado o Português. O aprendiz era solicitado, no início, a ensinar algumas palavras e expressões do Português para as crianças, mas ele não gostava, e essa prática não teve continuidade.

O aprendiz levou um ano todo para se adaptar bem ao novo ambiente socio-lingüístico. Muita coisa que ele aprendeu, principalmente no início, se deve à sua atenção de ouvir e ao espírito de observação. Suas estratégias eram mais ouvir e um grande entusiasmo pela leitura. Assim, José Augusto passou de ser um objeto de leve curiosidade

para as crianças, inicialmente, a uma grande reação no segundo ano. Ele selecionava os alunos mais brilhantes como colegas e teve a sorte de pertencer a uma classe de alunos que o apoiavam socio-linguística e mentalmente.

M e t o d o l o g i a

No presente estudo, utilizamos como corpus, dados levantados em um trabalho feito na Universidade de Edinburgo em 1973.

"The Acquisition of English by a Portuguese Speaking Child" by Helen Tebble - Master of Letters - University of Edinburgh, 1973.

Do corpus levantado por Helen Tebble selecionamos os dados em que o uso ou a E.P.S. se verificaram. Tais dados foram arrolados em seqüência de ocorrência, divididos em sessões conforme as entrevistas, constituindo então o nosso corpus. Com a delimitação do tópico de interesse para o nosso estudo, apenas os enunciados com o uso ou a E.P.S. de IT foram selecionados. Tais enunciados integram o corpus transcrito no apêndice da página A₁ à página A₁₇. Com a inclusão de um estudo sobre a co-ocorrência dos demonstrativos com o pronome pessoal IT, também as ocorrências com os demonstrativos THIS e THAT foram transcritas no Apêndice sob o número II e III, da página A₁₇ à página A₃₀. Com a nossa tentativa de verificar a possível intersecção entre os pronomes HE e SHE e o pronome IT também os enunciados com HE e SHE em provável lugar de IT foram

considerados no corpus que se encontra transcrito no apêndice da página A₃₀ à A₃₁.

As informações sobre a coleta de dados bem como sobre a abordagem adotada foram extraídas no trabalho acima e se encontram anexadas ao Apêndice deste trabalho, da página A₈₁ à A₈₈. Julgamos importante anexar essas informações, bem como informações gerais sobre o background socio-linguístico do sujeito (p.A₇₀ a A₈₀) para eventuais referências.

Procuramos, inicialmente, tabular a frequência dos pronomes pessoais em geral, mostrando depois a frequência específica do pronome pessoal IT, em um estudo longitudinal onde as ocorrências do pronome foram tabuladas em um estudo dos estágios sucessivos de aquisição do pronome. Também registramos cronologicamente a frequência dos diferentes tipos de IT, com as suas respectivas porcentagens. No desenvolvimento do nosso trabalho apresentamos vários quadros, cuja interpretação segue com o desenrolar dos capítulos, razão pela qual julgamos desnecessário adiantarmos aqui os mecanismos usados para a sua elaboração. - Desse modo, também as pesquisas efetuadas sobre o uso e a E.P.S. em Português vêm acompanhadas das implicações metodológicas correlacionadas e das respectivas interpretações. Anexamos ao Apêndice o corpus dessas pesquisas.

Com relação às pesquisas efetuadas sobre o uso dos pronomes pessoais em Português utilizamos amostras diferentes para procurar atingir conclusões que não

fossem determinadas pela natureza dos dados em questão, e sim revelassem um uso comum da língua. Todavia, gostaríamos de salientar que os resultados obtidos em análises quantitativas de dados lingüísticos devem ser encarados como representativos em termos da amostra analisada. Do mesmo modo, se deve prestar atenção ao contexto de ocorrência desses dados para uma interpretação imparcial.

No estudo comparativo das línguas em contato, consideramos cada língua em si como uma língua única, i. é., não levamos em conta as diferenças dialetais e de registro. Assim, tanto o Inglês como o Português foram considerados em termos de uma única norma que seria a língua falada por falantes nativos adultos. Do mesmo modo, a interlíngua produzida pelo sujeito é caracterizada como uma língua em si mesma, com suas características idiossincráticas.

É natural que cada aprendiz de segunda língua, na tentativa de produção de fala na língua-alvo irá produzir um código próprio, um idioleto único, que deve ser encarado como uma língua em si mesma, como se fosse uma língua estranha ou como a língua da criança na primeira aquisição.

Os exemplos foram enumerados por capítulo, - com exceção dos exemplos tirados da interlíngua, que

conservaram o seu número original, tal como se en
contram no corpus de aquisição de segunda língua in
corporado ao apêndice desse trabalho.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1. RICHARDS, J.C. (1971): "Redundancy may be an explanatory factor. The second language learner, interested perhaps, primarily in communication, can achieve efficient communication without the need for mastering more than the elementary rules of question usage. Motivation to achieve communication may exceed motivation to produce grammatically correct sentences".

2. LADO, R. (1971 : 102): "Será portanto necessário, na descrição dos problemas de aprendizagem, classificar cada um como um problema de produção ou de reconhecimento ou das duas coisas. De fato, a comparação não estará completa enquanto a produção e o reconhecimento não tiverem sido explorados quanto aos tipos de diferenças que constituem os problemas de aprendizagem".

3. WEINREICH, R. (1953 : 74): "All that matters

is to know, for every instance of interference which language is the source or model and which the recipient or replica, and also whether in a given contact situation, a language can be both a source and a recipient of interference..."

CAPÍTULO I

ANÁLISE DE ERROS E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

I.1

O estudo da língua do aprendiz

Jack C. Richards e Gloria P. Sampson(1974) apresentam uma breve revisão da história das pesquisas em aquisição de segunda língua que resultaram em novas diretrizes no estudo dessa área lingüística.

As primeiras observações da aprendizagem de segunda língua eram pré-paradigmáticas, junto da teoria lingüística sincrônica também pré-paradigmática (Boaz, 1889). Com o aparecimento da noção de língua como um sistema, a questão da aquisição de segunda língua passou a ser vista como a justaposição de dois sistemas formando um supersistema combinando os traços dos dois sistemas anteriores(Fries e Pike, 1949), ou produzindo interferência intersistêmica (Weinreich, 1953). A noção de interferência entre dois sistemas atingiu o interesse de linguistas e professores, pois ela explicava os problemas de aprendizagem de segunda língua, principalmente de adultos. Subsequentemente aos trabalhos contrastivos de Lado(1957), a análise contrastiva surgiu como um campo de pesquisa. Uma abordagem teórica em si, a análise contrastiva evoluiu para o que se chama

de Análise de Erros.

Richards e Sampson(1974)⁴ alegam que o maior defeito de A.C. era concentrar-se na análise de duas gramáticas, em vez de dar atenção à 'performance' dos próprios aprendizes.

Por isso os erros eram vistos em si mesmos e aqueles erros que não pareciam se enquadrar sistematicamente em um dos dois sistemas (língua-nativa / língua-alvo) eram ignorados, na maior parte das vezes.

Desenvolvimentos mais recentes sugerem que o estudo dos erros isoladamente é de pouco interesse, devendo-se, antes, investigar o sistema lingüístico total do aprendiz de segunda língua. Esse novo enfoque traz o aprendiz como gerador de gramática de seus enunciados na nova língua. Há uma crescente elaboração em um campo de pesquisa que trata das tentativas do aprendiz de internalizar a gramática da língua que ele está aprendendo. Parte dessa terminologia já vem sendo apresentada nesse estudo. Pretendemos desenvolver mais alguns conceitos que nos parecem úteis na investigação dos dados de aprendizagem de segunda língua, no decorrer desse capítulo.

1.2

A análise Contrastiva

A análise contrastiva ajuda a detectar e prevenir as possíveis fontes de interferência na aquisição de uma

língua estrangeira, através da comparação dos sistemas de línguas em contato. Espera-se que os elementos que são se-
melhantes à língua nativa do aprendiz vão ser mais sim-
ples para ele, e aquelas áreas que são diferentes vão ser
difíceis.

Politzer(1967) afirmou: "Perhaps the least questi-
oned and least questionable application of linguistics is
the contribution of contrastive analysis especially in the
teaching of languages for which no considerable a n d
systematic experience is available, contrastive analysis...
can highlight and predict the difficulties of the pupils".

Todavia a Análise Contrastiva não pode dar conta de
todos os erros cometidos por aprendizes de segunda língua.
Richards(1971) mostra que embora ela seja valiosa na loca-
lização de áreas de interferências há erros derivados de
estratégias empregadas pelas crianças e pela mútua inter-
ferência de itens intralinguais: "Interference from the
mother tongue is clearly a major source of difficulty in
second language learning, and contrastive analysis h a s
proved valuable in locating areas of interlanguage inter-
ference. Many errors, however, derive from the strategies
employed by the learner in language acquisition, and from
the mutual interference of items within the target language.
These cannot be accounted for by contrastive analysis".

Robert Lado(1971) aponta a necessidade de uma compa-
ração sistemática de línguas e culturas, pois ele acredi-
ta que "na comparação entre a língua nativa e a língua es

trangeira está a chave para a facilidade ou a dificuldade na aprendizagem de línguas estrangeiras". Ele é corroborado por Fries, em Lado(1971): "Os materiais mais eficazes são os baseados numa descrição científica da língua a ser aprendida, comparada cuidadosamente com uma descrição paralela da língua nativa do aprendiz".

Assim, uma descrição adequada tanto da língua do aprendiz quanto da língua-alvo (T.L.), são pré-requisitos necessários para a análise que classifica, em cada língua os itens que são idênticos e os que são diferentes.

Embora a análise contrastiva seja criticada por muitos, Richards(1971) nota, como outros, que ela tem muita relevância no nível fonológico. Há muitos erros que não podem ser explicados pela análise contrastiva pura e simples nos termos sugeridos por Banathy(1966:37) e outros: "What the student has to learn equals the sum of the differences established by the contrastive analysis".

Deve ser dada importância à psicologia da aprendizagem e ao contexto sócio-lingüístico do aprendiz para tornar o estudo contrastivo menos fragmentário e inadequado para a análise das causas e significância dos erros.

O valor da predição em análise contrastiva foi testado por Jernudd e Lindau(1970) mas ainda somente no nível fonológico, e outros linguistas têm modificado as técnicas da análise contrastiva, como Nemser e Slama - Cazacu (1970). Assim, a análise contrastiva contribui de veras para a análise de erros mas não consegue predizer e dar con

ta de todos os tipos de erros encontrados na aquisição de uma segunda língua.

A análise de erros deve ser mais sofisticada (Catford, 1968, p.159), isto é, deve ser descritiva e estatisticamente sã.

Muitas pesquisas têm sido feitas em aquisição da linguagem com base na natureza sistemática da linguagem que o aprendiz de segunda língua produz. Estudos de aquisição da primeira língua notando as diferenças entre a fala de crianças e a de adultos mostraram que a língua das crianças é sistemática. Como todas as línguas naturais são estruturadas, do mesmo modo a língua expressa pelos aprendizes durante o período de aprendizagem demonstra ter uma estruturação sistemática.

I.3

A análise de erros

Richards (1971)⁵ conceitua a Análise de Erros como uma análise que dá conta das diferenças entre a fala de aprendizes de uma língua e a de falantes nativos adultos da língua.

Tais diferenças podem suscitar interesse por diversas razões. Há vários meios de tratar essas diferenças. Algumas análises se baseiam no efeito da interferência do conhecimento do aprendiz da sua primeira língua. O psicolinguista prediz que a natureza da língua-mãe vai facili

tar ou dificultar a aprendizagem de certos aspectos de uma segunda língua. O estudo dos erros é utilizado para confirmar ou rejeitar a teoria psicolinguística da transferência e a análise de erros fornece 'feedback' tanto para a linguística descritiva quanto para a psicolinguística. Vale mencionar a utilidade pedagógica da análise de erros. Segundo Richards (1971)⁶ a comparação das diferenças entre a língua-mãe do aprendiz e a sua língua-alvo pode ajudar a evitar os erros e tem, então, muita utilidade pedagógica.

I.4

Tipos de Análises

I.4.1

Natureza sistemática da linguagem

Outras análises procuram mostrar a natureza sistemática da linguagem que o aprendiz produz enquanto aprende sua segunda língua. A natureza sistemática da fala torna possível a comunicação. Richards (1971: p.13)⁷ aponta que o modo como os aprendizes de uma segunda língua falam é sistemático, assim como o dos falantes nativos adultos da língua e a linguagem das crianças.

Os erros são evidência do sistema de uma língua. São evidência de suposições das regras da língua-alvo (Target-Language), guiadas por princípios, mas incorretas. A chave para a Análise de Erros é a natureza sistemática da

linguagem e, conseqüentemente, do erro.

Corder (1973) diz que os erros, rupturas do código para falantes nativos, mostram que os aprendizes ainda não internalizaram as regras de formação da segunda língua. Todavia eles têm utilidade pois, a quebra de um mecanismo fornece evidência da natureza do seu funcionamento normal.

Corder (1967)⁸ acredita que tais erros na fala de segunda língua revelam uma tentativa sistemática de lidar com os dados, e que eles devem desempenhar o mesmo papel em nosso estudo da aquisição de segunda língua que as diferenças entre a fala de crianças e adultos desempenham no estudo da aquisição da primeira língua.

I.4.2

Estratégias de aquisição da segunda língua

Algumas análises sugerem que durante o período de aprendizagem, tudo o que o aprendiz diz reflete estratégias de aquisição da linguagem.

Em qualquer situação de aprendizagem, desde a de uma criança aprendendo sua língua nativa até a de um adulto aprendendo uma segunda língua, a estratégia de aprendizagem de reduzir a fala a um sistema mais simples parece ser empregada por todo aprendiz. Tanto a criança nativa quanto o aprendiz de segunda língua têm um estágio "telegráfico". Não se sabe se a redução da fala na aprendizagem de primeira língua e na aprendizagem adulta de se-

gunda língua é a mesma, qualitativamente. O que interessa é que esta estratégia é empregada pelo aprendiz de segunda língua. Jain (1974)⁹ mostra que o processo de redução da fala a um sistema mais simples é usado tanto pela criança quanto pelo adulto. A criança nativa expande esse sistema com o tempo, mas muitos adultos continuam operando esse sistema reduzido durante toda a sua aprendizagem.

Na conclusão de seu estudo Richards (1971) chama a atenção para as estratégias usadas pelos aprendizes: "It has been remarked that 'very surprisingly' there are few published descriptions of how or what children learn. There are plenty of descriptions of what the teacher did and what materials were presented to the children, but little about what mistakes the children made and how those can be explained, or of what generalizations and learning strategies the children seem to be developing... It may be that the child's strategy of learning is totally or partially independent of the methods by which he is being taught." A análise é geralmente feita do ponto de vista do linguista, não do da criança.

Logo adiante o mesmo autor continua dizendo que muitos erros porém derivam das estratégias empregadas pelo aprendiz na aquisição da linguagem e da interferência mútua de itens dentro da língua-alvo.

Assim os erros dos aprendizes podem ser resultado de estratégias de aprendizagem, tais como super-generalização e analogia, pelas quais os aprendizes testam suas hi-

póteses sobre a estrutura da língua; de estratégias de as similação, em que o aprendiz torna sua tarefa de aprendi- zagem mais fácil; e de estratégias de comunicação, onde o aprendiz adapta o que ele sabe a um modelo eficiente d e comunicação, produzindo uma gramática usual ideal a par tir do que ele depreende da língua.

I.4.3

Paralelos entre a aquisição de primeira língua e a aquisição de segunda língua

Ainda outras análises traçam paralelos entre a aqui sição de primeira e de segunda línguas. Pela observação da fala de crianças, em comparação com a dos adultos, tenta-se explicar as diferenças. Isso pode fornecer aos psicolin- guistas evidências sobre os processos mentais que estão envolvidos na aquisição da linguagem.

Corder (1967) deixa em aberto a questão se o proce so de aprendizagem de uma segunda língua é fundamentalmen- te diferente do da primeira aprendizagem. O autor propõe como hipótese de trabalho que a estratégia adotada para a aprendizagem de uma segunda língua é pelo menos parcial- mente idêntica à aplicada para a aquisição de primeira. A seqüência ou curso da aprendizagem não precisam ser o s mesmos. A hipótese que aquele que aprende a segunda lín- gua tem a testar é se o sistema da nova língua é idêntico ou diferente do sistema da língua que ele conhece, e se

for diferente, em que consiste a diferença.

Nada prova que o processo da segunda língua não seja fundamentalmente o mesmo, que tenha as mesmas estratégias ou procedimentos. O traço diferenciador seria a presença ou ausência de motivação: Na primeira aquisição, é o preenchimento da predisposição para o comportamento linguístico; na segunda seria a sua substituição por uma outra força.

Estudos de aquisição de primeira língua demonstraram estágios de desenvolvimento que são comuns entre línguas. Slobin e seu grupo tentaram estabelecer universais na aquisição de primeira língua.

Embora haja diferenças individuais e diferenças de linguagem, há certa evidência de que as crianças seguem o mesmo padrão de aquisição da linguagem. É de se esperar que os aprendizes empenhados na tarefa da aquisição da segunda língua passem também naturalmente por certos estágios comuns de desenvolvimento.

Embora a análise de erros esteja geralmente relacionada com aquisição de segunda língua, ela revela também estágios sistemáticos de aquisição da linguagem, em estudos longitudinais da aprendizagem de adultos, como sugere Richards (1971:12-13)¹⁰. Tais estudos demonstraram seqüências de desenvolvimento na aquisição de uma segunda língua.

Richards e Sampson (1974)¹¹ defendem estudos longitudinais tanto da língua nativa quanto da segunda língua

para a aquisição do sistema aproximativo do aprendiz.

Dulay e Burt (1972)¹² discutem a relevância de duas hipóteses que produzem erros na aquisição de segunda língua: A hipótese C.A. e a hipótese $L_2 = L_1$. A hipótese C.A. está relacionada com a teoria da transferência. A hipótese ' $L_2 = L_1$ ' tem a ver com uma teoria de organização mental ativa.

Os autores usam o termo 'goof' para designar um erro de produção feito durante o processo de aquisição da linguagem.

Propõem várias considerações teóricas que apoiam a hipótese $L_2 = L_1$ e que descrevem o processo da aquisição da segunda língua. Com base nessas considerações eles oferecem explicações alternativas para os erros que parecem apoiar a hipótese da Análise Contrastiva. Desse modo eles propõem estratégias de aprendizagem da língua que parecem dar conta dos dados disponíveis sobre os erros das crianças.

Como já demonstrava Richards (1971) muitos erros não são devidos à transferência direta da estrutura da primeira língua para a segunda. Assim a hipótese $L_2 = L_1$ supõe a existência de um princípio de organização mental ativa nas crianças. Esse princípio de organização mental inata faz com que o aprendiz use uma classe limitada de estratégias de processamento para produzir os enunciados em uma língua. A aprendizagem da língua se efetua com o exercício, pelo aprendiz, dessas estratégias de processamento na forma de regras lingüísticas que ele vai gradualmente ajustando enquanto organiza a língua particular a

que está exposto.

I.5

Descrição da língua do aprendiz

Considera-se que o aprendiz usa uma língua própria, derivada da sua base de primeira língua e sua língua-alvo (T.L.).

Vários nomes foram dados à língua intermediária usada por um aprendiz enquanto ele está aprendendo. Entre outros nomes há dialeto idiossincrático, dialeto de transição (Corder), Interlíngua (Selinker), Sistema Aproximativo (Nemser e Slama . Cazacu).

Corder (1971) compara a língua do aprendiz com a língua da criança ou com qualquer outra língua diferente e recomenda estudos longitudinais para estudar a aquisição de uma segunda língua: "It is proposed that a description of the learner's 'état de dialecte' can be better achieved by a recognition that what he speaks is not an inadequate or incorrect form of the target language but a peculiar transitional idiolect, which should be approached in the same way as the language of an infant or some unknown language'.

Ele recomenda conjuntos sequenciais de descrição dessa língua em estudos longitudinais: "... for this we need longitudinal studies of learners expressed in terms of sequential sets of description of their 'états de dialecte'.

Por razões óbvias, a fala dos aprendizes de segunda

língua têm uma característica instável. O objetivo da fala é normalmente se comunicar, ser entendido. Se o entendimento é apenas parcial, o aprendiz de uma segunda língua procura se adaptar às convenções do grupo social em que se encontra, provocando mudanças na sua fala, numa tentativa de se fazer entender na língua-alvo.

Corder (1971b) denomina a língua do aprendiz dialeto idiossincrático.

I.5.1

Um dialeto idiossincrático é um dialeto que não é a língua de um grupo social (dialeto social). As regras desse dialeto são peculiares. Corder (1971b:149)¹³ diz que uma das características do dialeto idiossincrático é que algumas de suas regras são particulares de um só indivíduo.

I.5.2

Sistemas aproximativos

Outra terminologia comum para descrever a língua do aprendiz de segunda língua é a de Sistemas Aproximativos.

Este termo tem a vantagem de implicar a natureza evolutiva da aprendizagem de línguas, uma vez que o sistema do aprendiz está em contínua modificação à medida que novos elementos são incorporados através do processo de aprendizagem.

Esses sistemas aproximativos variam de caráter de acordo com o nível de proficiência. Há também variação dependendo da experiência de aprendizagem, incluindo exposição a um sistema de escrita da língua-alvo (T.L.) da função da comunicação e das características pessoais de aprendizagem. A fala de um aprendiz, concebida nesses termos, é estruturalmente organizada, manifestando a ordem e a 'coesividade' de um sistema, embora em contínuas mudanças, e sujeito à reorganização radical através da incorporação maciça de novos elementos, à medida que a aprendizagem prossegue.

Nemser(1972) sugere que o comportamento da fala de aprendizes de línguas pode ser estruturalmente organizado e que a situação de contato deve ser por isso descrita pela análise contrastiva não só com referência à língua nativa e à língua-alvo do aprendiz mas também com referência ao sistema do aprendiz.

I.5.3

I n t e r l í n g u a

I.5.3.1

Caracterização da Interlíngua

Selinker(1972)¹⁴ chama a produção de fala em uma segunda língua de Interlíngua (Interlanguage), uma vez que ela invariavelmente difere da língua-alvo (T.L.), como sendo a segunda língua que o aprendiz está tentando apren

der. A língua-alvo, nesses termos, se restringe a apenas uma norma de um dialeto dentro do foco interlingüístico de atenção do aprendiz.

Quando um aprendiz tenta produzir sentenças em uma segunda língua, para a maior parte dos aprendizes, este conjunto de sentenças não é idêntico ao conjunto de sentenças que teriam sido produzidas por um falante nativo da língua-alvo se este tivesse tentado expressar o mesmo sentido do aprendiz. Temos então dois sistemas lingüístico que são, a esta altura, a língua do aprendiz e a segunda língua que ele pretende aprender. Um terceiro sistema lingüístico é o constituído pelos enunciados na língua nativa do aprendiz.

Várias considerações decorrem do estudo da interlíngua dos aprendizes. Os dados psicologicamente relevantes para a aprendizagem de segunda língua são os enunciados na língua-alvo de falantes nativos, e na língua base e interlíngua provindas de aprendizes de segunda língua. Os três sistemas lingüísticos são unidos psicologicamente por identificações interlinguais. Os aprendizes se baseiam em uma forma da língua-alvo.

1.5.3.2

Estrutura psicológica latente

Selinker (1972:48) igualmente sugere a existência de uma estrutura psicológica latente, diferente da estrutura lingüística latente sugerida por Lenneberg(1967), que

seria um dispositivo previamente formulado no cérebro, - que seria ativado sempre que um adulto tentasse produzir significados, em uma segunda língua que ele estivesse aprendendo: "... There exists a latent psychological structure, i.e. an already formulated arrangement in the brain, which is activated whenever an adult attempts to produce meanings, which he may have, in a second language which he is learning".

I.5.3.3

F o s s i l i z a ç ã o

Um outro importante conceito trazido pelo estudo da Interlíngua é a Fossilização. Trata-se de um mecanismo existente na estrutura psicológica latente, que está subjacente ao material lingüístico superficial que os falantes terão tendência a manter quando produzirem sua interlíngua. Este mecanismo é independente da idade ou grau de instrução do falante. Selinker (1972:49) define fossilização: "Fossilization, a mechanism which also exists in this latent psychological structure, underlies surface linguistic material which speakers will tend to keep in their IL productive performance, no matter what the age of the learner or the amount of instruction he receives in the TL".

Graças a esse fenômeno, material lingüístico produtivo que já se supunha que estivesse erradicado, aparece na interlíngua. Embora o material reemergente geralmente esteja ligado a erros, coisas corretas também podem reaparecer, especialmente se forem motivadas por processos di-

ferentes da transferência da língua.

I.5.3.4

Processos centrais na aprendizagem de segunda língua

Selinker (1972:37) sugere que há cinco processos centrais (e talvez mais alguns menores) e que eles existem na estrutura psicológica latente. São os seguintes os processos que ele considera centrais na aprendizagem de segunda língua:

P r o c e s s o s :

- 1 - Transferência da língua;
- 2 - transferência de treinamento;
- 3 - estratégias de aprendizagem de segunda língua;
- 4 - estratégias de comunicação de segunda língua;
- 5 - super-generalização de material lingüístico da língua-alvo (TL).

A análise da interlíngua deve ser feita considerando-se esses processos, que, de algum modo, dão conta da forma superficial dos enunciados da interlíngua.

I.5.3.5

Fatores que influenciam a aquisição da segunda língua

Richards e Sampson (1974), baseados na pequena quantidade da pesquisa e especulação existentes sobre a lin—

guagem do aprendiz sugerem que sete fatores podem influenciar e caracterizar esse sistema aproximativo. Apresentamos, a seguir, um sumário desses fatores, por julgar que são de interesse para o estudo do sistema lingüístico da aprendizagem de segunda língua. O primeiro fator é a transferência da língua: "Sentences in the target language may exhibit interference from the mother tongue. This, of course, was considered to be the major, but not the only, source of difficulty by linguists doing contrastive analysis".

Um número de fatores interagem na determinação do sistema aproximativo da língua do aprendiz, e enquanto não se entender mais claramente o papel de alguns desses outros fatores, não é possível avaliar a quantidade de interferência sistêmica devida unicamente à transferência da língua.

O segundo fator, designado como interferência intralingual por Richards (1970)¹⁵ refere-se a itens, produzidos pelo aprendiz, que não refletem a estrutura da língua mãe, mas generalizações baseadas na exposição parcial à língua-alvo (TL). Ambos os fatores parecem revelar o processo de transferência de aprendizagem.

O terceiro fator é a situação sociolingüística. Diferentes contextos de uso de língua resultam em diferentes graus e tipos de aprendizagem de língua. Podem-se distinguir essas diferenças em termos dos efeitos do 'setting' socio-cultural na língua do aprendiz e em termos da relação estabelecida entre o aprendiz e a comunidade de aprendizagem de língua-alvo e os respectivos mercados lin-

güísticos dessas relações e identidades.

A situação sociolinguística pode incluir variáveis gerais de motivação e variáveis sociais que controlam a aprendizagem de uma segunda língua.

Um quarto fator é a modalidade de exposição à língua-alvo e a modalidade de produção. A produção e a percepção podem envolver a aquisição de dois sistemas que se superpõem parcialmente, havendo mais interferência na produção que na recepção das línguas de bilingues. Outros exemplos de modalidade afetando o sistema aproximativo do aprendiz são as regras de pronúncia e as confusões de estilos escritos e falados.

O quinto fator é a idade. Lenneberg (1967) nota um período de aquisição primária da linguagem, que se presume que seja biologicamente determinado, e que começa quando a criança começa a andar e vai até a puberdade.

Alguns aspectos da capacidade de aprendizagem da criança mudam à medida que ela se torna mais velha, e podem afetar a aprendizagem da língua. A capacidade de memória da criança aumenta com a idade. Ela adquire um número maior de conceitos abstratos, e os utiliza para interpretar sua experiência.

Não se pode, porém, fazer nenhuma afirmação categórica sobre a relação entre a aprendizagem de línguas e a idade. O fator idade não simplifica as coisas para a pesquisa da aprendizagem de segunda língua e do bilinguismo. Espera-se que as crianças que seguem estágios de desenvolvimento natural na aquisição de sua língua nativa também

usem, na aquisição da segunda língua, processos semelhantes aos que elas usam na aquisição da língua-mãe.

O sexto fator está relacionado com a instabilidade do sistema aproximativo do aprendiz: "Such systems are usually unstable in given individuals, since there is invariably continuing improvement in learning the target language. Because the circumstances for individual language learning are never identical, the acquisition of new lexical, phonological and syntactic items varies from one individual to another".

Na descrição do sistema aproximativo do aprendiz, as regras devem dar conta de fatos que não têm origem na língua mãe ou língua-alvo do aprendiz.

A dependência do sistema nativo ou do sistema-alvo não exclui a autonomia do sistema aproximativo.

O sétimo fator relaciona-se com a inerente dificuldade, para o homem, de certos itens e estruturas fonológicas, sintáticas ou semânticas. Algumas formas podem ser inerentemente difíceis de aprender qualquer que seja o 'background' do aprendiz. Se se quer postular uma hierarquia de dificuldade para os aprendizes de um dado 'background' lingüístico devem-se não só incluir as dificuldades da interlíngua mas também levar em consideração uma possível hierarquia universal de dificuldade (perceptiva e produtiva).

A dificuldade, em aprendizagem de línguas, foi definida pelos psicolinguistas em termos de fatores, como tamanho da sentença, tempo de processamento necessário, com-

plexidade derivacional, tipos de encaixamento, número de transformações, e complexidade semântica.

A facilidade e economia de esforço podem explicar - porque as primeiras estruturas e palavras aprendidas tendem a ser super-usadas e podem resistir à substituição por itens ensinados mais tarde. Nickel (1971)¹⁶ se refere a isso como o fator de cronologia, i.e., porque as estruturas aprendidas primeiro são mais simples, elas têm prioridade sobre as aprendidas mais tarde.

Richards e Sampson (1974 : 15)¹⁷ tecem considerações decorrentes do estudo do sistema aproximativo dos aprendizes e falam da significação pedagógica, lingüística e social que a análise de erros da interlíngua pode gerar. Os erros têm causas sociais, psicológicas e lingüísticas. Pesquisas sobre os sistemas de aprendizes de línguas devem levar em conta a interação desses fatores que não só são recompensantes em si mesmos, mas podem apresentar resultados úteis, não só para a aquisição da língua—gem, mas também para a teoria lingüística geral.

I.6

A descrição dos erros

1.6.1

Erros de recepção e de produção

Os erros podem ser de recepção e de produção, pois os processos receptivo e expressivo não são reflexo um do outro, embora o código seja neutro quanto ao comporta-

mento expressivo e receptivo. Embora a noção de erro seja mais aplicável a um indivíduo, pode haver também erros característicos de grupos (homogêneos) de aprendizes.

I.6.2

Erros de 'Performance' e de Competência

É preciso distinguir entre erros de performance (desempenho) e erros de competência. Os erros de performance (desempenho) são erros no relacionamento da língua com o contexto situacional ou extra-lingüístico em geral. São, em geral, erros referenciais ou estilísticos. São ocasionais e casuais e estão relacionados com fatores, como fadiga, limitações da memória, nervosismo, etc.

Os erros de competência são sistemáticos e podem representar tanto um estágio de transição no desenvolvimento de uma regra gramatical, quanto o estágio final do conhecimento do falante. Corder acredita que tais erros na fala de segunda língua revelam uma tentativa sistemática de lidar com os dados, e que eles devem ter o mesmo papel no estudo da aprendizagem de segunda língua que as diferenças entre a fala da criança e do adulto desempenham no estudo da aquisição da primeira língua.

1.6.3

Erros sistemáticos, assistemáticos e não-sistemáticos

Erros sistemáticos são erros que incidem em padrões

definíveis, mostram um sistema consistente, são governados internamente por princípios e são livres de arbitrariedades. São erros governados por regras, pois eles seguem as regras de qualquer gramática que o aprendiz tenha.

Erros assistemáticos, assim chamados por estar em oposição aos sistemáticos e não-sistemáticos, revelam um controle mais receptivo que produtivo nas áreas de indeterminação da interlíngua.

1.6.3.1

Áreas de indeterminação

As áreas de indeterminação do sistema do aprendiz são caracterizadas por certas generalizações que permanecem como hipóteses, por uma razão ou outra, e o aprendiz é incapaz de dar a elas o status de regras. Elas são, por isso abertas a influências perturbadoras. O resultado é que embora o aprendiz possa ostensivamente ter chegado a uma hipótese, ele não se sente capaz de aplicá-la com qualquer grau de consistência ao manejar seus dados de performance. Essas são áreas de indeterminação em sua 'syllabus' que dão origem a erros assistemáticos.

Além de erros sistemáticos e assistemáticos, o aprendiz, como o falante nativo, parece fazer erros não-sistemáticos também. São os lapsos da fala ou da escrita causados puramente por condições psicológicas, como agitação intensa e/ou fatores fisiológicos como cansaço, que mudam de um momento para o outro e de situação para situação. Os

erros nessa situação são ipso facto não-sistemáticos.

Corder(1973) distingue entre 'lapses', 'mistakes' e 'errors'. Como 'lapses' ele classifica os deslizes, os fal sos começos de frase, as confusões da estrutura. 'Mistakes' têm uma natureza diferente dos 'errors'. São caracterizados pelas mudanças de plano, pelas misturas (blends) sintáticas, pelas falhas (slips) da fala ou da escrita. Podem ser caracterizados como seleção de um estilo, dialeto ou variedade errados, i.e., uma falha na adequação da língua à situação. 'Errors', que representam contravenções do có digo para falantes nativos, mostram que os aprendizes ain da não internalizaram as regras de formação de segunda língua. A maioria dos erros dos aprendizes são linguística— mente bem diferentes dos erros cometidos por falantes nativos. A noção de erro é um tanto relativa, pois cada fa lante tem um código ou conjunto de códigos levemente diferen tes dos outros.

1.6.4

Competência de transição

A competência de transição é o conhecimento da língua até determinada data em questão. Como sugere o próprio nome, é realidade que se encontra em contínua mudança, à medida que o aprendiz completa sua aprendizagem.

Richards (1971)¹⁸ fala de erros como marcadores de competência de transição e diz que assim como se deve dis tinguir' entre erros de 'performance' (desempenho) e de

competência na análise dos dados da segunda língua, também deve-se distinguir os erros que indicam a seqüência de aprendizagem em que regras particulares de gramática são construídas e os que representam o estágio final de competência do falante. Os erros de competência são sistemáticos e podem representar tanto um estágio de transição (competência de transição) no desenvolvimento de uma regra gramatical como o estágio final de conhecimento do falante.

Importância dos erros

A literatura é unânime em reconhecer a importância dos erros no estudo da aquisição da segunda língua. Corder (1973) sintetiza a sua utilidade. Os erros são mecanismos de aquisição da linguagem. São importantes de várias maneiras:

1. para a análise da consecução dos objetivos do professor (em uma análise de erros, pedagógica—mente orientada);
2. para o pesquisador: são evidências de como a língua é aprendida ou adquirida, de que estratégias ou procedimentos o aprendiz está empregando na sua descoberta da língua (análise psicolinguística dos erros);
3. para o próprio aprendiz, como mecanismo de aprendizagem; um meio de testar suas hipóteses sobre a natureza da língua que ele está aprendendo.

Em uma abordagem psicolinguística, o fato de o aprendiz possuir sua língua nativa é um fator positivo, e os erros não devem ser encarados como sinais de inibição, mas simplesmente como evidência de suas estratégias de aprendizagem.

Corder (1971) considera que a língua do aprendiz não é caracterizada por erros e inadequações, mas é algo peculiar, como a língua de uma criança ou uma língua desconhecida.

Ele diz que a concentração do estudo em enunciados especificamente agramaticais ou inapropriados, pode levar a uma descrição distorcida da gramática dos aprendizes de uma segunda língua.

Ele critica as descrições da língua do aprendiz em termos de língua-alvo e sugere estudos longitudinais de aprendizes, feitos em termos de conjuntos sequenciais de descrição dos seus 'états de dialect'. O aprendiz de língua não fala a língua-alvo em nenhum momento, mas sim uma língua própria, um idioleto¹⁹, que sem dúvida compartilha de muitos traços da língua-alvo.

A idéia de Corder (1971:155) de que toda sentença - deve ser considerada idiossincrática até que se demonstre o contrário é convertida para Zydatiβ (1974) que afirma que o aprendiz não fala a forma padrão da língua-alvo, uma vez que sua competência é de transição e não ideal. Ele diz que o próprio nome idiossincrático revela comparação, em oposição à norma, i.e., à língua alvo, em termos de competência de língua nativa.

ZydatiB (1972:32) define um erro como um enunciado de um aprendiz de língua estrangeira, que é mal-formado e ou impróprio para falantes nativos daquela língua em uma dada situação.

I.7

A interferência

A interferência desempenha um papel muito relevante na aprendizagem de uma segunda língua, embora nem todos os erros feitos pelos aprendizes na tentativa da aquisição da nova língua se devam a este fator. Todavia este é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes. Por essa razão achamos de grande importância a inclusão nesse estudo de uma resenha sobre o fenômeno da Interferência. Jakobovits (1970) define generalização ou transferência como "o uso de estratégias previamente disponíveis em novas situações... Na aprendizagem da língua (...) algumas dessas estratégias vão se mostrar úteis na organização dos fatos sobre a segunda língua, mas outras, talvez devido a similaridades superficiais, vão ser desvirtuantes e inaplicáveis".

I.7.1

Contato e interferência: diferença entre línguas

A estrutura gramatical da língua nativa tende a ser transferida para a língua estrangeira. O aprendiz tende a

transferir as formas das frases, os dispositivos de modificação, os padrões de número, gênero e caso da sua língua nativa. Lado (1971:86) afirma que essa transferência ocorre muito sutilmente, de modo que o aprendiz nem mesmo a percebe a menos que se chame a sua atenção para casos específicos. E ele continua, afirmando que o aprendiz subestimar^á a força desses hábitos transferidos, que podem ser tão difíceis de mudar quanto transferidos como quando operam na língua nativa. Lado levanta o problema de distribuição e alega que quando o aprendiz transfere uma estrutura da língua nativa, ele transfere igualmente a sua distribuição, forma e sentido. Aponta a semelhança e a diferença como fatores de facilidade e dificuldade. As estruturas que forem similares serão fáceis de aprender porque serão transferidas e poderão funcionar satisfatoriamente' na língua estrangeira. As estruturas que forem diferentes serão difíceis porque, quando transferidas, não funcionarão satisfatoriamente na língua estrangeira, e terão, portanto, de ser modificadas. Considerando que os efeitos da transferência da língua nativa não são os mesmos quando o aprendiz fala a língua estrangeira e quando a escuta, ele distingue entre problemas relativos à produção e ao reconhecimento, que, embora na superfície pareçam ser os mesmos, se revelam diferentes quando da análise de problemas específicos.

Charles C. Fries (Lado, 1971), na apresentação do 'Linguistics Across Cultures', considera que 'Ao aprender sua língua nativa, uma criança não aprendeu somente a dis

cernir (receptiva e produtivamente) os contrastes específicos que funcionam como sinais na língua, aprendeu a ignorar todas as particularidades que não exerçam essa função. Desenvolveu um conjunto especial de 'pontos cegos' - que a impedem de reagir a propriedades que não constituam os sinais contrastivos da sua língua nativa. A aprendizagem de uma segunda língua constitui, portanto, uma tarefa muito diferente da de aprender a língua materna. Os problemas básicos não são causados por nenhuma dificuldade intrínseca das propriedades da nova língua, consideradas em si mesmas, mas essencialmente pelo 'conjunto' especial criado pelos hábitos da língua materna'.

Uriel Weinreich (1953) distingue entre contato e interferência. Ele diz que duas línguas estão em contato se elas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Tais indivíduos constituem o locus do contato. Em seguida ele caracteriza noções de Bilinguismo e Interferência:

"The practice of alternately using two languages - will be called bilingualism and the persons involved, bilingual. Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of language contact, will be referred to as Interference phenomena".

O termo interferência implica a re-estruturação de padrões que resultam da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais altamente estruturados da linguagem. É diferente de empréstimo ou de simples adição:

Quanto maiores forem as diferenças entre as línguas, maior é o potencial de erros, independente de que línguas estão em contato. Do ponto de vista do bilingue, a origem de uma semelhança entre duas línguas - quer seja resultado de uma herança comum ou um desenvolvimento convergente - é irrelevante.

Como pré-requisito para uma análise de interferência, é necessário estabelecer em cada domínio (fônico, gramatical e lexical) as diferenças e semelhanças, grandes ou pequenas, entre as línguas, sem, contudo, fazer uma generalização demasiado simplista.

I.7.2

'Setting' psicológico e sócio-cultural do contato lingüístico

A lingüística descritiva estabelece as formas de interferência mútua de línguas que estão em contato. Nem todas as formas potenciais de interferência se concretizam de fato. Um estudo completo da interferência numa situação de contato lingüístico, incluindo a difusão, persistência, e evanescência de um fenômeno particular de interferência, só é possível se se considerarem os fatores extra-lingüísticos. Há certos fatores não estruturais que são inerentes à relação da pessoa bilingue com as línguas que ela põe em contato. Entre estes estão:

- a facilidade de expressão verbal do falante e sua habilidade em manter as duas línguas separadas;

- a proficiência relativa em cada língua;
- a especialização no uso de cada língua, de tópicos e interlocutores;
- o modo de aprender cada língua;
- as atitudes em relação a cada língua, se idiossincráticas ou estereotipadas.

Os fatores extra-linguísticos, porém, não se restringem a bilíngues como indivíduos, mas podem afetar grupos de bilíngues.

Muitas outras características de grupos bilíngues - são relevantes em um estudo da interferência (Weinreich, 1953:378). Para se entender o contato linguístico, ele deve ser encarado num amplo 'setting' psicológico e sócio-cultural.

A interferência é determinada pela estrutura de duas línguas em contato com os fatores não linguísticos no contexto sócio-cultural do contato linguístico. Há necessidade de uma abordagem interdisciplinar do contato linguístico para conseguir descobertas mais completas sobre o problema.

1.7.3

Contato linguístico e contato cultural

O contato linguístico é considerado por alguns antropólogos como um aspecto de contato de culturas, e a interferência linguística uma faceta de difusão cultural

e aculturação. Na interferência lingüística, o problema de maior interesse é a interação de fatores estruturais e não-estruturais que promovem ou impedem tal interferência. Os fatores estruturais são aqueles que derivam da organização de formas lingüísticas em um sistema definido, diferente para cada língua, e num grau considerável independente de experiência e comportamento não-lingüísticos. Os fatores não-estruturais são derivados do contato do sistema com o mundo externo, da familiaridade do indivíduo com o sistema, e do valor simbólico que o sistema como um todo é capaz de adquirir e as emoções que ele pode evocar.

I.7.4

Mecanismos e causas estruturais de interferência

Uma manifestação de interferência lingüística se dá quando se separam os elementos não-pertencentes a uma língua, porque o falante ou o pesquisador sabem a que língua um enunciado pertence como um todo. Outro tipo de interferência que é extremamente comum no contacto entre línguas, e não envolve absolutamente uma transferência direta de elementos, e pode afetar tanto a expressão quanto o conteúdo, é por exemplo, a interferência fonêmica. Podem-se fazer identificações interlinguais entre relações gramaticais e procedimentos diferentes de morfemas segmentais, como, por exemplo, ordem das palavras entre duas línguas. - Identificações interlinguais se dão também ao nível do con-

teúdo.

Assumindo-se que uma língua é um sistema de oposições, uma identificação parcial dos sistemas é para o bilingue uma redução da sua tarefa bilingüística. E são essas identificações naturais que estão na raiz de muitas formas de interferência.

I.7.5

Interferência na fala e na língua

A diferença entre interferência na fala e na língua é poeticamente atingida por Weinreich na seguinte afirmação: "In speech, interference is like sand carried by a stream; in language, it is the sedimented sand deposited on the bottom of a lake". Deve-se distinguir então, as duas fases de interferência, como o fizeram Roberts (1939) na Linguística, distinguindo entre 'fusion' e 'mixture'; e Linton (ed. 1940) na Antropologia. Na fala ela ocorre nos enunciados do falante bilingue como resultado do seu conhecimento pessoal da outra língua. Na língua, encontram-se fenômenos de interferência que, tendo ocorrido frequentemente na fala de bilingues, se tornaram habitualizados e estabelecidos. Seu uso não depende mais de bilinguismo. Para o pesquisador, na fala, os fatores de percepção da outra língua e da motivação do empréstimo são mais importantes. Na língua o interesse está na integração fônica gramatical, semântica e estilística de elementos estrangeiros.

I.7.6

A estrutura como um determinante da Interferência

Os fenômenos da interferência são considerados como resultantes de duas forças opostas: estímulos de interferência e resistência à interferência, que podem ser fatores estruturais ou não-estruturais.

Certas formas de interferência são suscitadas, facilitadas, ou inibidas pelas diferenças estruturais concretas das línguas. Todavia o impacto total de uma língua sobre a outra, - a extensão em que a interferência de cada tipo estruturalmente determinado se manifesta - dificilmente pode ser coberto por dados estritamente lingüísticos.

Para praticamente cada forma de interferência há uma interação de fatores externos às estruturas das línguas que favorecem ou inibem o desenvolvimento da interferência daquele tipo. Os fatores externos englobam: traços individuais de falantes bilíngues, circunstâncias na situação da fala, como, e.g. O bilinguismo dos interlocutores, o envolvimento emocional do falante, etc., e o contexto sócio-cultural do contato lingüístico em que o valor social, purismo, e considerações semelhantes operam. Ainda podem estar atuando os elementos de tempo, ou duração do contato. Tais fatores atuam sobre o indivíduo, que, em última análise, é o locus do contato, e no grupo que faz do indivíduo o tipo de bilíngue que ele é e determina a situação da fala predominante.

Do ponto de vista estrutural, espera-se a ocorrência da interferência em ambas as línguas que estão em contato. Se, na prática, a interferência ocorre somente em uma direção, são, novamente, tais fatores não-estruturais como as vivências lingüísticas dos falantes e o 'setting' cultural, que são decisivos. A interferência pode se dar em diferentes domínios da língua e a sua direção e quantidade podem variar.

I.7.7

Interferência e variação lingüística

A interferência pode resultar em variação lingüística que é a mudança do uso habitual de uma língua para o de outra. Dois critérios podem ser usados para analisar a variação lingüística: os critérios do linguista descritivo e a experiência subjetiva do próprio falante.

Línguas novas, híbridas, como os crioulos e 'pidgins' se formaram como resultado de modificações em línguas que estiveram em contato. Certas condições são necessárias para determinar se estas variações adquiriram o status²¹ de novas línguas.

No conjunto todo, a preponderância de desvios que ocorrem constantemente de uma norma válida de fala exposta ao contato, sugere que uma nova língua pode estar a caminho. Mas além dessas indicações gerais, o linguista descritivo pode dizer muito pouco, porque os outros critérios do que constitui uma língua à parte estão no domínio

da sociolinguística, não da linguística, propriamente.

I.8

Metodologia em análise de erros

I.8.1

Reconstruções

Corder(1971:155) recomenda a metodologia de se fazer interpretações para determinar a natureza do erro. Uma interpretação plausível é feita através da comparação de uma sentença reconstruída com a sentença original. Na definição de Corder uma sentença reconstruída é o que um falante nativo da língua-alvo teria dito para expressar aquele sentido naquele contexto, i.e., é uma tradução equivalente. Assim uma interpretação plausível obtém-se fazendo-se o enunciado em questão ser reconstruído por um falante nativo da primeira língua do aprendiz.

O contexto situacional é importante para determinar se um enunciado é um erro ou não, pois além da boa formação semântica, lexical, sintática e fonológica, para um enunciado ser 'apropriado' ele deve conter adequação situacional (ZydatiB, 1974).

I.8.2

Métodos de estudo da Interferência na fala

O estudo de elementos emprestados é mais simples que a observação da interferência no ato da fala, pois para

elicitar os empréstimos o pesquisador de campo tem o próprio informante e pode fazer repetidos inquéritos e se utilizar também de testes escritos. A observação da interferência no ato da fala é melhor realizada na conversa entre dois informantes. Daí a dificuldade peculiar de, por um lado deixar o informante falar tão livremente quanto possível, e, pelo outro, interrompê-lo para obter esclarecimentos sobre o uso e motivação.

A maioria dos estudos se concentraram na fase de aprendizagem da língua, embora outros aspectos tais como esquecimento da língua, sonhos bilingues, bilinguismo sob hipnose, comportamento patológico de fala, mistura morfológica e mistura da fala, com folclore bilingue e produção literária de bilingues também possam ser estudados.

Vários foram os métodos usados para a coleta de dados, desde a observação introspectiva, a observação de crianças bilingues durante períodos de tempo, técnicas de teste de grupos a gravação da fala de bilingues em conversações dirigidas, e ainda o método de trabalho de caso clínico empregado pelos neurologistas.

1.8.3

Quantificação da interferência

Não há nenhum meio fácil de medir ou caracterizar o impacto total de uma língua sobre a outra. O único procedimento possível é descrever as várias formas de interfe-

rência e tabular sua frequência. O costumeiro teste de proficiência de língua é uma forma sumária de medir a Interferência. Todavia esses testes²² têm defeitos como a não-naturalidade da situação de teste, e a classificação geralmente crua dos 'erros'.

Afinal, nem toda falha em proficiência pode ser atribuída à interferência, pois pessoas unilingües também iriam conseguir 'scores' desiguais se submetidos a testes de proficiência em sua própria língua.

I.8.4

Abordagem psicolinguística

Numa abordagem psicolinguística, as novas hipóteses sugerem que o fato de o aprendiz possuir sua língua nativa é um fator positivo, e os erros não devem ser encarados como sinais de dificuldade, mas simplesmente como evidência de suas estratégias de aprendizagem. É o que sugerem Richards e Sampson (1974) no final do seu trabalho: - "In summary, viewing the approximative systems of language learners not as pathologies to be eradicated but as necessary stages in the gradual acquisition of the target system may result in a deeper understanding of language in general and a more human approach to language teaching".

Assim, uma análise de erros completa deve levar em conta todas as teorias de análise de erros, e deve também se basear em informações de estudos longitudinais que investiguem as semelhanças entre a aquisição de primeira e

segunda língua que são adquiridas naturalmente.

I.8.5

S u m á r i o

Procuramos, nesse capítulo, apresentar um esboço da relação entre Análise de Erros e Aquisição de Linguagem. Partindo de diversos tipos de análise de erros, mostramos um breve histórico dessa área de estudos que teve sua origem na análise contrastiva. A literatura diverge na nomenclatura para a descrição da língua intermediária do aprendiz. Optamos pela denominação de interlíngua, pelas implicações lingüísticas e extra-lingüísticas que esse conceito engloba. Vários são os fatores que influenciam a interlíngua e uma abordagem psicolingüística da aquisição da linguagem não pode deixar de levar em conta a interação desses fatores num âmbito interdisciplinar.

A descrição dos erros e a sua caracterização destacam a importância psicolingüística dos erros como mecanismos de aquisição da linguagem.

A interferência da primeira língua é vista como um dos principais fatores de dificuldade na aquisição de uma segunda língua, embora nem todos os erros da interlíngua provenham da transferência da língua nativa. Há mecanismos e causas estruturais da interferência que podem ser quantificadas e descritas lingüisticamente, devendo-se, porém, levar em consideração outros fatores extra-lingüísticos que caracterizam um indivíduo bilingue.

NOTAS DO CAPÍTULO I

4. Richards e Sampson (1974) apontam defeitos da análise contrastiva:
"The major defect of contrastive analysis was deemed to be the attention paid to the analysis of two grammars. Some linguists proposed closer study of the performance of actual learners. Corder (1967), for instance, suggested that linguists study the process of language acquisition and the various strategies learners use. Stevens (1965) hypothesized that errors should not be viewed as problems to be overcome, but rather as normal and inevitable features indicating the strategies that learners use".

5. Richards (1971) conceitua a análise de erros: "The field of error analysis may be defined as dealing with the differences between the way people learning a language speak, and the way adult native speakers of the language use the language".

6. Segundo Richards (1971): "Errors in second language learning, it is sometimes said, could be avoided if we were to make a comparison of the learner's mother tongue and the target language. The sum of the differences would constitute his learning difficulties, and it is here that teaching strategies would be optimal".

7. Richards (1971) aponta: "It has been suggested that the differences between the way a second language is often spoken and the way the language is spoken by native speakers are systematic, just

as children's language follows a definite norm and developmental sequence of its own..."

8. Corder (1967) acredita: "It is in such an investigation that the study of learner's errors (in second language learning) would assume the role it already plays in the study of child language acquisition, since the key concept... is that the learner is using a definite system of language at every point in his development, although it is not the adult system in the one case, nor that of the second language in the other. The learner's errors are evidence of this system and are themselves systematic".

9. Jain (1974) mostra que o processo da redução da fala a um sistema mais simples é usado tanto pela criança quanto pelo adulto: "Though both the native child and the second language learner use a developmental process of speech reduction at one stage in their learning they diverge: the native child 'expands' his 'reduced system' to give a one-to-one correspondence with the accepted adult system of his speech community; the second language learner, with varying degrees of adjustment, continues to operate it as a reduced system".

10. Richards (1971) sugere estudos longitudinais de aprendizes de segunda língua: "Are some of the errors observed in second language learning also representative of developmental sequences by means of which the learner masters, the rules of the English grammatical system?... What is needed are detailed longitudinal studies of an adult learner's progress with a second language, documenting the appearance and development of particular structures.

11. Richards e Sampson (1974) defendem estudos longitudinais: "Further detailed longitudinal studies of the sort carried out by Raven (1968/1970) and comparisons of longitudinal development in both the mother tongue and the target language, might suggest the degree to which the learner's hypotheses about the grammatical rules of the mother tongue are related, and at what stage systematic

introduction to particular elements of the target language is likely to be of greatest benefit".

12. Dulay and Burt (1972) discutem duas hipóteses para a aquisição da segunda língua: "We discuss two conflicting hypotheses:
1a. - the contrastive analysis hypothesis which predicts that L₂ goofs (a 'goof' is a productive error made during the language learning process) will result from first language (L₁) interference, and 2a - the L₂ = L₁ hypothesis which predicts that L₂ goofs will be similar to L₁ goofs and are not the result of negative transfer.
13. Corder (1971b) define dialeto idiosincrático: "It is in the nature of idiosyncratic dialects that they are normally unstable. The reason for this is obvious. The object of speech is normally to communicate, i.e., to be understood. If understanding is only partial, then a speaker has a motive to bring his behavior into line with conventions of some social group, if he is able. This instability accounts for part of the difficulty experienced by the linguist in describing idiosyncratic dialects".
14. Selinker (1972) caracteriza a interlíngua: "... the existence of a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner's attempted production of TL norm. This linguistic system we will call 'interlanguage' (I L)".
15. Richards (1970) caracteriza Interferência intralingual: "Both language transfer and intralingual errors confirm the traditional notion of transfer of training; that is, previous learning may influence later learning".
16. Nickel (1971) se refere ao fator de cronologia: "We all know that patterns learned first have priority over patterns learned at a later date because of the convenient simplicity of these first

basic structures..."

17. Richards e Sampson (1974) falam da importância do estudo da língua do aprendiz: "In short, the seven factors discussed above suggest that the approximative systems of language learners are much richer in linguistic, pedagogic and social significance than heretofore suspected. No linguistic paradigm at present encompasses them all but this is to be expected, for they are the results of social, psychological and linguistic interactions. Future research on the systems of language learners will take into account perhaps the interaction of all these factors (as well as others yet to be discovered). While approximative systems of language learners may be studied as entities worthy of attention in and of themselves, the results of such study should also provide feedback to language teaching practice and to general linguistic theory".

18. Alguns erros podem indicar Competência de transição, como diz Richards (1971):
"Just as we need to be able to distinguish between performance and competence errors in the analysis of second language data, so it may be necessary to distinguish between those errors that indicate the learning sequence by which particular grammatical rules are built up and those that represent the final state of the speaker's competence".

19. Todos falam idioletos. Dialeto e língua se definem em termos de graus de semelhança dos idioletos.

21. Há certas condições para determinar o status de uma nova língua, como em Weinreich (1953): "... (1) a form palpably different from either stock language; (2) a certain stability formed after initial fluctuations; (3) functions other than those of a workaday vernacular (e.g. use in the family, in formalized communication, etc.); (4) a rating among the speakers themselves as a separate-language".

22. Com relação ao emprego de testes de proficiência na quantificação da interferência, Weinreich comenta: "... poverty of expression in the second language (i.e., exaggerated concentration on high-frequency forms and a propensity for circumlocution of difficult forms) is as a rule not recorded as a lack of proficiency, even though it is a result of interference. Moreover, not every gap in proficiency can be attributed to interference; after all, unilingual persons would also achieve unequal scores for proficiency in their own language. Nevertheless, the foreign language proficiency test can be employed as a crude instrument, specially if response time and similar factors are taken into account".

CAPÍTULO II

OS PRONOMES PESSOAIS - NATUREZA DOS PRONOMES PESSOAIS

O PRONOME 'IT'

II.1

Os pronomes pessoais fazem parte de um sistema de referência denominada referência pessoal. A referência pessoal é a referência realizada pela função na situação da fala, através da categoria da pessoa. A função gramatical desses pronomes, em nosso estudo, é a de sujeito.

A classe superficial de pronomes pessoais não é necessariamente uma categoria gramatical em todas as línguas do mundo. No português não há uso obrigatório de um pronome pessoal para expressar o conceito de pessoa em relação ao enunciado. O sistema de referência é conhecido como 'pessoa' onde 'pessoa' é usada no sentido especial de 'papel' (função), num ato de fala. Tradicionalmente reconhecem-se três categorias de pessoa: 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas, que podem ser do singular ou do plural. Assim, através de um pequeno conjunto de opções de pessoa, pode-se fazer referência a pessoas, objetos e entidades relevantes no ato da comunicação, na situação do discurso. Os pronomes pessoais se distinguem primordialmente, pelo seu papel no processo da comunicação, de todas as outras entidades. No

processo da comunicação distinguimos dois papéis, que são o de locutor e de interlocutor; papéis determinados pelo locutor. As outras entidades todas, não envolvidas nessa relação direta locutor-interlocutor, assinalam a terceira pessoa, ou seja, têm outros 'papéis'. Em termos de gramática tradicional, não se faz distinção entre 1.^a e 2.^a pessoas de um lado e 3.^a do outro.

'EU' é o pronome mais central, sempre se referindo ao locutor. É a forma do pronome egocêntrico em posição de sujeito. Junto com a segunda pessoa, 'EU' é participante na 'performance' de um enunciado, ao passo que a terceira pessoa é apenas referida, mas não participante. A segunda pessoa, em português, engloba um conjunto grande de opções, dependendo do número de interlocutores, da sua hierarquia social, ou da distância social entre locutor e interlocutor, diferentemente do inglês, onde essas distinções se extinguíram. Assim, a segunda pessoa em português apresenta um conjunto de opções que abrange 'TU', 'VÓS', 'VOCÊ; VOCÊS', 'O SENHOR', 'OS SENHORES', 'A SENHORA', 'AS SENHORAS' e muitas outras variedades dialetais e de registro. É interessante notar que em português, embora todo esse vasto conjunto apontado acima realize um único papel de interlocutor no processo da comunicação, seu uso envolve diferentes formas gramaticais. Assim, 'TU' e 'VÓS' determinam diferentes formas na flexão verbal, enquanto que os outros pronomes aqui mencionados são considerados tradicionalmente como itens gramaticais de 3.^a pessoa, quanto à concordância verbal. -

Ainda quanto à distinção locutor-interlocutor, temos um outro item, que é 'NÓS'. 'NÓS' é diferente de 'EU' + 'EU', não se tratando de simples pluralização de 'EU' (o que seria impossível, dada a unidade do conceito egocêntrico de 'EU'). Temos então um 'NÓS' inclusivo, que quer dizer 'EU' + 2.^a pessoa, e um 'NÓS' exclusivo, que significa 'EU' + 3.^a pessoa, sendo sempre 'EU' o elemento predominante. 'NÓS', então, é uma terceira forma, que representa o locutor junto com uma outra pessoa ou pessoas, entre as quais o interlocutor pode ou não estar incluído.

Os outros pronomes representam os 'outros papéis' fazendo referência específica a pessoas ou coisas. Assim temos 'ELE' e 'ELA', que são tradicionalmente usados para masculino e feminino, respectivamente, e podem ser pluralizados em 'ELES' e 'ELAS'.

A distribuição das outras entidades quanto ao gênero é mais ou menos arbitrária e depende de uma série de variáveis, que não cabe aqui analisar, como a relação do locutor com a espécie em questão, o seu sexo, idade ou preferência. Em português há falta de um pronome pessoal neutro para cobrir essa categoria de pessoa.

Tanto em português, como no latim e no italiano, a pessoa do sujeito pode ser determinada pela flexão verbal. O uso do pronome sujeito nessa instância é opcional e não há necessidade da sua presença como categoria gramatical para expressar o conceito de pessoa em relação ao enunciado.

II.1.2

O sistema pronominal em inglês

No Inglês, em frases declarativas simples na voz ativa, ou em perguntas, sem nomes próprios ou nomes comuns, a categoria de pronomes pessoais é obrigatória na estrutura superficial. Esses pronomes pessoais são um grupo sistêmico de palavras que obedecem a certas regras sintáticas e têm certas formas, em certas posições. Essas regras não se aplicam ao conjunto todo, mas agem como um guia para o que pode ser considerado como candidatos a membros do conjunto.

Marichal(1974) diz que um lugar para se procurar evidência de dêixis em uma língua é no sistema pronominal, o conjunto de mecanismos para marcação de pessoa. Os pronomes expressam dêixis de pessoa porque eles se referem aos participantes do ato de comunicação, e não podem ser corretamente interpretados sem algum conhecimento da identidade dessas pessoas. E Marichal continua: "They can be used gesturally, (give it to him), symbolically (We'd be glad to come, where we = I and X, not you), and anaphorically (I saw Nixon on T.V. and he made me sick)".

Citando Ingram(1975), ele diz que todas as línguas têm pelo menos quatro(4) pessoas e pelo menos dois conjuntos de número: "In his 'Typology and Universals of Personal Pronouns', David Ingram notes that all languages have at

least two number sets: 'one' and 'greater than one'.

Mas algumas línguas têm até quinze pessoas e conjuntos de quatro números. Marichal mostra que de acordo com Ingram, das 71 línguas examinadas por P. Porchenheimer (1953) são mais comuns os seguintes sistemas de pessoas:

1. O sistema de 6 pessoas (19 línguas);
2. O sistema de 11 pessoas (15 línguas);
3. O sistema de 7 pessoas (10 línguas);
4. O sistema de 9 pessoas (5 línguas).

Marichal descreve o sistema do inglês e faz uma recomendação para quem se proponha a estudar a aquisição de pronomes por crianças falantes de inglês:

"English has a five-person system, a relative rarity; it is identical to a 6 person system, except that the plural of thou in English is unmarked. It should be kept in mind when remarking on the complex development of personal pronoun use in English - speaking children, that they are struggling with a system that is simpler than that of many languages, although it does have one asymmetrical feature - the neutralization of the number system in the second person."

O sistema de 6 pessoas referido têm a seguinte distribuição:

'I'	'WE'
'THOU'	'YOU'
'HE'	'THEY'

Para o inglês, o plural de thou não é marcado.

Huxley(1970) apresenta os seguintes pares no siste-

ma pronominal do inglês:

"1. In modern English, we find the following pairs:-
I-me; he-him; she-her; we-us; they-them; (...) -
that is in English, the subject form of many personal pronouns is one type".

E ela continua dizendo que a forma subjetiva difere da forma tomada pelo mesmo pronome para a expressão de to das as outras relações gramaticais, exceto no caso de 'YOU' e 'IT', que conservam a mesma forma em qualquer posição.- As formas objetivas são consideradas formas marcadas quanto ao caso. Assim, em:

2.1 - The Queen spoke roughly to him.

2.2 - The gardener painted them red.

Him e Them são formas marcadas, assim como me, her, us.

11.1.3

Natureza dêitica dos Pronomes Pessoais

Paul Postal(1966) afirma que os pronomes são uma forma de artigo definido. Há uma estreita conexão entre pronomes e artigos, devido à natureza dêitica das duas classes de palavras. Diferentes categorias gramaticais se encarregam de expressar a dêixis em línguas diferentes. A dêixis recobre a relação espaço-temporal ou sequencial expressa por um enunciado ou parte de um enunciado, como um pronome, com o mundo exterior ou com algum enunciado ante

rior, ou pela referência ao conhecimento entendido, compartilhado pelo falante e ouvinte (anáfora).

Novamente citamos David Ingram(1970), desta vez em outro trabalho, "Toward a Theory of Person Deixis", e m que ele resume o escopo do seu trabalho. Ele distingue dois tipos de pessoa na língua, pessoa dêitica e pessoa sintática (páginas 52-53):

"In summary, this paper has attempted to outline some general notions for person Deixis. It puts forth the claim that there are two kinds of person in language, deictic person and syntatic person, and that two kinds of feature are needed to capture them. Deictic person is marked by the feature 'speaker', 'hearer' and 'other', and concerns the roles of participation in the speech act. Syntactic person has such features as first, second, third, and plural, and affects the agreement restrictions between nouns and verbs".

Ingram, do mesmo modo, define duas unidades, compostas por estes traços dêiticos e sintáticos. Ele afirma que a unidade dêitica da pessoa é um universal lingüístico, que se encontra no nível mais abstrato da Gramática. Pela especificação dêitica de pessoas marcam-se os papéis no ato da fala, naquele nível mais abstrato da gramática. A unidade dêitica baseada diretamente no ato de fala usado na comunicação forma uma maneira motivada de determinar papéis em uma sentença. As categorias que marcam mais de um papel apresentam esquemas de papéis (funções):

"The person deictic features compose what I refer

to as the person deictic unit which is a linguistic universal. It is assigned at the most abstract level of grammar. Person deictic specification conventionally marks the roles of the speech act at that level. So too, referential indices are assigned based on the number of pluses in the deictic person unit. In this way the deictic unit based directly on the speech act of language used in communication provides a motivated manner of determining roles in a sentence. Role schema applies to those categories marking more than one role. Coordinate collapsing then may apply under certain very specific conditions. It is hoped that these tentative proposals may contribute to the research into the still evasive topic of deixis".

Os pronomes expressam a noção de pessoa, que é uma manifestação da dêixis. As pessoas representadas por nomes ou pronomes devem ter traços dêiticos ou de localização em relação ao enunciado, e.g.: 'Eu', o falante; 'Você', o interlocutor; 'Ele', a pessoa de que se fala. A relação dos pronomes com os artigos se mostra mais através dos pronomes demonstrativos 'This' e 'That', em que os traços dêiticos de localização são mais óbvios. Nas línguas românicas, os pronomes de 3.^a pessoa e os artigos se desenvolveram a partir do pronome demonstrativo.

Há relações de significado entre os pronomes. Eles não indicam apenas pessoa e número, mas apresentam um outro tipo de relacionamento. 'EU' é o pronome mais central, é a forma adulta para o pronome egocêntrico em posição de

sujeito. 'EU' e 'TU' são participantes na produção de um enunciado, enquanto as formas de terceira pessoa não são participantes, mas referidas.

II.1.4

Relações de subjetividade e de personalidade nos pronomes pessoais

Benveniste (1974) questiona a legitimidade de se chamar a terceira pessoa de pessoa e a considera 'não-pessoa', uma vez que as pessoas referidas por ela não participam do discurso.

Benveniste (1974) aborda os pronomes como um fato da linguagem, mostrando que eles não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem, i.é, inclui, além dos signos, aqueles que deles se utilizam.

As instâncias de emprego de 'EU' não constituem uma classe de referência, já que não existe um 'objeto' definível como 'EU' ao qual essas instâncias possam se remeter idênticamente. Cada 'EU' tem sua referência própria e corresponde cada vez a ser único, posto como tal. 'EU' ou 'TU' se referem somente a uma 'realidade de discurso'. 'EU' só pode ser definido em termos de locução, não em termos de objetos, como acontece a um signo nominal. 'EU' significa 'a pessoa que enuncia a presente instância de discurso contendo 'EU', e só pode ser identificado pela instân-

cia de discurso que o contém'. A forma 'EU' só tem existência lingüística no ato de fala que a profere. É ao mesmo tempo referente e referida e poderia se definir como 'o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso contendo a instância lingüística 'EU'. Assim, simetricamente, pode-se definir 'TU' como 'o indivíduo abordado (allocutê) na presente instância de discurso contendo a instância lingüística 'TU'. Essas definições visam 'EU' e 'TU' como categorias da linguagem. A referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a 'EU' / 'TU' uma série de indicadores. A dêixis é contemporânea da instância de discurso que traz o indicador de pessoa. O essencial é a relação entre cada indicador e a presente instância de discurso. A língua recorre a uma série de expressões para exprimir o outro plano da linguagem. Essas formas pronominais têm inerentemente a referência ao sujeito falante e remetem não à realidade ou a posições objetivas mas à enunciação cada vez única. Servem à comunicação inter-subjetiva. São signos vazios que, só se tornam plenos no ato da comunicação. São instrumentos de conversão da linguagem em discurso. Seu emprego tem por condição unicamente a situação do discurso. O exercício da linguagem funda o discurso individual onde cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira, transformando-a em instâncias de discurso, por um processo de apropriação. As instâncias de discurso são sempre pessoais, salvo aquelas que escapam à condição de pessoa, isto

é, remetem-se a uma situação objetiva e constituem o domínio da terceira pessoa, ou não-pessoa. A terceira pessoa representa de fato o membro não-marcado da correlação de pessoa e serve à referência objetiva. Assim, na classe formal dos pronomes, os chamados de 'terceira pessoa' são inteiramente diferentes de 'EU' e 'TU', por sua função e natureza. Têm uma função de representação sintática que se estende assim a termos tomados às diferentes partes do discurso e que responde à uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado e mesmo um enunciado inteiro por um substituto mais manejável. Assim, a terceira pessoa tem características próprias:

1. Combina-se com qualquer referência de objeto;
2. Não é jamais reflexiva da instância de discurso;
3. Comporta um número às vezes grande demais de variantes pronominais ou demonstrativas;
4. Não é compatível com o paradigma dos termos referenciais como aqui, agora, etc. (refere-se a objetos reais, não a instâncias do discurso).

A terceira pessoa fica excetuada da relação pela qual 'EU' e 'TU' se especificam. Daí se questionar a legitimidade desta forma como "pessoa". Ela não tem uma referência específica. Como consequência a terceira pessoa não é uma pessoa.

A própria forma verbal é que tem a função de exprimir a não-pessoa. Geralmente, a pessoa só é própria às posições 'EU' e 'TU'. A terceira pessoa é, em virtude da

sua própria estrutura, a forma não-pessoal da flexão verbal. Ela se usa quando a pessoa não é designada e notadamente na expressão dita impessoal. Nesses impessoais trata-se de um processo relatado apenas como puro fenômeno, podendo ter sujeito mas não pessoa (agente). A unicidade específica das pessoas 'EU' e 'TU' / 'VOCÊ' é uma característica marcante. São sujeitos cada vez únicos. Mas a 3a. pessoa pode se remeter a uma infinidade de sujeitos. Outra característica é que 'EU' e 'TU' são reversíveis. Não ocorre nenhuma dessas relações entre uma dessas pessoas e a 3a., pois a terceira pessoa em si não designa especificamente nada nem ninguém. A terceira pessoa é a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente.

Como a terceira pessoa não implica nenhuma pessoa, ela pode tomar qualquer sujeito, ou não ter nenhum, e este sujeito, expresso ou não, nunca é posto como 'pessoa'. Ele apenas traz um acréscimo de informações necessárias para a compreensão do conteúdo, não para a determinação da forma. Tudo o que está fora da pessoa estrita só pode receber como predicado uma forma verbal da 3a. pessoa. As duas primeiras pessoas se opõem por uma oposição de 'pessoa EU' a 'pessoa não-EU'. É uma correlação de subjetividade, i.e., 'EU' é sempre transcendente em relação a 'TU' ('EU' é interior ao enunciado, exterior a 'TU'). Assim 'EU' é a forma subjetiva frente a 'TU' - pessoa não-subjetiva. As duas se opõem à não-pessoa (=3a.).

II.1.4.1

O plural pronominal

Na grande maioria das línguas o plural pronominal não coincide com o plural nominal. A unicidade e subjetividade inerentes a 'EU' contradizem uma pluralização. O plural da 1.^a pessoa é encarado como uma junção do 'EU' + o 'Não-EU', formando uma totalidade nova e particular. Assim, o 'NÓS' inclusivo (= 'EU' + 'VOCÊS'), determinado por uma correlação de subjetividade, e o 'NÓS' exclusivo (= 'EU' + 'ELES') determinado por uma correlação de pessoa. Essas correlações que organizam o sistema no singular se manifestam também no plural. De uma maneira geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa. Daí os empregos opostos, mas não contraditórios, do 'NÓS' de majestade e do 'NÓS' de orador ou de autor. A 'não-pessoa', estendida e ilimitada por sua expressão, exprime o conjunto indefinido dos seres não-pessoais. Tanto no verbo como no pronome pessoal, o plural é fator de ilimitação, não de multiplicação.

II.1.4.2

Correlações no sistema pronominal

Assim, as expressões da pessoa verbal são no s e u conjunto organizadas por duas correlações constantes:

1. CORRELAÇÃO DE SUBJETIVIDADE, opondo 'EU' a 'TU'.

2. CORRELAÇÃO DE PERSONALIDADE opondo as pessoas 'EU'/
'TU' à não-pessoa 'ELE'.

A distinção ordinária de singular e de plural deve ser, se não substituída, pelo menos interpretada, na ordem da pessoa, por uma distinção entre PESSOA ESTRITA (= singular) e PESSOA AMPLIFICADA (= plural). Somente a terceira pessoa, sendo uma 'não-pessoa', admite um verdadeiro plural.

11.1.4.3

Pronomes na língua e na fala

Uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais, conduz portanto a reconhecer nelas classes de natureza totalmente diferentes, e por conseguinte, a distinguir entre a língua como repertório de signos e sistema de suas combinações, de um lado, e de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias do discurso que são caracterizadas como tais por índices próprios.

11.1.5

Controvérsia sobre o sistema da pessoa

Schmidely (1976), em seu estudo "Controverse à propos du système de la personne" analisa os trabalhos de linguistas como Bobes Naves (1971), Guillaume, Moignet e Joly.

Ele diz que recentes estudos mostram que sua impressão sobre o pouco interesse que tinha o problema lingüístico da pessoa deve ser revista. Ele diz: "Bobes Naves s'appuie, sans les contester, sur les idées de Benveniste. À l'opposé, Moignet et Joly, disciples de Guillaume, se refusent à les accepter. La condamnation, chez Moignet, ne s'affirme qu'en 1972⁽¹⁾, lorsque, à propos de la 'troisième' ou 'non-personne', il s'élève contre 'une définition exagérément restrictive de la notion linguistique de personne' (p. 72).

No seu estudo, Joly assume uma posição bem definida. Ele é radicalmente contra as idéias de Benveniste:

"L'étude de Joly a le mérite de se prononcer de façon tout à fait nette: c'est une réfutation, radicale et soigneusement argumentée, de la conception de Benveniste".

Schmidely revê a sua posição, frente à teoria exposta nos estudos de Moignet, que ele reconhece serem de difícil compreensão, e se interroga sobre o fundamento das idéias de Benveniste: "Elle nous a fait saisir à posteriori, notre imprudence lorsque nous écrivions en 1973 dans notre note finale: "Malgré leur très grand intérêt ces études (Moignet, 1970 et 1972) ne nous semblent pas remettre foncièrement en cause les arguments ici avancés". Grâce à elle nous avons mieux compris les écrits de Moignet que sont parfois, comme ceux de Guillaume, d'une lecture ardue, particulièrement l'article sur "Personne humaine et personne d'univers"(1970) et nous avons été amené à nous interroger à nouveau sur le bien 'fondé'

des vues de Benveniste".

Schmidely, na conclusão do seu trabalho (pág.77) diz que, depois do estudo atento, argumentado e erudito de Joly, o problema parecia entendido e que Benveniste se havia equivocado quando lançara a idéia da 'não-pessoa' : "Après l'étude attentive, argumentée, erudite et attachante de Joly, la cause semblait entendue: Benveniste s'est fourvoyé lorsqu'il a lancé la notion de non-personne". Em seguida, Schmidely afirma que, depois de um reexame das posições teóricas de Guillaume e de Benveniste, e dos casos de discurso sugeridos por Joly o problema está longe de estar resolvido e que a questão permanece aberta: "Après une étude non moins attentive et argumentée - nous l'espérons des positions théoriques de Guillaume et de Benveniste, des cas de discours suggérés par Joly, notre conclusion est que le problème est loin d'être résolu et qu'il reste ouvert".

Em seguida Schmidely diz que a questão não é nova e que a variedade na ordem de apresentação das três pessoas que se observa nas diversas línguas mostra bem o problema. O fato de sempre quisermos enumerar as pessoas também é sugestivo, pois não fazemos isso com outras realidades, como, e.g., o gênero:

"La question n'est pas nouvelle et la variété dans l'ordre de presentation des trois personnes qu'on observe dans les différents langues la montre bien (cf.Schmidely, 1973, § 2.1.3):

sanskrit, langues sémitiques: 3eme, 2eme, 1ere
basque : 3eme, 1ere, 2eme
nombreuses langues indoeuropéennes: 1ere, 2eme, 3eme.

"Le fait qu'on ait tendance aussi à vouloir leur imposer une numérotation (alors qu'on ne parle guère de genre 1.ere, 2.eme..., de mode, 1.ere, 2.eme, 3.eme, ...) révèle bien que se pose un problème d'ordre entre les trois membres qui a reçu des solutions différentes selon les langues".

Schmidely mostra que a 'terceira pessoa' sempre esteve numa posição externa, seja no começo ou no fim. Para os discípulos de Guillaume, esta posição derradeira sempre foi mais atraente, pois para eles a terceira pessoa está sempre presente, sempre subjacente ao ato da fala. - Benveniste não a situa nem no começo nem no final do conjunto de pessoas, mas a deixa como exterior à noção estrita de pessoa, pois ela difere de uma verdadeira pessoa pela própria natureza:

"On remarque à ce propos que la '3me personne' se trouve toujours dans une position externe, soit en queue, soit en tête; cette dernière position devrait séduire les Guillaumiens pour lesquelles cette personne est toujours présente, partout sous-jacente à l'acte de parole. Pour Benveniste elle ne se situe ni en avant ni en arrière, mais elle est extérieure à la notion stricte de personne, elle diffère de celle-ci par nature".

Mas há alguns pontos de acordo entre as duas posi-

ções. A primeira e segunda pessoas formam um sub-sistema total da pessoa, o que faz o terceiro membro do sistema ter uma situação à parte, bem específica. Por esta unanimidade nos pontos de vista, se percebe o interesse da tese de Benveniste que o autor defende como a mais conclusiva, rejeitando as objeções:

"Il reste des points d'accord et il est bon de les souligner: il ressort de toutes les affirmations (et Joly le confirme dans ses analyses) que 1ère et 2ème personnes forment un sous-système dans le système entier de la personne et qu'en conséquence le 3ème membre du système se signale par sa situation à part, bien spécifique. Une telle unanimité révèle tout l'intérêt de la thèse de Benveniste, et dans l'état actuel de la recherche sur ce problème, c'est elle qui nous semble demeurer la plus concluante. Nous n'avons été convaincu ni par les objections de Joly ni par l'aspect positif de sa critique, c'est-à-dire par ce qu'il soutient comme théorie et comme applications de celle-ci".

II.2

O pronome pessoal 'IT' - 'IT filler'

Chafe(1970) considera que o sentido de sentenças como:

2.3 - a) It's hot.

2.4 - b) It's late.

2.5 - c) It' Tuesday, - parece não envolver nada

além de uma predicação em que não há nenhuma 'coisa' da qual a predicação é feita. O 'It' presente nessas construções é um elemento superficial, apenas, que não reflete nada na estrutura semântica. O verbo nessas sentenças reflete um estado que abrange tudo. Esses estados cobrem o ambiente total, não apenas algum objeto dentro dele. O verbo nessas sentenças é especificado como ambiente.

Em construções semelhantes, Chafe assevera que os verbos expressam ações, mas não determinam qualquer agente. Nos seus exemplos de (7)

- | | |
|----------------------|---------|
| (7) a) It's raining. | (7) V |
| b) It's snowing. | action |
| | ambient |

o verbo é também ambiente. Envolve um acontecimento que abrange tudo, mas que não se refere a uma 'coisa' particular, dentro do contexto. Assim, para Chafe, verbos que expressam ação ou estado podem ser especificados como ambiente, mas não os verbos que expressam processo, o que ele formaliza na seguinte regra (19-3)

V
 - process - - ambient

II.2.1

'It': ambiente + significado

Bolinger (1972) vai mais além. 'It' não é só um elemento superficial vazio, mas tem como referente precisa—

mente o ambiente, o que é central para a idéia toda. Arthur Schwartz (1972-70-71) classifica it como um Impessoal Situacional.

'Ambience' é própria do 'it' e não pertence ao verbo, considerando-se verbo o predicado inteiro.

Bolinger contesta a paráfrase proposta por Chafe para explicar sentenças como 'Tom is hot', mostrando que não se trata de 'sensação interior de calor de Tom', mas de calor ambiental, a paráfrase precisando ser parafraseada novamente.

Uma vez que 'it' é ambiente, não deveria sofrer limitações quanto ao tipo de verbos que ocorrem com ele. Segundo Chafe, verbos que exprimem processo não podem ocorrer com 'it' (i.é, com pacientes). Para Bolinger não se trata de nomes pacientes mas de complemento.

'It' não se restringe só a tempo, meteorológico e cronológico. As duas acepções de tempo exibem o traço que Chafe atribui a 'it', mas isso não é o que determina a natureza do 'it' ambiente. A ubiquidade de tempo apenas revela a evidência do "all encompassing state (Chafe:1970,102) what seems to be the case is that the particular state in (6)²⁴ are all-encompassing states". Expressões com pacientes e sem pacientes podem ocorrer com 'it', como nos exemplos:

2.6 - Get away from there; it's dangerous.

2.7 - Look at the way it's shooting sparks.

2.8 - It's inspiring here at MIT.

A única diferença é que, quando 'it' se refere a tempo, não há necessidade de mais especificação, como em:

2.9 - 'It's too cold.

II.2.1

Especificação da 'Ambience'

Se a 'ambience' não abrange a totalidade, então ela precisa muitas vezes ser definida, explícita ou contextualmente. O modo mais comum de especificar a 'ambience' é pelo acréscimo de um advérbio, que está envolvido, mesmo quando não mencionado, como em:

2.10 - God, it's hot (here); I wonder if it's as hot as this in Kansas City.

Também ocasião, manifestada por nomes que indicam acontecimentos expressam "ambience" óbvia:

2.11 - She has to stay in Cambridge because it's her graduation.

Nesses casos parece que o óbvio é mais importante que a 'ambience'. Em exemplos como o a seguir:

2.12 - Stop it (what you are obviously doing).

O 'it' não tem anáfora, nenhuma menção anterior, mas uma referência à situação ambiente.

II.2.2

Reminiscência de extraposição

A especificação adverbial no final dessas frases é

reminiscência de extraposição. 'It' poderia ser uma cópia do advérbio. Certas equivalências ou semi-equivalências parecem justificar a idéia, como em:

2.13 - Tomorrow's her graduation.

2.14*- In California is pleasant.

2.15 - It's her graduation tomorrow.

Mas a presente extraposição só se dá com formas que funcionam livremente, como nome ou advérbio (today, tomorrow, next week, etc...). O fato de que 'it' ocorre livremente quando não há extraposição sugere que o 'it' não copia a expressão ambiental, mas é somente especificado até um certo ponto por ela. Assim pode haver diferentes estruturas semânticas que convergem para um só significado (Chafe, 1970:139), fazendo de sentenças como as seguintes construções diferentes, apesar de sua semelhança de sentido:

2.16 - Tomorrow's her graduation.

2.17 - Tomorrow it's her graduation.

2.18 - It's her graduation tomorrow.

2.19 - Her graduation is tomorrow.

Em citações, o 'it' tem uma referência bem geral e não fica bem, por razões semânticas, com contextos muito específicos:

2.20 - In the Bible it says that...

2.21 - It says in the Bible that...

2.22*- In John's letter it says that...

Quando colocado no começo da frase, 'it' revela mais 'ambience' que quando vem posposto. Assim:

2.23 - It says in today's paper that...

2.24 - In today paper it says that...

O 'it' não combina com locações no plural. Então:

2.25*- It says in the Bible and in the Koran that...

Bolinger considera o 'it' de 2.3 e de 2.26 tão interligados, se não iguais, que qualquer separação seria arbitrária.

Considerem-se os exemplos abaixo:

2.3 - It's hot'

2.26 - It's hard to study.

Chafe considera o 'it' um elemento semanticamente vazio. Em termos gerativos é uma partícula introduzida transformacionalmente. Em ambos os casos haveria falta de significado. 'It' pode ocorrer em outras posições que a de sujeito, e não copia nominais extrapostos. Em termos mais simples, um 'it' ambiente numa pergunta pode ser respondido por um 'it' com infinitivo, onde a ordem 'normal' (S-V) não seria aceitável. Assim:

2.27 - How is it in your room? It's hard to study

It + inf (= aceitável).

2.28 - How is it in your room?* To study is hard.

A variedade de elementos que podem ser supostamente extrapostos, todos convergindo para o mesmo sentido, fornece mais evidência de que 'it' não copia nominais extrapostos. Assim:

2.29 - It's hard to do a job like that.

2.30 - It's hard doing a job like that.

2.31 - It's hard when you try to do a job like that.

2.32 - It's hard if you try to do a job like that.

2.33 - It's hard where you try to do a job like that.

2.34 - It's hard once you try to do a job like that.

Bolinger afirma que as cláusulas adverbiais têm a mesma relação com 'it' que outros advérbios e mostra como essas expressões adverbiais parecem ser uma espécie de sujeito deslocado do verbo principal. Essas construções evidenciam a independência do 'it'. Construções com '-ing' indicam uma circunstância vindo paralela ao locativo, não um sujeito. Assim:

2.35 - It's nice here playing chess.

A especificação adverbial com outros pronomes leva a não considerar o advérbio como um sujeito deslocado.

Os usos de There são apenas casos especiais de um uso que oscila entre mal repetir o elemento especificado, e abranger todo o seu contexto. There especifica 'You', como em:

2.36 - Stop it there!

11.3

Caracterização do pronome 'It'

Bolinger não considera o 'it' como um falso elemento, mas como um nominal com a maior generalidade de sentido possível. Pode ser substituído às vezes por 'things', mas é mais geral que 'things'. Engloba tempo meteorológico e cronológico, circunstâncias, o que quer que seja óbvio pela natureza da realidade ou pelas implicações do contex

to. A generalidade do seu sentido não quer dizer falta de sentido. 'It' tem significado e há problemas sintáticos relacionados com o seu uso, mas não se deve encará-lo por um foco exclusivamente sintático. O 'it' está num gradiente em que, de um lado é um item lexical relativamente independente, do outro, um elemento gramatical estreitamente controlado, dependendo do grau de especificação que ele traz. Às vezes o grau de especificação é tão necessário que o 'it' parece um elemento redundante, um mero artifício gramatical para conseguir uma certa ordem sintática, mas sem perder sua referência anafórica. O 'it' com infinitivo, embora especializado, não perdeu suas restrições. A especialização pode ser vista na maior prontidão com que o 'it' pode ser suprimido.

11.3.1

Comparação do 'It' e do 'Il' francês

Estreitamente ligados ao pronome 'it' estão os verbos que descrevem fenômenos meteorológicos. Schmidely (1976), analisando as construções com 'Il' francês, se refere a um tipo de verbos (p.73): "Le Semantisme de certains verbes écarte délibérément leur attribution à un quelconque locuteur ou allocutaire; en cela ils sont éminemment non-personnels⁽¹²⁾. Tel est le cas des verbes décrivant, par exemple, les phénomènes atmosphériques".

A nota de nº (12) refere-se a Moignet (1970, p.195).

Schmidely continua a descrever o problema dos verbos não-pessoais, dizendo que a primeira referência é ao contexto situacional onde o fenômeno se produz e onde o locutor es tá situado. Saindo desse contexto, há necessidade de indi cações para precisar a esfera de aplicação do fenômeno: - "Est-ce dire, pour autant, qu'ils ne renvoient à 'aucun référent spécifique' (Joly, p.42)? Enoncer il pleut, c'est affirmer que le phénomène se produit au moment et dans le lieu où se situe le locuteur, ce que déclare la forme présent du verbe qui réfère au présent de locution. Dès que l'on sort de cette référence première, normale, impliquée par les circonstances de la communication, de s indications sont nécessaires pour préciser la s p h è r e d'application du phénomène, son 'support': il pleut e n aut om ne, e n Normandie il pleut assez souvent!"

A indicação da não-pessoa, seja por meio da desinên-
cia, como em latim, em espanhol, e em português, ou por
pronome como o 'il' francês, o 'it' do inglês, ou o 'es'
alemão, não evoca 'o ausente de que se fala', mas declara
que o campo de aplicação desses fenômenos é uma realidade,
implícita ou explicitada, que, por natureza, não é nem o
locutor, nem o interlocutor⁽¹³⁾!

Schmidely explica a razão de as línguas que possuem
uma forma neutra para o pronome 'conjunct' utilizarem es-
sa forma para essas construções impessoais. É que essa
forma do pronome neutro marca de modo mais claro a dife-
rença entre a 3.^a pessoa e as pessoas estritas (EU/TU). E

cita exemplos do alemão, do inglês e do francês:

"C'est pourquoi dans les langues où il existe une forme neutre du pronom conjoint, c'est cette forme qui est utilisée puisqu'elle marque de façon plus nette la différence avec les personnes strictes: all. es regnet, ang. it rains; le français ne fait pas autre chose lorsqu'il propose, en langue familière, ça pleut.

A nota de nº (13) citada por Schmidely (p.83) é de Martin (p.385) que chega a uma conclusão sobre a transformação impessoal:

"Il n'est pas interdit de découvrir dans il quelque force agissante plus ou moins mystérieuse, mais il est plus raisonnable de penser que c'est le plus souvent une forme absolument vide qui dit tout au plus que le support de l'information est la situation où l'on se trouve et qu'il n'est pas utile de préciser".

É uma posição semelhante à de Chafe, que diz que o 'it' presente nessas construções é um elemento superficial apenas, que não reflete nada na estrutura semântica e que o verbo nessas sentenças reflete um 'all-encompassing state'.

Schmidely defende algumas das transformações propostas por Martin, mas, no caso dos verbos meteorológicos ele não vê justificativa semântica para a transformação proposta:

"Pour nous, le il n'est pas absolument vide puisqu'il 'dit' tout de même quelque chose. Nous sommes d'accord

sur l'utilité d'une transformation impersonnelle facultative ou obligatoire correspondant aux types I (ex: un train passe toutes les heures - il passe un train...); et II (ex: qu'il reprenne confiance - il importe qu'il reprenne confiance) de Martin. "Mais, pur le type III, Timp. obligatoire 'suppressive' (cas des 'verbes météorologiques'), nous ne voyons pas, d'un point de vue sémantique, de justification à une telle transformation. Transformer exige un état de départ et un état d'arrivée; or, dans ce cas, nous ne concevons pas deux états successifs. La nature même du phénomène concerné entraîne une construction non-personnelle".

Schmidely (p.74) mesmo é que mostra que certas idéias como a existência, a necessidade objetiva são concebíveis como fenômenos que se impõem antes de tudo no espaço e no tempo, antes de se remeterem a indivíduos particulares. - São construções não-pessoais:

"Certaines idées telles que l'existence, la nécessité objective (opposable à la nécessité subjective du verbe devoir) sont concevables comme des phénomènes que s'imposent avant tout dans l'espace et dans le temps, que débordent le cadre d'une application à des individus particuliers; - elles seront aussi dévolues à la construction non-personnelle: il est, il y a, il s'agit de, il faut".

Um outro autor, Galichet (p.102), citado por Schmidely, criador de uma tentativa de gramática psicológica, também declarava sobre o 'il': "on pourrait même se de-

mander s'il mérite véritablement le nom de personne, car, en somme, on ne le met pas sur le plan du dialogue: on en parle comme d'une chose".

Os casos apresentados aqui sobre o pronome 'il' do francês, são bem paralelos ao uso do 'It' do inglês, particularmente ao 'It filler' que recobre aqueles casos abordados pelos autores franceses. Apresentaremos a seguir alguns estudos sobre aquisição do sistema pronominal pelas crianças na aquisição de sua primeira língua, na tentativa de traçar alguns paralelos entre a aquisição de pronomes na primeira língua e na aquisição de segunda língua.

II.4

Pronomes pessoais na aquisição da primeira língua

Vários autores trabalharam com a aquisição de pronomes pessoais na aquisição da primeira língua, principalmente em relação à manifestação da dêixis nas crianças. Apresentaremos a seguir alguns comentários sobre conclusões excertas desses trabalhos.

Renira Huxley (1970) fez um estudo longitudinal detalhado de duas crianças falantes de inglês aprendendo a usar os pronomes pessoais sujeitos. Ela examinou duas crianças de 2:3 a 4:0. Já mencionamos Huxley em nossa abordagem da natureza dos pronomes pessoais. Ela considera tanto os artigos quanto os pronomes como membros de classe

dos dêiticos. Seus resultados parecem interessantes para o nosso estudo. Assim: 'I' é a forma mais comum desde o começo; 'I' + nome próprio podem ser usado separadamente - ou juntos. Um dos sujeitos, Douglas, usou seu nome durante quatro meses.

A distinção 'I'/'YOU' já estava presente desde o início do estudo, não havendo evidência de erros.

'HE' primeiramente se refere a uma pessoa à vista ou conhecida de ambos os participantes (instâncias de uso gestual ou simbólico). 'HE' é também usado mais tarde para se referir à pessoa mencionada anteriormente na sentença (anáfora sentencial). Desse modo as funções gestual e simbólica precedem a anafórica em ordem de emergência.

'WE' foi usado corretamente sete meses depois que 'I' já estava estabilizado (i.é., depois que as variantes não-adultas de 'I' foram abandonadas em favor do uso correto). Huxley pressente que isto é devido à maior complexidade de 'WE'. A ordem de emergência dos pronomes é mostrada a seguir, excluindo-se 'YOU', para Douglas, usando-se o critério de estabilização do uso correto após a supressão das variantes.

1. 'I' - 3 anos e 11 semanas;
2. 'HE', 'SHE', 'THEY' - 3 anos e 21 semanas;
3. 'WE' - 3 anos e 35 semanas.

Katriona, o outro sujeito, tinha um sistema quase adulto desde o começo do projeto. 'I' se estabilizou com 2 anos e dez meses. 'HE', 'SHE', 'THEY' foram corretamen-

te usados desde o começo. 'WE' foi usado corretamente com 2 anos e oito meses sem mais problemas.

Douglas usou as seguintes variantes em lugar dos pronomes em posição de sujeito:

1. 'I' - Douglas, 'ME', 'MY' (Katriona usou 'MY', 'MINE', 'MYS', em lugar de 'I').
2. 'HE'/ 'SHE', 'HIM', 'HER'.

Douglas tinha o pronome já estabilizado quando o usava em 'tag questions', enquanto a variante favorecida permanecia como sujeito da sentença principal. Como exemplos:

2.37 - "Douglas eat all my sweets, didn't I?"

2.38 - "Her is jolly strong, isn't she?"

Isso aconteceu com todos os seus pronomes sujeitos.

O desenvolvimento de 'I' foi assim:

1. Nome próprio - 2:3 - 2:7;
2. 'I' e também 'I' + nome próprio - com 2:8;
3. 'ME', 2:8 + 1 semana;
4. 'I' em 'tag questions', Douglas na sentença principal, com 3:0;
5. 'I' na sentença principal - 3:0 + 1 semana;
6. Na semana seguinte: alternância de 'I' e Douglas com algum predicado:
2.39 - "I want a sweet".
2.40 - "Douglas want a sweet".
7. 3:1 - Douglas desaparece, e as variantes 'ME', - 'MY' recorrem por 5 semanas;

8. 3:3 - 'I' é usado invariavelmente.

'YOU' plural foi raramente usado, se chegou a tanto. As crianças tendiam a dizer 'YOU e X' quando eles queriam expressar plural, como em:

2.41 - "Douglas let you and you". O 'YOU' significando 'VOCÊ' e alguém fora daqui' não apareceu, talvez porque eles se dirigiam somente a uma pessoa cada vez, conforme Huxley supõe.

II.4.1

'IT' na aquisição da primeira língua

Renira Huxley (1970: 152-153) afirma que 'It' tende a ser usado pelas duas crianças (do seu corpus) bem mais em posição de objeto que de sujeito nos estágios iniciais... Para ambas as crianças 'It_{NP}' foi usado em posição de objeto com verbos ativos onde a ação é mais importante que o objeto que recebe a ação. O 'It_{NP}' ocorreu em posição de sujeito, tanto para identificar objetos quanto para atribuir qualidades, como:

2.42 - "It's a jigsaw".

2.43 - "It's a sticky".

O uso de 'It_{NP}' e os pronomes demonstrativos, principalmente 'that', parecem mostrar uma estreita relação para as duas crianças. Ocorreu mais that precedendo um nome ou um atributo (predicativo) que 'It_{NP}' como sujeito.-

Para as duas crianças, 'It_{NP}' como objeto é, usado mais proporcionalmente nas primeiras semanas que 'It_{NP}' em posição de sujeito. Pelo fim do período de gravações, 'It', 'that' e 'this' parecem ter quase o mesmo uso como sujeitos. No estudo em questão, o pronome pessoal 'it' teve 117 ocorrências em posição de sujeito, para 250 em outras posições. Isso dá uma porcentagem de 68% para 32%, com vantagem para 'it' em outras posições.

Wills(1973) aborda o problema de eliminação de sujeitos em seu artigo 'Participant Deixis in English and Childish', e faz alguns comentários em relação a esse problema no 'baby talk' do inglês:

"Pronoun-dropping is a tricky problem for English, since, though pronouns are conventionally obligatory in most non-imperative sentences, they are typically dropped in the following contexts: elliptical sentences, sentences with tag questions, questions of the Receiver, and declarative sentences in letters ('wish you were here'). Less normal, but common in baby talk, examples of pronoun-dropping are n^os 11 to 13.

11. Had a hard time staying awake in class today.

12. Got a bruise from playing football (referring to R).

13. Wants to be let out".

A flexão verbal, segundo Wills, ajuda a explicitar a referência da terceira pessoa. No plural, a eliminação de pronomes parece não existir, ou ser muito rara:

"In cases of 3p, the referent is made explicit by the verb endings, which is not possible for most of the other persons. No instances of pronoun-dropping for plural referents in adult or baby talk have been noted, but this may only mean that they are extremely infrequent".

Finalmente, há muitos meios para esclarecer a ambigüidade da referência: "Disambiguation may be accomplished by a variety of means if the meaning is not immediately obvious by the context".

Young (1942), em seu estudo "Development as indicated by a study of pronouns", apresenta, entre outras, algumas conclusões gerais, algumas que dizem respeito à 3a. pessoa, especificamente a 'it'. Assim extraímos do seu 'Summary':

"2 - When it and other pronouns were combined it was found that the subjects referred more often to other persons, or to things and situations, - than to themselves as specific individuals, the respective proportions being 50 and 38 per cent".

Young mostra que os pronomes de 2a. e 3a. pessoas - foram mais frequentes que os de 1a. pessoa plural:

"3 - Personal pronouns of the second and third persons constitute 16 and 12 per cent of the total. Only about 5 per cent of the pronouns are those of the first person plural number".

A seguir analisa o uso de pronomes com o desenvolvimento da idade das crianças:

"4 - The subjects do not become less egocentric with age, as measured by their use of first personal singular pronouns".

Young mostra a razão de as formas de primeira e segunda pessoas ocorrerem mais que as de 3a:

"However, the older children talk proportionately less about objects and conditions, a practice which involves the use of it, and more about and to other people, a practice which involves the use of other (excluding i t) pronouns".

Goodenough(1938), em seu 'The use of pronouns by young children: a note on the development of self-awareness', observa que o uso de pronomes apresenta pouca variação dependendo da idade ou sexo, após os três anos, o que está de acordo com outros estudos, por exemplo, o de Young, citado anteriormente:

"2 - In agreement with the findings of other investigators, the percentage of pronouns in the total sample shows little consistent change with age or sex after the age of three years. Certain specified groups of pronouns, however, show very pronounced changes with age and with the conditions of observation".

Florence Goodenough mostra que na interação locutor /interlocutor os pronomes de 1a. pessoa, como não poderia

deixar de ser, são mais frequentes quando as crianças estão com os seus 'peers', que quando elas estão em outros contextos situacionais:

"3 - Pronouns of the first person singular (including the possessives) are used far more frequently during play with other children than when the child is alone with an adult".

Não acontece o mesmo com pronomes de terceira pessoa: "Both singular and plural pronouns of the t h i r d person with non-personal antecedents show the opposite trend in very marked degree".

Os pronomes de terceira pessoa do plural foram muito pouco usados:

"4 - Pronouns of the third person plural with personal antecedents are but rarely used at these ages".

Em seguida Goodenough apresenta uma explicação para o uso de pronomes neutros, tipo 'it', à medida que a idade aumenta:

"5 - Neuter pronouns of the third person singular make up a decreasing proportion of the total number of words used as age advances. This is due to the fact that the young child characteristically uses these pronouns in place of the names of unfamiliar objects. As vocabulary increases, nouns are gradually substituted for the indefinite neuters".

É interessante de se notar que ao mesmo tempo em que o vocabulário infantil cresce, decresce o uso de pro-

nomes de 3a. pessoa, pois as crianças quando se deparam com objetos antes não-familiares, agora passam a usar os seus nomes em lugar da forma pronominal neutra anteriormente empregada para designá-los.

Finalmente, Marichal(1974), na conclusão do seu artigo sobre dêixis na linguagem infantil, estabelece uma escala de usos dêiticos dos pronomes pessoais, com traços sócio-linguísticos na sua descrição:

"Thus deictic elements such as the personal pronouns, at first serve simply to identify participants in the communication act, later take on the function of referring to persons not present, or persons mentioned in previous discourse, and still later, in languages with T-V²⁵ distinctions come to mark social relationships between participants. The primitive YOU meaning not I or OTHER WHO I AM COMMUNICATING WITH develops the capacity of expressing many additional features of the social context, such as OTHER WHO IS MORE POWERFUL THAN ME or OTHER WHO IS YOUNGER THAN ME".

Assim, Marichal estabelece uma seqüência de funções pronominais, que vai da simples identificação de participantes no ato de fala, passando por referência a pessoas não-presentes ao ato de comunicação ou que tenham uma referência anafórica; e finalmente uma função sócio-linguística de marcar relações sociais entre os participantes, relações determinadas por posição social, classe, idade, sexo, etc.

Roger Brown(1973), em 'A First Language' (Harvard Press, 1973) observa que 'just about all studies of Stage I American English do find frequent occurrence of the personal pronouns I, YOU, ME and MY as well as the demonstrative pronouns this and that'. (p.80).

As crianças de Harvard, Adam, Eve e Sarah, usam 'I', 'YOU', 'It' (that) e 'MY' do seguinte modo, de acordo com a interpretação de Brown:

1. 'I', 'YOU' = agente ou pessoa afetada;
2. 'It' ou 'that' = objeto da ação, ou estímulo;
3. 'MY' = possuidor.

Todavia, Brown não discute como o sistema pronominal independente é adquirido. Como se vê no resumo acima, o pronome 'it' ou 'that' só aparece (mais uma vez, cf. - Huxley) como objeto da ação ou estímulo. Em nosso estudo, 'it' e 'that' foram usados em maior escala como pronomes neutros sujeitos.

II.5

Classificação do pronome pessoal 'IT'

Partindo de um ponto mais abstrato de referência, para um ponto mais concreto, poderíamos classificar as ocorrências do pronome pessoal 'it' em três casos diferentes:

1. It - It 'filler' (ambiente)
2. It_S - It proposicional ou sentencial
3. It_{NP} - It de referência clara.

II.5.1

Em primeiro lugar, o pronome poderia ser um mero su jeito formal imnessoal, um 'filler', usado em expressões de tempo, medida, espaço, fenômeno meteorológico, etc.... Segundo Chafe, um elemento superficial apenas, que não re flete nada na estrutura semântica. Ou, em termos do Bolin ger, um elemento superficial que tem como referente precisamente o ambiente. É o 'it' ambiente, que vamos abreviar It_f .

Vejam-se os seguintes exemplos do corpus:

(571) Because it is very sunshining.

(945) Yes, it was quite near to go.

(1017) ... but that was in Spring it was...

(1164) It's what the referee did.

(1404) Yes, but for Judo it depends on the colour of the stripes.

(1418) It doesn't rain for months, for months.

(1473) Think it's ahn twenty thousand.

(1941) It is already four o'clock.

Os exemplos (571), (945), (1017), (1418), (1473) e (1941) recobrem algumas das expressões mencionadas acima. Há, no corpus, muito mais exemplos desse uso do pronome - sem aparente referência. O uso 'ambiente' ocorre também em muitos outros casos. Acima, foram dados apenas alguns exemplos ilustrativos. Considerem-se os exemplos (1164) e (1404). Em (1164), o 'it' parece recobrir o contexto todo; em (1404) parece não haver referente para o pronome ,

sendo uma típica construção impessoal. A seguir, alguns exemplos onde esse pronome 'filler' foi indevidamente eliminado:

(848) Um. () is is going to have the birthday.

(949) () was un midnight.

(1152) () 'S foul.

(1417) Oh () looks as if it's all in the country.

(1560) () would be in the jungle.

(2230) () looks hot.

Os exemplos acima recobrem aquelas expressões onde ocorre o uso ambiente. Em (1152) e (1560) pode-se notar bem a falta de referência específica do pronome. Ele recobre a situação toda, o ambiente.

II.5.2

Em segundo lugar, partindo de um ponto mais abstrato de referência para um ponto mais concreto, temos o emprego do pronome sujeito it como ambiente, ou como tendo uma referência clara em termos de sintaxe, isto é, refere-se a uma frase nominal definida no contexto. Um ponto intermediário nessa escala seria o it sentencial, que se refere a uma sentença toda ou parte de uma sentença. Assim, em uma sentença como:

2.44 - "It was a pity that she sneezed...

O it se refere a toda a that clause (that the sneezed). É uma espécie de elemento vazio antecipador da in formação. Não é uma substituição de uma frase nominal mas

de uma sentença subjacente: she sneezed. Vamos convencionar esse it de It_S , it-sentencial.

Considerem-se os seguintes exemplos:

(1665) But it didn't sound strange at all.

(1875) No, it... it was fairly impossible.

(2303) No, it's up here.

Em (1665) o it se refere a uma sentença toda, anterior, pronunciada pela entrevistadora: ...'you said that when you heard yourself on tape...' Em (1875) o it se refere a uma sentença mencionada anteriormente: 'Do you really believe that un that they could've escaped the way they said they did?' O it do exemplo (2303) se refere a uma sentença vinda anteriormente: 'Of course he knows me because I'm always getting Turkish delight'.

II.5.3

Em terceiro lugar, num ponto mais concreto da escala de referência, o it tem, nos enunciados, uma referência clara, em termos de sintaxe: refere-se a uma frase nominal. Contrasta-se com 'HE' e 'SHE' e refere-se a uma frase nominal mencionada anteriormente, ou a algum objeto entendido, entre o falante e o ouvinte. O It_{NP} fornece uma referência anafórica, mas não demonstrativa, para objetos inanimados de referência. Vamos abreviá-lo em It_{NP} .

Vejam-se alguns exemplos:

(1205) It went over the back.

(1441) Yes, very famous cos it's very old.

(1683) Well it's quite easy cos I had it in Primary
in Brazil.

Em (1205) o it refere-se a 'the ball'; em (1441) o it substitui 'church'; em (1683) it se refere a 'analysis', mencionada anteriormente. Esse it de referência clara encontra-se abundantemente no corpus. Ele responde também pela maior parte das eliminações. Considerem-se os seguintes enunciados:

(1375) ... () is good. (sugar cane)

(1460) () 's very crowdy as well. (Rio)

(1531) () Is much bigger than France.(the State).

Nesses enunciados o it eliminado tem sempre uma referência clara. Refere-se sempre a uma frase nominal que o antecede ou segue.

A classificação acima proposta obedece a um critério sintático em que se procura propor ao it um papel, especificamente o de sujeito da sentença. Nos enunciados, o pronome it substitui uma frase nominal, seja ela um nome ou uma classe, citada anteriormente (anáfora), ou seguindo ao pronome (catáfora), o que abreviamos como It_{NP} . Quando o it se refere a uma sentença toda, anterior ou posterior, ou a um fato, nós o classificamos como it sentencial, marcado como It_S . Nota-se, então, que, embora o critério para classificar o pronome seja sintático, não deixa de haver uma certa influência semântica, que separa os dois primeiros tipos de It (It_{NP} e It_S) do It_f . No It_f não vislumbramos nenhum apoio semântico para o It, que é, então, apenas um recurso sintático para expressar o sujeito.

NOTAS DO II CAPÍTULO

23. Thou aqui é usado como símbolo da 2a. pessoa do singular, uma vez que a forma you é não-marcada.
24. O exemplo (6) mencionado por Chafe foi re-enumerado - nesta tese sob os n^{os}. (2.3), (2.4) e (2.5).
25. Marichal, nesse mesmo artigo, explica as "T-V distinctions": "In some languages, the paradigm of person and number is complicated by features of formality marked in second person address. The most typical system involves an informal or familiar, represented by the symbol T (from French Tu) in the literature, and a formal or distant, represented by the symbol V (from French vous)".

As línguas com distinções 'T-V' são as línguas que oferecem aspectos de dêixis social, principalmente no uso de formas de tratamento, como o Português, por exemplo.

C A P Í T U L O I I I

USO E ELIMINAÇÃO DO SUJEITO EM PORTUGUÊS - (I)

III.1

M e t o d o l o g i a

No intuito de pesquisar o uso e a eliminação do sujeito em português, foi feito um levantamento de 323 enunciados extraídos de um livro de Nelson Rodrigues (1943), Teatro Quase Completo, especificamente, do I ato da peça, 'Vestido de Noiva'.

Os enunciados foram arrolados e enumerados de 01 a 323, por ordem de aparecimento no corpus. Como enunciado, consideramos tudo aquilo que foi falado por um personagem na sua vez de falar, i.e, por vezes um número contém várias sentenças, marcadas como um só enunciado. Outras vezes, uma simples palavra, como uma interjeição, por exemplo, que não chega a constituir uma sentença, foi considerada, para efeito de nosso estudo, e por razões expostas acima, como um enunciado.

Na manipulação dos dados foram usados alguns sinais para marcar graficamente as diversas ocorrências. Assim temos as seguintes convenções:

- sujeito eliminado;

- + : sujeito empregado;
- s: construções impessoais, ou orações sem sujeito;
- FN: frase nominal ocorrendo como sujeito;
- PRO: pronome (demonstrativo ou relativo, indefinido, interrogativo) sujeito.

Foram estudados sujeitos de três tipos:

1. FN - Sujeitos representados por uma frase nominal;
2. Pronomes Pessoais de todas as pessoas e gêneros, singular e plural;
3. PRO - Outros pronomes que não os pessoais (demonstrativos, relativos, etc), funcionando como sujeitos.

III.2.

Frequência de uso e eliminação dos sujeitos:

Introdução:

Em nosso estudo, notamos que a função gramatical de sujeito é desempenhada, no mais das vezes, por esses itens de referência pessoal, que são os pronomes pessoais. Embora abundantes, eles não constituem a totalidade dos usos e omissões de sujeitos, pois estes podem estar representados por frases nominais, ou mesmo por outros pronomes, como os demonstrativos, relativos, interrogativos ou indefini

QUADRO I:
FREQÜÊNCIA DO USO E ELIMINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS (I)

	USOS (+)	OCORRÊNCIA	ELIMINAÇÕES (-)	OCORRÊNCIAS	FREQÜÊNCIAS (%)	
1a. PESSOA	EU	47	EU	126	+27	-73
	NÓS	00	NÓS	009	---	
	TOTAL	47	TOTAL	135	+26	-74
2a. PESSOA	VOÇÊ	31	VOÇÊ	43	+42	-58
	VOCÊS	03	VOCÊS	01	+75	-25
	O SENHOR	03	O SENHOR	02	+41	-59
	A SENHORA	02	A SENHORA	02	+50	-50
			VOÇÊ IMP	53	---	
			VOCÊS IMP	03	---	
			O SENHOR IMP	02	---	
			A SENHORA IMP	01	---	
	TOTAL	39	TOTAL	107	+27	-73
	3a. PESSOA	ELE	16	ELE	17	+48
ELES		01	ELES	03	+25	-75
ELA		13	ELA	19	+41	-59
TOTAL		30	TOTAL	39	+43	-57
PRONOMES PESSOAIS	1a. PESSOA	47	1a. PESSOA	135	+26	-74
	2a. PESSOA	39	2a. PESSOA	107	+27	-73
	3a. PESSOA	30	3a. PESSOA	39	+43	-57
	-	-	-S	70		
	TOTAL	116	TOTAL	351	+25	-75

nidos. De passagem, apenas, os pronomes demonstrativos realizam também um tipo de referência, a referência demonstrativa, que é uma referência por localização, numa escala de proximidade (perto/longe).

Não vamos analisar aqui a frase nominal na sua composição (núcleo + modificador (opcional)), mas vamos assumi-la como um todo, tratando apenas da sua função como sujeito. Igualmente não discutiremos a natureza dos outros itens referenciais (pronomes) que realizam a função de sujeito, nesse estudo. Também sob um rótulo simplificador, o de -p, classificamos toda uma gama de sentenças do português, onde, na estrutura superficial, parece não haver sujeito. Aí estão acomodadas as sentenças impessoais, infinitivas e outras construções anômalas.

III.2.1.

O Pronome 'EU' + EU: 47 -EU: 126 +26% / -74%

Conforme se pode ver no quadro frequência do uso e eliminação dos pronomes pessoais, o pronome 'EU' foi o pronome sujeito de maior frequência no corpus. Houve, para um total de 323 enunciados, uma ocorrência de 173 instâncias da pessoa. Dessas, 47 se constituíram em uso do pronome e outras 126 vezes foram exemplos de eliminação. Isso estabeleceu uma proporção bem acentuada de elisão do pronome 'EU'. Em números reais, essa proporção foi de +26% a -74%. Isto é, o pronome 'EU' foi muito mais eliminado que usado, na posição

de sujeito. Os enunciados onde ocorreu a primeira pessoa per fizeram um total de 173, o que representa um número bem significativo. Em termos de frequência, 173 ocorrências marcam mais da metade do corpus (53,5%).

III.2.2.

O Pronome 'NÓS' +NÓS: 00 -NÓS: 09

As ocorrências do pronome 'NÓS', como sujeito, foram todas do tipo +INCLUSIVO. Apenas um caso do pronome não foi de contexto imperativo. Não foi porém um uso, mas uma eliminação. Foi no enunciado (288). Assim, o enunciado.

(288) Ø Vamos, sim!

sofreu eliminação do pronome 'NÓS', e é dado em resposta ao enunciado anterior:

(287)... O diário podia botar uma reclamação contra o abuso dos automóveis.

O B S E R V A Ç Ã O

Cabe aqui uma observação quanto ao sistema pessoal no imperativo. Nas cláusulas imperativas, funciona um sistema de 'pessoa' à parte. O sujeito de uma cláusula é sempre um elemento 'pessoal'. Assim sendo, o interlocutor está sempre incluído, e a opção que se tem é a de mais ou de menos um locutor. Dito de outro modo, o contraste que se estabelece é entre, e.g. Vai (você)! e Vamos (nós)! onde Vamos! sempre

inclui 'você' ou uma 2a. pessoa, e pode também incluir o locutor, o que não ocorre com Vai! , onde só se tem uma segunda pessoa, a quem se fala.

Embora o sujeito do imperativo seja um elemento 'pessoal', ele vem quase que invariavelmente eliminado da estrutura superficial, embora persista a sua função 'pessoal' na sentença. Nos enunciados do corpus houve oito ocorrências de 'NÓS' com cláusula imperativa. Os pronomes sujeitos 'NÓS' que foram apagados na superficialização da construção imperativa são todos exemplos do 'NÓS' + inclusivo. Assim, nessas ocorrências, a presença do locutor se faz sentir na ação imperativa que está sendo enunciada, diferentemente de outros casos de imperativo, onde o locutor não se imiscui na sentença.

Os casos de enunciados imperativos foram arrolados, mas não serão considerados para efeito desse estudo, pois nos imperativos os pronomes sujeitos são normalmente eliminados, tanto em Português quanto em Inglês.

Agrupando-se os pronomes sujeitos de 1a. pessoa, temos o seguinte quadro:

III.2.3.

Pronomes Sujeitos De 1a. Pessoa

<u>Uso</u>	<u>Eliminação</u>
SING: + EU: 47	SING: - EU: 126
PLUR: +NÓS: <u>0</u>	PLUR: -NÓS: <u>09</u>
T O T A L 47	T O T A L 135

Frequência

+26% / -74%

Pode-se notar que o acréscimo da 1a. Pessoa do plural, 'NÓS', não alterou a porcentagem verificada anteriormente para 'EU'. A adição de 'NÓS' veio corroborar a maior porcentagem de eliminações que de usos nos pronomes sujeitos de 1a. Pessoa. A proporção de ocorrências de pronomes de 1a. Pessoa do singular 'EU' é muito maior que a de 'NÓS'. 'NÓS' ocorreu apenas nove vezes em 182 enunciados, tendo 'EU' sido o sujeito das restantes 173.

III.2.4.

Pronomes Pessoais de 2a. Pessoa

Como mencionamos na resenha sobre Pronomes Pessoais, a semelhança do que ocorre em outras línguas como o Inglês (Elizabethano) e Francês, que fazem distinções na forma de tratamento de 2a. Pessoa para mostrar um caráter + formal ou - formal, também o Português é sensível, e ainda em maior escala, a essas nuances sociolinguísticas. Assim, a nossa segunda pessoa engloba um amplo e variado conjunto de itens de referência pessoal específicas para cada situação de fala. Em nosso estudo, e vamos nos ater a ele nessas considerações sobre o sistema de referência pessoal em Português, tivemos os seguintes pronomes pessoais e pronomes de tratamento de 2a. Pessoa:

Singular	Plural
você	vocês
o senhor	-

a senhora

-

A começar por 'VOCÊ', que é o pronome pessoal menos formal em nossa escala de referência pessoal, a sua atuação se fez sentir em sentenças não-imperativas e também em sentenças imperativas. A ocorrência de 'VOCÊ' em sentenças não imperativas ficou assim caracterizada:

VOCE

Uso	Eliminação
+ vocô: 31	- você: 43
Frequência	
+ 42% / - 58%	

Houve portanto um equilíbrio entre +vocô e -você, ou em outras palavras, entre uso e eliminação desses pronomes como sujeitos dessas orações.

O item de referência pessoal 'VOCÊ', atuando como sujeito, seja no singular ou no plural, quer no contexto imperativo ou não-imperativo, sofreu eliminação muito mais acentuada que uso. Podemos afirmar, então, que é muito mais frequente a eliminação do pronome sujeito de 2a.Pessoa 'VOCÊ' do que o seu uso, o que nos mostra a porcentagem de +25% para -75%.

Em continuação ao nosso estudo de pronomes pessoais sujeitos, temos um outro item de referência pessoal de 2a. Pessoa. É a forma mais formal 'O SENHOR', também flexionada, para feminino, 'A SENHORA'.

Como sujeito em contexto não-imperativo, o pronome de tratamento 'O SENHOR' teve 03(três) ocorrências de uso e 02(duas) de eliminação. A freqüência fica, então, de + 59% a - 41%. No contexto imperativo, o pronome apareceu duas vezes em eliminação, não aparecendo nenhuma vez em uso. A forma feminina desse pronome, 'A SENHORA', apareceu duas vezes em uso e duas em eliminação, num total de quatro vezes. Isso estabelece uma porcentagem de 50% para uso e eliminação da forma feminina no contexto não-imperativo. A forma 'O SENHOR' teve somente flexão de feminino singular, não apresentando flexão de plural.

A freqüência global desse item de referência pessoal nos mostra um índice bem mais elevado de eliminação que de uso. Se juntarmos os dois itens de referência pessoal de 2a. Pessoa 'VOCE' e 'O SENHOR', mais as suas variantes (feminino, plural) vamos ter um quadro geral de freqüência de pronome pessoal sujeito de 2a. Pessoa. Assim:

2a. PESSOA

Uso	Eliminação
39	107

Freqüência

+ 27% / -73%

A freqüência acima nos mostra que, em termos de referência pessoal para 2a. Pessoa, as formas do pronome pessoal sofrem muito mais eliminações que empregos, a exemplo do que ocorre também com as formas de 1a. Pessoa, que são bem semelhantes em comportamento.

Poderíamos levantar aqui um problema:

Por que a diferença que se observa no Quadro I no uso dos itens referenciais de 1a. e 2a. Pessoas, em relação, aos de 3a. Pessoa?

Antes de procurar responder a essa questão, vamos olhar primeiro o que ocorre com os pronomes sujeitos de 3a. Pessoa.

III.2.5.

Pronomes Pessoais Sujeitos de 3a. Pessoa

Abordaremos inicialmente os pronomes pessoais propriamente ditos, i.e. o pronome 'ELE', também flexionado para o plural 'ELES', e ainda flexionado também para o feminino 'ELA'. Esses pronomes, realizadores de outras funções, específicas ou não, tiveram a distribuição que se pode notar no quadro abaixo:

3a.PESSOA

Uso	Eliminação
+ ele: 16	- ele: 17
+eles: 01	-eles: 03
+ ela: 13	- ela: 19
TOTAL: 30	TOTAL: 39

Frequência

+43% / -57%

A frequência nos mostra que mesmo nesses itens de referência pessoal de 3a. Pessoa a margem de eliminações ainda

superou a de usos do pronome sujeito. Embora esses itens não nos apresentem uma referência tão clara quanto os itens referenciais de 1a. e 2a. Pessoas, eles ainda são mais claros, em termos de referência, que os outros pronomes encontrados em nosso estudo, i.e. são mais específicos na sua função de referência.

Tais pronomes são diferentes dos pronomes referenciais em uso e significado. Para efeito de nosso estudo vamos ficar só com os demonstrativos, que tem um uso bem semelhante ao IT, ocorrendo em variação livre com esta forma nominal. Temos um último item a examinar. É o '-s' das orações sem sujeito e construções impessoais.

III.2.6.

Sob o título '-s' rotulamos várias sentenças onde, na estrutura superficial, não há um sujeito muito evidente. Não queremos dizer com isso que tais construções não tenham um sujeito. Elas possuem algum sujeito, nem sempre muito facilmente identificável. A razão do agrupamento dessas sentenças é de ordem puramente prática, apenas para simplicidade do estudo, pois não pretendemos penetrar na natureza profunda desses tipos de construções. A nossa preocupação é detectar os usos e eliminações dos pronomes pessoais como sujeitos das sentenças. Como nessas construções impessoais dificilmente, ocorrem pronomes pessoais como sujeitos, interessa-nos simplesmente considerá-las como sentenças desprovidas de um su-

jeito claro, fazendo parte da porcentagem de não-usos do sujeito, ou seja, das eliminações. Como dissemos no início, essas sentenças podem ser de vários tipos, como por exemplo, sentenças com partículas expletivas. Assim, temos várias sentenças iniciando com: 'quando foi que...'; 'como foi que...'; 'por que é que...'; 'o que é que...'; 'quem foi que...', etc...

Uma sentença desse tipo pode ser reescrita, aparecendo então mais evidente o seu sujeito. Considere-se o enunciado:

(3.1.) Não sei o que é que eu tenho. É uma coisa.

Poderíamos reescrevê-lo:

(3.1.)' Não sei o que é aquilo que eu tenho. É uma coisa (o
o que
que eu tenho)
sujeito

Em (3.1.)' podem se notar os candidatos a sujeitos, dessas formas. É claro que essa não é a única reescritura possível.

Outras construções também arroladas sob este item são as orações sem sujeito, expressando tempo (ou outra circunstância), de que é exemplo a sentença:

(3.2.) Já era tarde.

O enunciado (3.2.) expressa tempo meteorológico.

Também como '-s' reunimos sentenças em que se percebe a existência de um sujeito indeterminado. Temos indeterminação do sujeito em:

(3.3.) Tenta-se uma osteossíntese.

(3.4.) Se não der certo, faz-se a amputação.

O verbo ter, usado por haver, significando existên-
cia também ocorreu nesse contexto impessoal:

(3.5.) Mas não é só aquilo. Tem outras coisas.

(3.6.) Não tem ninguém aqui.

Outras orações, ainda, têm um sujeito oracional.

Considerem-se os enunciados abaixo:

(3.7.) Nunca pensei que fosse tão fácil matar um marido.

(3.8.) Faz mal ver a noiva antes. Não é bom ver a noiva an-
tes.

Em (3.7.) 'matar um marido' é sujeito de 'fosse tão fácil'; em (3.8.) 'ver a noiva antes' é sujeito de 'faz mal' e 'Não é bom'.

Observação: Não aparece o sujeito dos verbos ver e matar, embora existam. São sentenças que expressam verdades gerais, onde geralmente o sujeito é indeterminado.

Em algumas orações, embora pareça que não existe uma forma que preencha as funções de sujeito como um elemento sintaticamente visível e definível, sente-se que há necessidade de que alguém realize a ação do verbo. Antes, parece que é o próprio contexto, a situação, que faz o papel de sujeito. O sujeito seria o 'locativo', como se ele fosse resquício de uma construção que se apagou. Assim:

(3.9.) Aqui é o Pimenta (quem fala aqui)

(3.10.) Aqui é pior.

Em (3.9.) temos algo como: 'quem fala aqui é o Pimenta'; e, (3.10.) o sujeito pode ser buscado no enunciado anterior: 'ficar aqui é pior'. Assim, podemos dizer que o ele

mento locativo, sendo o que restou da construção apagada, é o sujeito da oração.

Descrevemos, então, brevemente, e de modo superficial, essas construções que foram consideradas sob o título '-s'. Ocorreram 70 casos de orações '-s', o que é um número significativo, ajuntado ao número das omissões de sujeito. Os sujeitos não empregados nessas orações são considerados como sujeitos de 3a.Pessoa, visto a terceira pessoa ter essa característica de poder se referir a entidades não participantes diretamente do ato de comunicação, mas recobrir uma margem bem grande de outros papéis. A maior parte dos enunciados ocorreu com o verbo he embora outros verbos também tenham aparecido, mas em muito menor escala.

III.2.6.

C O N C L U S Õ E S

É difícil discutir o quanto é significativo um levantamento desse tipo para se chegar a conclusões sobre o uso dos pronomes em Português. Há sempre algum inconveniente em se escolher uma obra literária como corpus. Por mais natural que seja a linguagem como é o caso em Nelson Rodrigues, há sempre elaboração. Apesar disso, a própria natureza da peça teatral põe em jogo muitos outros fatores, como recursos audio-visuais, linguagem gestual, que podem influenciar o processo da referência, o que não invalida, favorece o estudo, pois assim aproxima a amostra da linguagem natural, tornando-a re-

presentativa da fala corrente.

Examinando a frequência do uso dos pronomes pessoais no corpus, vemos que a porcentagem de omissões do pronome pessoal sujeito foi muito superior à porcentagem de empregos. Tivemos 25% de usos, para 75% de eliminações na frequência global. Com base nessas porcentagens podemos afirmar que é mais comum o não-preenchimento da posição de sujeito, que o seu preenchimento por uma FN ou um pronome. Assim, a forma mais comum de sujeito é \emptyset . Isso tem a ver com a natureza da língua em questão. O Português é uma língua bastante flexional. Como língua flexional, possui recursos específicos para a determinação de sistema de referência pessoal, i.é., através das terminações são caracterizados morfemas de pessoas, número, gênero, grau. O uso consistente desses morfemas propicia ao falante nativo os meios de se expressar adequadamente. O verbo em Português possui diferentes flexões para marcar as conjugações, tempos, modos e pessoas. Com as flexões marcando número e pessoa, a presença do pronome pessoal para determinar o sujeito seria redundante. Seria marcar antes o que virá obrigatoriamente marcado na forma verbal. O uso do sujeito, em forma de FN ou de pronome, só é necessário onde sua ausência acarreta dificuldade de compreensão, ou para enfatizar o realizador da ação verbal. Usar o sujeito, fora dessas circunstâncias, seria repetir informação, pois as formas já o denotam. A frequência do uso e eliminação dos sujeitos demonstra uma forte preferência pela eliminação dos sujeitos. Vista sob o ângulo acima, a Eliminação do Pronome Sujeito é efetivamen

te um fator de simplificação gramatical. Além da flexão verbal como responsável pelo baixo índice de usos de pronomes pessoais sujeitos em Português, há ainda um outro fator interferindo. É a própria natureza do ato da fala. A situação do diálogo envolve a interação locutor-interlocutor como elementos pessoais participantes no ato da comunicação. Verificamos, na frequência da 1a. e 2a. Pessoa, a mesma porcentagem de usos e eliminações. Intuitiva e implicitamente presentes, as formas de 1a. e 2a. Pessoas foram muito pouco usadas.

Qual a razão para a grande diferença entre a frequência das formas de 1a. e 2a. Pessoas (-27% / +73%) e a frequência das formas de 3a. Pessoa (-43% / +57%)?

Poderíamos tentar explicar essa diferença buscando uma resposta na própria natureza dessas formas de referência. Primeiro, pela natureza intrínseca do ato de comunicação, a sua realização requer a presença do locutor + interlocutor. Como vimos na exposição do Capítulo II, sobre referência pessoal, os pronomes de 1a. e 2a. Pessoas sempre estão envolvidos num ato de fala caracterizado como o diálogo, quer direta ou indiretamente. Dessa forma, talvez a própria situação do ato da fala, i.e., o conhecimento intuitivo da natureza desse ato de fala, leve o falante a eliminar esses elementos pessoais sujeitos na estrutura superficial, num processo de redução da redundância.

Em segundo lugar, as formas referenciais de 3a. Pessoa têm uma referência muito menos clara. Podem se referir a pessoas, masculinas e femininas, a objetos inanimados e não-

humanos, a entidades abstratas e neutras quanto a sexo, sendo, portanto, de uso muito mais generalizado. Essa generalização do uso, em oposição à especificidade e à clareza de referência das formas de 1a. e 2a. Pessoas, torna as formas de 3a. Pessoa muito mais necessárias para a identificação da referência. Benveniste considera a terceira pessoa como não-pessoa, dada a falta de referência clara e o acúmulo de referências que ela traz; por isso mesmo, são formas alheias à situação do discurso, e não referem; são referidas. Não participam do ato de comunicação, mas representam apenas o conteúdo desse ato, não interferindo diretamente na sua realização.

No estudo em questão, os pronomes pessoais de 3a. pessoa tiveram uma referência bem específica, i.e., referiram-se a pessoas, do sexo masculino ou feminino, no singular ou plural. Tiveram portanto um traço de referência específico /+humano/. Apenas o pronome ELE acumulou uma outra referência. Referiu-se duas vezes a objetos não-humanos e inanimados que foram os termos: diário e jornal. O pronome pessoal ELA sempre se referiu a uma pessoa feminina, humana, no corpus. Em Português não há um pronome pessoal neutro, como 'IT' em Inglês, capaz de representar objetos inanimados, animais, contextos, entidades abstratas, sentenças, etc... Parte dessa realidade é coberta pelo masculino como forma não marcada, parte pelo feminino e parte por outros pronomes, principalmente por demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos. Os demonstrativos principalmente estão engajados num sistema de referência, a referência demonstrativa, apoiada numa esca

la de proximidade. Não levamos em conta os sujeitos de 3a. pessoa representados por FNs e outros pronomes que não pronomes pessoais por razões de simetria com o estudo objeto dessa tese. Sem esses elementos, a frequência do uso e eliminação de pronomes sujeitos de 3a. pessoa ficou em torno de +43% para -57%, i.e, uma porcentagem semelhante ao comportamento de 'IT' no corpus de Inglês, que foi de -47,5% para +52,5%.

Acrescente-se ainda que há uma intersecção entre as formas verbais de 2a. e 3a. Pessoas do singular, sem falar das idiossincrasias peculiares à conjugação de cada verbo. Talvez reflexo dessa intersecção seja o uso carioca do sujeito 'TU' com forma verbal de 3a. Pessoa do singular, como em (3.11) Tu viu? Ainda essa intersecção é incrementada pelo uso dos outros pronomes de 3a. Pessoa, ou formas de tratamento, que embora tenham uma referência de 2a. Pessoa, possuem uma concordância verbal de 3a. Pessoa. Assim:

(3.12) * A senhora queres entrar?

(3.13) A senhora quer entrar?

Desse modo, vemos que em Português o uso do sujeito, seja em forma de FN ou pronome, não é obrigatório. Por outro lado não podemos afirmar que se trata de um uso opcional, pois há casos em que a presença de um sujeito expreso se faz obrigatória. O que se pode dizer é que o emprego ou a eliminação do sujeito é um problema de referência. Se o contexto, a situação do discurso, o conjunto de flexões da sentença não conseguirem tornar claro quem ou o que é o sujeito da sentença, então sua presença se faz necessária. Os dados nos mos-

tram que a incidência de usos do sujeito é muito menor que a de omissões. Isso sugere que a língua usa outros recursos para caracterizar o sujeito que a sua simples representação por uma FN ou pronome obrigatórios. Há um uso especial de sujeito que vale mencionar de passagem. É o uso enfático. Nesse contexto, embora seja claro o sujeito da sentença mesmo sem estar expresso, a sua presença visa atingir efeitos especiais, constituindo-se portanto, em uso retórico da linguagem.

III.3.

Uso e Eliminação do Sujeito em Português - (II)

Foi feito um outro levantamento do uso e da eliminação do sujeito em Português. Como 'corpus' foi usada uma página do Jornal da Tarde (página 19, do exemplar do dia 27/07/76). Considerou-se, para esse fim, um total de 547 enunciados. Tais enunciados foram arrolados assistematicamente, sem preocupação com a sua natureza ou características sintatico-semânticas. Não foi levado em conta o contexto em que esses enunciados ocorreram. Assim, de um total de 547 enunciados, em 284 foi verificada a presença do sujeito, seja em forma de FN, pronome ou oração. Nos restantes 193, o sujeito foi eliminado. Isso nos dá uma porcentagem de 52,5% de usos para 47,5% de eliminações. É importante notar que no 'corpus' objeto dessa tese, estudaram-se apenas as ocorrências de sujeito pronominal 'IT', ao passo que nessa pesquisa no jornal

foram considerados todos os tipos de sujeito. Daí talvez a maior margem de empregos do sujeito.

O texto do jornal (cfr. Apêndice) era constituído de reportagens de ocorrências policiais entremeadas de depoimentos pessoais em linguagem direta e nessa parte eram semelhantes aos enunciados proferidos por José Augusto.

III.3.1.

Pronomes Pessoais de 1a. Pessoa Singular

A maior frequência de eliminações se deu com os enunciados que tinham o sujeito na primeira pessoa do singular. Considere-se o seguinte enunciado:

(3.14) "...não pude perceber bem quem eram, não sei se conseguiria reconhecê-los. Só me lembro que pareciam todos²⁶ bastante jovens, estavam muito bem vestidos com roupas tipo Lee..."

No enunciado de (3.14) houve três eliminações do pronome 'EU' e dois do pronome 'ELES'. A primeira pessoa do singular 'EU' sofreu uma eliminação muito grande. Foi de 75%, para um uso de 25% apenas. Vejam-se os enunciados em (3.15).

(3.15) "...Fui logo agredido com um bofetão pelas costas. Achei isso uma coisa muito desagradável. Assim mesmo, fiquei quieto. Mas esse tenente me pegou a bofetões e me levou para o quartel dos bombeiros. Fui colocado num quartinho e apanhei muito - socos e pontapés..."

Não se usou o pronome pessoal de primeira pessoa nenhuma vez nesses enunciados, mas era claro, pelo contexto, quem era o sujeito. Igualmente, a própria flexão do verbo denota que o sujeito pronominal desses enunciados só pode ser um pronome de primeira pessoa do singular, ou seja 'EU'. Por tanto a natureza do ato da fala, da situação do diálogo, deixa claro o sujeito desses enunciados. As flexões do verbo também já o denotam. Também a primeira pessoa do plural 'NÓS' teve um comportamento semelhante. Foi usada em 20% dos casos e eliminada em 80%.

III.3.2.

Pronomes Pessoais de 1a.Pessoa Plural

Houve apenas um uso de primeira pessoa do plural 'NÓS' para quatro eliminações. Veja-se o enunciado abaixo:

(3.16) "...Nós somos muitos aqui dentro. Portanto, não tente chamar atenção da polícia ou de outro ônibus. Não queremos fazer nada de mal, se vocês quiserem cooperar. Você só precisa fazer o que eu mandar, e direitinho, pois temos tudo cronometrado..."

'NÓS', nesse contexto, se refere a 'EU' mais terceira pessoa do plural (os outros). Usado uma vez no primeiro enunciado foi depois, eliminado nos dois outros. A primeira pessoa do plural é um caso onde o emprego do pronome não é necessário, pois a forma verbal já denota o sujeito. Assim, a primeira pessoa do pronome pessoal no plural é nouquíssimo usada no 'corpus':

QUADRO II

FREQUÊNCIA DO USO E ELIMINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS(II)

	USOS		ELIMINAÇÃO		FREQUÊNCIA		
	ITEM	OCORRÊNCIAS	ITEM	OCORRÊNCIAS	USOS	ELIMINAÇÕES	
1a.	EU	15	EU	46	25%	75%	
Pessoa	NÓS	01	NÓS	04	20%	80%	
	TOTAL	16	-	50	25%	75%	
2a.	VOCÊ	03	VOCÊ	03	50%	50%	
Pessoa	VOCÊS	01	VOCÊS	00			
	TOTAL	04	-	03	57%	43%	
3a.	ELE	21	ELE	24			
	ELA	01	ELA	01			
	O	02	O	00			
	ELES	04	ELES	12			
	Pessoa	OS	01	OS	00		
		TOTAL(SING)	24		25	49%	51%
	TOTAL(PLUR)	05		12	25%	75%	
TOTAL	29		37	44%	56%		
Pronomes Pessoais Sujeitos	T O T A L	49		88	36%	64%	
Outros Sujeitos	T O T A L	235		166	58%	42%	
Usos	T O T A L	284		254	52,5%	47,5%	

III.3.3.

Pronomes Pessoais de 2a. pessoa singular e plural

Com base nos dados do corpus, o uso do pronome de segunda pessoa do singular foi da faixa de 50%. O uso e a eliminação foram iguais. A segunda pessoa do plural só ocorreu uma vez. Houve sete sentenças imperativas onde 'VOCE', implicitamente presente, vem normalmente eliminado na estrutura superficial. Consideramos irrelevantes os resultados obtidos aqui para a 2a. pessoa, dada a escassez dos dados, com a eliminação dos contextos imperativos.

III.3.4.

Pronomes pessoais de 3a. pessoa singular

A terceira pessoa do singular teve um comportamento diverso do das outras pessoas. Houve um uso e uma eliminação bem equilibrados, com ligeira vantagem para a eliminação. Assim, de 49 enunciados, em 24 foram usados os pronomes e em 25 eles foram eliminados. 47 ocorrências foram com os pronome pessoal de terceira pessoa masculina 'ELE', enquanto só duas foram de 'ELA'. O número de enunciados com sujeitos de terceira pessoa (49) representa menos de 10% de 'corpus' total. As porcentagens foram de 49% de uso para 51% de eliminações. Os dados mostram que na terceira pessoa faz-se muito mais necessária a presença de um sujeito pronominal, pois, além da forma verbal não indicar claramente quem é o sujeito, a multi-

plicidade de referências que o pronome de terceira pessoa po de recobrir agrava a vagueza da referência. Considerem-se os seguintes enunciados:

(3.17.) "...O motorista Gilberto prefere não falar da crise de nervos que sofreu. Diz que não consegue nem se lembrar direito do que aconteceu depois. Sabe que o ônibus foi levado por Lino até a Delegacia de Nova Iguaçu, onde prestou depoimento. Lembra que os passageiros foram embarcados em outro ônibus e seguiram para São Paulo. E que ele foi levado de volta para a garagem, com o inspetor e o gerente da Viação Cometa no Rio..."

O enunciado começa com um sujeito claro que é uma frase nominal: 'o motorista Gilberto'. As outras sentenças têm o mesmo sujeito, que, uma vez expresso na primeira sentença, não é necessário nas demais, pois o contexto é bem claro. Assim é que o pronome 'ELE' é eliminado seis vezes no exemplo de (3.17) e só é usado uma vez na sentença: "...e que ele foi levado de volta para a garagem, com o inspetor e o gerente da Viação Cometa no Rio..." 'ELE', nesse contexto, serve para explicar o sujeito 'o motorista', pois poderia ser também 'o ônibus'. Parece-nos que o uso mais comum da linguagem em Português é com os pronomes elípticos e que esses pronomes só são usados para tornar clara a referência.

III.3.5.

Pronomes Pessoais de 3a. Pessoa Plural

O pronome de terceira pessoa do plural, aqui indica

do por 'ELES', teve quatro usos, e foi eliminado em doze ocorrências. Vejam-se os exemplos abaixo:

(3.18.) "...Mas eles nem se lembraram de mim. Mandaram fazer um retorno, andaram conosco mais um pouco, e quiseram descer..."

'ELES' apareceu no primeiro enunciado, mas foi omitido nos demais, pois são sentenças coordenadas, e o uso do sujeito pronominal, uma vez co-referencial com 'ELES' da primeira sentença, é totalmente desnecessário. Vemos que a co-referencialidade é um dos fatores para o não-uso dos pronomes. Com isso eliminam-se os traços redundantes da fala, o que parece ser uma preocupação constante.

III.3.6.

Outros Sujeitos

Outros sujeitos, além dos pronomes pessoais, aparecem nos enunciados. Na sua maioria eles são representados por frases nominais, mas também outros pronomes ocupam essa posição. Aparecem pronomes indefinidos, pronomes relativos, pronomes demonstrativos e interrogativos, no rol dos sujeitos. Seguindo os pronomes pessoais, os pronomes mais usados foram os relativos que tiveram 41 ocorrências. Demonstrativos ocorreram poucas vezes, somente em cinco casos. Houve 93 enunciados que rotulamos '+S' ou '-S'. Tais enunciados são aqueles em que geralmente não há um sujeito claro, em construção impessoais, orações sem sujeito, ou com sujeitos oracionais ou

infinitivos, orações reduzidas de particípio ou de gerúndio, etc... Damos a seguir alguns exemplos, para elucidar a classificação:

- (3.19.) "...Apesar do pânico dos passageiros não houve mortes ou ferimentos, mas um saque completo de bolsase bagagens..."
- (3.20.) "...Quando tomei consciência do assalto, minha maior preocupação foi evitar que alguém morresse..."
- (3.21.) "...Feitos os cálculos, a polícia conclui que os bandidos roubaram 19.000 cruzeiros e 13 relógios, além de jóias e objetos pessoais..."
- (3.22.) "...Movimentando-se numa cadeira de rodas, ele exibia a fratura que sofreu no pé esquerdo e escoriações no rosto..."

Há ainda uma gama bem vasta de outros exemplos que se enquadrariam nesse contexto. Os exemplos arrolados como outros sujeitos, i.e., frases nominais, '+ S', '-S' e outros pronomes perfazem 73,5% do 'corpus' - (547), ficando os restantes 26,5% por conta dos pronomes pessoais. Em outras palavras, os pronomes pessoais representam aproximadamente um quarto dos sujeitos empregados no 'corpus'.

III.3.7.

C O N C L U S Ã O

O exame dos dados parece nos sugerir que o uso do sujeito, seja em forma de FN ou de pronome, sô é necessariamente

te obrigatório onde sua ausência acarretaria dificuldade de interpretação, sendo nos demais casos opcional. Acrescente-se que, quando opcional, há uma forte tendência para a eliminação do sujeito. A eliminação do sujeito nesses casos parece ser um mecanismo de simplificação gramatical. Em Português a própria forma do verbo já é marcada para indicar número, tempo, modo, pessoa. Assim, em (3.14.) por exemplo, as formas verbais 'pude', 'sci' e 'lembro' deixam claro que o sujeito é de primeira pessoa do singular, ou seja a pessoa que fala, 'EU', enfim. Do mesmo modo, as formas 'eram', 'pareciam' e 'estavam' denotam terceira pessoa do plural, e o seu sujeito foi eliminado, pois não é necessário para a compreensão, e facilmente recuperável no contexto. Em (3.17.), foi esclarecido o sujeito 'ELE' do verbo 'foi levado', pois a forma verbal marca apenas que o sujeito é de terceira pessoa do singular, podendo, portanto, ser tanto 'o motorista' quanto 'o ônibus'. As outras formas de terceira pessoa se referem todas ao mesmo sujeito de 'foi levado'. Usar o sujeito, nessas circunstâncias, seria redundante, pois as formas verbais já o denotam. Daí a total eliminação ocorrida, pois há uma acentuada preferência pela eliminação de formas redundantes. Assim a Eliminação de Pronomes Sujeitos tem, na eliminação da redundância, uma forma de simplificação gramatical.

III.4.

Uso e Eliminação dos Sujeitos em Português - Comparação dos dados das duas pesquisas.

Comparando os dados da pesquisa no jornal com os da

pesquisa efetuada sobre a peça de teatro de Nelson Rodrigues, vemos que há certas semelhanças e diferenças também. Os pronomes de primeira pessoa do singular e do plural tiveram quase as mesmas frequências de uso e eliminação, como se vê no quadro sinótico abaixo:

III.4.1.

1a. Pessoa do Sing. e Plural

Pesquisa I		Pesquisa II	
Frequência		Frequência	
Uso:	26%	Uso:	25%
Elimin:	74%	Elimin:	75%

Os dados de ambas as pesquisas nos mostram, então, que os pronomes pessoais de primeira pessoa são muito pouco usados.

III.4.2.

2a. Pessoa do Sing. e Plural

Já a segunda pessoa apresenta diferenças bem acentuadas de uso e eliminação entre as duas pesquisas. Assim

2a. Pessoa do Sing. e Plural

Pesquisa I		Pesquisa II	
Frequência		Frequência	
Uso:	27%	Uso:	57%
Elimin:	73%	Elimin:	43%

Os dados nos sugerem que a natureza dos 'corpora'das duas pesquisas é diferente. A primeira pesquisa apresenta uma situação real de diálogo, onde o interlocutor, implicitamente presente não se faz necessário na estrutura superficial e por isso mesmo é muito mais facilmente omitido. Daí a grande margem de eliminação (73%). Na segunda pesquisa o texto era mais de narrativas, entremeado de diálogos. Esses fatores podem ser uma explicação para o fato de o uso (57%) ter superado a eliminação (43%).

III.4.3.

3a. Pessoa do Singular e Plural

A terceira pessoa teve um comportamento semelhante, nas duas pesquisas. As porcentagens de uso e eliminação foram quase idênticas. Assim:

3.a Pessoa do Sing. e Plural

Pesquisa I	Pesquisa II
Frequência	Frequência
Uso: 43%	Uso: 44%
Elimin: 57%	Elimin: 56%

Com pequena vantagem para a eliminação, os pronomes pessoais de terceira pessoa foram os que apresentaram o maior índice de empregos. As outras formas de terceira pessoa apresentaram resultados bem diversos. De modo geral houve um emprego absoluto dos itens pronominais, com uma eliminação muito pequena. Pode-se notar também que, apesar de as duas pesquisas sobre o uso dos pronomes pessoais sujeitos em Por-

tuguês terem características diferentes, os resultados quanto ao comportamento da terceira pessoa foram bem semelhantes.

III.4.4.

Pronomes Pessoais

A atuação dos pronomes pessoais, com base nos dados das duas pesquisas efetuadas, foi bem semelhante. Em ambas, o número de eliminações do pronome pessoal sujeito superou o número de usos. Considere-se o quadro abaixo:

Frequência dos Pronomes Pessoais

Pesquisa I	Pesquisa II
Frequência	Frequência
Uso: 25%	Uso: 36%
Elimin: 75%	Elimin: 64%

Vemos que na primeira pesquisa houve uma eliminação ainda maior de pronomes que na segunda.

Outros sujeitos também foram considerados nas pesquisas do Português. Na peça de teatro analisada, eles tiveram uma atuação muito fraca, i.e., foram usados somente em 78 vezes, enquanto os pronomes pessoais foram os sujeitos (usados ou eliminados) de 467 enunciados. Na pesquisa I., outros sujeitos foram responsáveis pelo papel de sujeito em 401 enunciados (-73,5%) do 'corpus', enquanto os pronomes pessoais ficaram como sujeitos de apenas 137 casos (-26,5%) do 'corpus'. Como decorrência da natureza diferente do material das duas pesquisas, também os resultados obtidos foram um pouco diferentes. Consideremos o quadro na página seguinte:

Frequência de Uso e Eliminação dos Sujeitos
em Português

Pesquisa I		Pesquisa II	
	Frequência		Frequência
Uso:	34,5%	Uso:	52,5%
Elimin:	65,5%	Elimin:	47,5%

Com base nos resultados obtidos podemos observar que, em uma situação de diálogo, há uma tendência maior para a eliminação de sujeitos. Assim, na primeira pesquisa os sujeitos foram eliminados em 65,5% dos casos. Foram usados em 34,5%, o que corresponde a menos da metade do 'corpus'. Na pesquisa II o 'corpus' era constituído de narrativas policiais e de diálogos. Há uma grande quantidade de enunciados com sujeitos - de terceira pessoa, embora os pronomes não tivessem sido muito frequentes. A maioria dos sujeitos foi de FNs²⁸ e de outros pronomes. Mesmo assim, houve um uso razoável de pronomes pessoais. Como a terceira pessoa tem uma referência vaga e indefinida, há maior necessidade da sua explicitação por meio de pronomes pessoais. A porcentagem de usos foi um pouco maior que a de eliminações.

NOTAS DO III CAPÍTULO

26. Algumas análises apresentam todos (3.14) como sujeito do enunciado. Parece-nos que todos é mais um adjunto adnominal com valor de adjetivo.

27. Os pronomes 'o' e 'os' apareceram como sujeito em três enunciados. 'O' aparece no enunciado seguinte:

(3.23) "... encostaram um revólver na cabeça do piloto, isto é, do motorista e o obrigaram a mudar de rota..."

Embora com uma forma objetiva, 'o' em (3.23.) tem o papel de sujeito de 'mudar de rota'. O uso de 'os' é um caso de pronome demonstrativo. Veja-se o enunciado abaixo:

(3.24) "... Os dez homens que se ocupavam dos passageiros - pois os que iniciaram o assalto mantiveram-se sempre na frente..."

Nos contextos acima, 'O' e 'OS' foram incluídos como pronomes de terceira pessoa do singular e do plural, respectivamente.

28. As PNs e os outros sujeitos interessam nesse estudo somente em termos de comparação com os pronomes pessoais.

CAPÍTULO IV

Uso e Eliminação dos Pronomes Pessoais Sujeitos na interlíngua

IV.1.

Frequência dos Pronomes Pessoais

Observando-se os números no quadro III da frequência dos pronomes pessoais na interlíngua pode-se perceber, que de um total de 1.297 contextos de possível ocorrência de pronomes, cerca de 77% foram preenchidos, isto é, neles houve o emprego do pronome pessoal sujeito, o que perfaz um total de 1.009 enunciados. Por outro lado, 288 enunciados, sofreram EPS, o que proporcionalmente representa 23% do total. Como se vê, a porcentagem de usos superou muito a de eliminações. Em pesquisa sobre uso e omissões do sujeito em Português, chegou-se à conclusão de que o emprego dos pronomes sujeitos é opcional com pequenas ressalvas, onde o uso se faz obrigatório.

IV.1.1.

O Pronome 'I'

Os dados do corpus revelam um predomínio bem grande do uso sobre a EPS na aquisição da segunda língua, de José Augusto. Nesse ponto, parece que a transferência não está atuando, pois era de se esperar um número quase que idêntico de usos e eliminações de pronomes pessoais. O

Q U A D R O III

FREQUÊNCIA DOS PRONOMES PESSOAIS NA INTERLÍNGUA

Nº DE ENTRE VISTA	INTERVALOS EM SEMANAS	ENUNCIADOS	I		WE		YOU		HE		SHE		IT		THEY		ENUNCIADOS GLOBAIS
			+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	
1	-	1 - 179	14	2	0	0	13	0	0	1	0	1	0	12	1	2	179
2	2	180- 336	13	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	19	0	0	157
3	5	337- 542	22	1	1	1	2	0	6	0	0	0	0	12	1	4	205
4	2	543- 649	7	5	0	0	0	0	11	4	0	0	1	8	0	1	106
5	2	650- 782	16	3	6	0	8	0	3	0	1	0	2	10	1	1	132
6	10	783- 815	4	0	0	0	6	0	9	0	6	1	1	1	9	2	30
7	6	814- 847	0	1	0	0	3	0	5	0	8	1	5	4	4	0	33
8	3	848- 873	4	2	1	0	3	0	3	0	9	2	0	2	8	0	25
9	15	874-1102	36	4	22	3	4	4	2	0	3	1	16	16	6	1	228
10	1 1/2	1103-1126	2	2	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23
11	1 1/2	1127-1256	24	5	1	1	16	6	6	0	0	0	19	10	1	0	129
12	1	1257-1311	4	4	0	0	3	1	0	3	0	0	1	5	5	0	54
13	2	1312-1575	35	28	4	0	13	0	10	0	0	0	47	22	39	1	263
14	1	1576-1664	29	6	1	0	4	0	1	0	0	0	3	0	5	1	88
15	6	1665-1742	14	5	10	1	7	0	1	0	8	0	5	1	4	0	77
16	1	1743-1921	47	9	0	0	19	0	9	0	1	0	28	4	18	0	176
17	2	1922-2110	26	1	5	0	19	0	1	0	11	1	10	2	6	0	188
18	2 1/2	2111-2314	42	12	12	1	19	2	14	0	3	1	21	10	19	1	200
Subtotais			339	89	55	7	143	13	83	8	50	8	158	142	127	14	1.009
Total			428		62		156		91		58		300		141		1.297
Porcentagem			80%	20%	89%	11%	92%	8%	91%	9%	86%	14%	52,5%	47,5%	90%	10%	77% 23%

aprendiz deve ter internalizado a regra da obrigatoriedade do sujeito na construção da sintaxe do Inglês. Assim é, que para um total de 428 enunciados com o pronome I, houve 339 usos e apenas 89 eliminações. A proporção é de 80% de usos para 20% de eliminações. Apesar de pequena a proporção, ela é das mais elevadas entre os casos de eliminações dos pronomes sujeitos, salvo o caso de 'it', de que falaremos mais tarde. Os 20% de EPS nos mostram que conhecer uma regra não implica saber aplicá-la por completo e dominar o seu uso. José Augusto, embora acerte na maioria dos casos, empregando corretamente os pronomes, se deixa levar muitas vezes pela estrutura do Português, eliminando o pronome pessoal I em lugares onde seu emprego é obrigatório. Mas o fato de usá-los em 77% dos casos mostra que ele conhece a regra para o seu emprego. Ele estaria simplificando a sua gramática do Inglês, à moda do Português. A transferência dessa estratégia, embora errônea, revela criatividade linguística, por parte do aprendiz de segunda língua.

IV.1.2.

O Pronome 'YOU'

O pronome menos eliminado de todos no corpus é o pronome YOU. Teve 156 ocorrências, das quais 143 foram de uso do pronome e apenas 13 foram de eliminação. A proporção é de 92% de usos para 8% de EPS.

A maior parte das ocorrências de eliminação do pronome YOU foi no contexto onde o Inglês usa o pronome YOU(=

one) como recurso para a indeterminação do sujeito.

IV.1.3.

Os Pronomes

'HE' e 'SHE'

A ocorrência dos pronomes de terceira pessoa do singular HE e SHE não foi das maiores. O pronome HE ocorreu 83 vezes e foi eliminado em oito vezes. Foram, portanto, 91 ocorrências de HE, ao todo. Isso estabelece uma porcentagem de 91% de usos para 9% de eliminações. Menos frequente que HE, o pronome SHE teve 58 ocorrências, das quais 50 foram de uso do pronome e oito de eliminação. A porcentagem é de 86% de usos, para 14% de eliminações.

IV.1.4.

Os Pronomes

'WE' e 'THEY'

O pronome pessoal WE também não foi muito frequente, no texto. Teve 62 ocorrências, das quais 55 se constituíram em uso e apenas 7 foram de eliminação. A porcentagem de usos foi bastante superior à de eliminações: 89% para 11%.

Já o pronome THEY teve mais ocorrências, perfazendo um total de 141 vezes. Dessas, 127 foram ocorrências de uso e apenas 14 foram de eliminações. Estabelece-se então, uma porcentagem de 90% de usos para 14% de EPS. De conformidade com os casos precedentes da frequência dos pronomes,

o uso teve predomínio sobre a omissão pronominal, em porcentagem bastante elevada.

IV.2.

Frequência do Pronome Pessoal

IT

IV.2.1.

Observações Preliminares:

Com base no quadro III - Frequência dos Pronomes Pessoais - parece que os casos mais interessantes quanto ao emprego e eliminações dos pronomes no corpus são os do pronome I e os de It. O pronome pessoal I mostra, desde o início, um uso bastante acentuado. De modo geral, foram bem mais frequentes os casos de emprego do pronome I que os de eliminação. A porcentagem de usos foi superior à de eliminação. O informante parece já ter internalizado a regra do uso obrigatório do pronome pessoal I, como sujeito.

Quanto ao pronome It, as primeiras entrevistas nos mostram uma eliminação quase total do pronome, quando seu uso era obrigatório.

Num exame ainda muito superficial, parece que inicialmente o informante simplesmente evitava, ou desconhecia, o emprego do pronome sujeito It. Da sexta entrevista em diante, (já tinham se passado por volta de 20 semanas), o informante começa a firmar o uso do pronome. Da entrevista nº 11 em diante o uso do pronome já domina. É verdade que co-

existem o uso e a eliminação dos pronomes, mas, com base na frequência, o mais normal para José Augusto foi o emprego, do pronome.

Se observarmos brevemente o quadro IV - Frequência do Pronome Pessoal It - temos uma visão de conjunto do pronome It no corpus. Pretendemos observar, num exame mais detalhado, as ocorrências e eliminações do pronome, entrevista por entrevista, bem como comparar os vários tipos de It, e concluir de sua frequência. Assim, a frequência, aliada aos contextos das ocorrências do pronome, pode nos dizer da natureza do fenômeno, das suas causas e das possíveis decorrências para a aprendizagem da segunda língua.

De 2.314 enunciados globais (são todos os que estão arrolados sob um número que pode conter mais de uma sentença, mas foi arrolado como uma ocorrência) houve trezentos-enunciados em que ocorreu ou foi eliminado o pronome, cerca de 13% do corpus. Desses 300 enunciados temos um total de 142 sentenças em que houve a eliminação do pronome pessoal It. Proporcionalmente, isso representa cerca de 47,5% do total, quase que metade, portanto. O número de usos excedeu um pouquinho o número de EPS. Houve 158 ocorrências-positivas de It, um pouco mais que a metade do total dos enunciados (52,5%). Isso parece mostrar que a frequência do uso e a frequência da EPS estão contrabalançadas.

IV.3.

Estudo Longitudinal do Uso do Pronome Pessoal

IT

IV.3.1.

Estudos de aquisição de primeira língua demonstraram estágios sistemáticos de desenvolvimento que são comuns a línguas. Para detectar tais estágios de desenvolvimento, são necessários estudos longitudinais. Embora haja razão para postular diferenças individuais, bem como para considerar diferenças de língua, há certa evidência de que as crianças seguem o mesmo padrão de aquisição de linguagem. É possível, daí, que aprendizes que estão adquirindo uma segunda língua devam também naturalmente seguir certos estágios comuns de desenvolvimento. Richards (1971:12-13) recomenda estudos longitudinais na pesquisa sobre aquisição de 2a. língua, como se faz na primeira aquisição. Corder(1973:256/294) também sugere estudos longitudinais. Tais estudos se servem da análise de erros, que é parte da pesquisa psicolinguística dos processos universais de aprendizagem de segunda língua. A natureza sistemática da fala torna possível a comunicação. Os erros são evidência do sistema de uma língua (dialeto idiossincrático: Um código pessoal peculiar do aprendiz). A descrição dessa língua é o objeto teórico da análise de erros. O material deve ser produzido pelo aprendiz espontaneamente, i.e., com intenção de comunicação.

O dialeto do aprendiz é instável, e Selinker (1972) o denomina interlíngua. A instabilidade do sistema aproximativo, usado pelo aprendiz dificulta a descrição, mas a chave para a análise de erros é a natureza sistemática da linguagem e conseqüentemente, do erro. Os erros são evidência de suposições das regras da língua-alvo, guiadas por princípios mas incorretas. O aprendiz é inconsistente e seu dialeto revela transição. Seus erros revelam o estágio de prática da aprendizagem. Os erros são evidência sobre a natureza do processo e das regras e categorias usadas pelo aprendiz num certo estágio da aquisição.

Nesse estudo, procuramos traçar um perfil da aquisição do pronome IT por José Augusto. Os 300 enunciados representativos de construções onde o IT foi ou deveria ter sido empregado foram senarados por entrevista, conforme a ordem de ocorrência no corpus. Em cada entrevista mostramos um painel onde as ocorrências de EPS (marcadas com o sinal -) e as de emprego do pronome (marcadas com o sinal +) são apresentadas. Procuramos apresentar também uma relação progressiva das ocorrências do pronome (AC = Frequência Acumulada). O número colocado entre parênteses antes da entrevista refere-se ao intervalo de semanas entre a entrevista em questão e o início das gravações.

(LEGENDA: -: Eliminação; +: Uso; AC: Frequência Acumulada; Obs.: O número colocado entre parênteses antes da entrevista refere-se ao intervalo de semanas entre a entrevista em questão e o início das gravações).

IV.3.2.

Entrevista I: -14 / +0 -It_{NP}:10 -It_S:3 -It_f:1 :AC -14

Na primeira entrevista, como se era de esperar, não houve nenhum emprego do pronome pessoal IT. O pronome foi omitido em 14 ocorrências onde seu uso era obrigatório.

(2) Entrevista II: -23 / +0 -It_{NP}:18 -It_S:4 -It_f:1 : -23

AC:28 7 2 : 37

Na entrevista II, a porcentagem de eliminações continua absoluta: 23 eliminações para nenhum uso.

(7) Entrevista III: -10 / +0 -It_{NP}:7 -It_S:0 -It_f:3 : -10

AC: 35 7 5 : 47

Ainda na entrevista III, o pronome IT não apareceu, havendo uma eliminação de 10 vezes. O intervalo de tempo verificado entre o início das gravações e a entrevista três é de sete semanas. Depois, portanto, de 7 semanas de contato com o sujeito, ainda não se observou um emprego de IT.

(9) Entrevista IV: -7 / +1 +It_{NP}:0 +It_S:0 +It_f:1 : +1

AC:0 0 1 : 1

-It_{NP}:4 -It_S:0 -It_f:3 : -7

AC:39 7 8 : 54

Enquanto houve 7 casos de EPS na entrevista IV, apenas 1 ocorrência com IT se fez presente. Portanto, após 54 enunciados sem IT, o sujeito o emprega pela primeira vez no

enunciado de nº (571), abaixo:

(571) Because it is very sun shining.

Trata-se de um IT "filler". Note-se que o IT "filler" caberia sô quatro vezes até agora, nos enunciados de números:

(132) () is the Munich to here.

(284) Is...is...is different days.

(472) In September I think () happen I get 10 teams of my table soccer.

(492) () was ah (1) ast two days.

Por outro lado, o It_S foi eliminado sete vezes, contra 35 vezes do It_{NP} . O It_{NP} , de referência clara é o mais comumente eliminado. Parece um tanto sintomático o fato do sujeito ter empregado o It nesse contexto de 'filler'. O It nesse caso recobre um 'all-encompassing state', onde a referência é bem vaga. O contexto da sentença poderia ser descrito como:

PRO + be + ADJ , onde 'sun shining' tem valor de adjetivo (sunny).

(11) <u>Entrevista V</u> :	-10 / +2	- It_{NP} :2	+ It_S :0	+ It_f :0	: +2
		AC:2	0	1	: +3
		- It_{NP} :6	- It_S :1	- It_f :3	: -10
		AC:45	8	11	: 64

Na entrevista V, houve uma eliminação de 10 casos para dois casos de uso do pronome. Na freqüência acumulada vemos que enquanto o pronome IT, nas suas diferentes funções,

teve 64 eliminações, desde o início das gravações, José Augusto empregou IT apenas três vezes. Dessas três vezes, em duas o pronome empregado foi do tipo IT_{NP} . A outra vez foi um It_f (571). O tipo de IT mais frequentemente eliminado foi o IT_{NP} com 43 usos para 8 do It_S , de 11 do tipo It_f . O tipo de IT mais empregado foi igualmente o It_{NP} , na proporção de 2 para 1, do tipo It_f . Um dos casos de IT empregados ocorreu com um verbo principal diferente de 'be', como nos dois outros casos (571) e (742), como se vê no enunciado:

(728) It just stop and we just down the stop... (It_{NP} = bus)

(21) Entrevista VI: -1 / +1 (4,5%) + It_{NP} :1 + It_S :0 + It_f :0 : +1
 AC:3 0 1 : 4
 (95,5%) - It_{NP} :1 - It_S :0 - It_f :0 : -1
 AC:46 8 11 : 65

O panorama não se altera muito com os resultados da entrevista VI, por falta de mais dados. A entrevista foi muito breve e verificaram-se apenas duas ocorrências de pronome IT. Ambos os IT foram do tipo IT_{NP} . Houve uma eliminação e um uso, o que eleva os números para -65 e +04, respectivamente para eliminação e uso.

Até a entrevista VI, a porcentagem de usos (5%) foi muito pequena, comparada com a de EPS (95%). Temos então uma EPS quase total.

(27) Entrevista VII: -4 / +5 + It_{NP} :4 + It_S :0 + It_f :1 : +5
 AC:7 0 2 : 9
 - It_{NP} :4 - It_S :0 - It_f :0 : -4
 AC:50 8 11 : 69

A entrevista VII marca o início do predomínio do uso de IT por José Augusto. Embora com uma diferença de apenas 1 enunciado a mais, desse ponto em diante o uso vai predominar, salvo na entrevista VIII. O tipo de IT que ocorreu mais, tanto na eliminação quanto no uso, foi o It_{NP} , embora tenha havido um caso de It_f , como se pode ver no número (827) abaixo:

(827) It was in the winter.

(30) <u>Entrevista VIII:</u>	$+It_{NP}:0$	$+It_S:0$	$+It_f:0$: +0
	AC:7	0	2	: 9
	$-It_{NP}:1$	$-It_S:0$	$-It_f:1$: -2
	AC:51	8	12	: 71

Nessa entrevista houve duas eliminações de IT. Um caso foi de IT_{NP} e o outro foi de It_f . Apesar dos números relativamente pequenos, os dados mostram uma eliminação total desse item referencial. Mas, como os dados dessa entrevista não foram ricos em construção do tipo IT, não sabemos o que aconteceria no caso contrário. O que os números parecem sugerir é que desse ponto em diante José Augusto, passa a dominar o uso de IT, embora ainda haja bastante frequência de eliminações. A porcentagem de usos, porém, é quando não igual à de eliminações, muitas vezes superior.

IV.3.3.

(45) <u>Entrevista IX:</u>	(22%) $+It_{NP}:11$	$+It_S:1$	$+It_f:4$: +16
	AC:18	1	6	: 25

(78%) -It _{NP} :15	-It _S :0	-It _f :1	:	-16
AC:66	8	13	:	87

Como observamos anteriormente, o uso de IT começa a se firmar. Nessa entrevista ele está contrabalanceado numa proporção de 50%. Houve dezesseis enunciados com IT e dezesseis sem IT. Como se tem verificado até agora, o tipo de IT mais frequente é o IT_{NP}(66). A frequência acumulada mostra uma eliminação aproximada de 78% dos casos de IT, para um uso também aproximado de 22%. A comparar-se com a frequência inicial onde a eliminação era quase total (cf. entrevista seis: Elim.95% para uso 5%), o uso do pronome nos parece estar se firmando gradativamente. O It_f teve uso de 13 vezes para uma eliminação de 06. O IT menos frequente, é o IT_S que teve somente nove ocorrências, das quais 8 foram de eliminação.

(46,5) Entrevista X:

Não houve nenhuma ocorrência de It na entrevista X. A entrevista foi breve e a exigüidade dos dados não possibilitou nenhum exemplo do pronome.

(48) <u>Entrevista XI:</u> +It _{NP} : 10	+It _S :0	+It _f : 9	:	+19
AC: 28	1	15	:	44
-It _{NP} : 6	-It _S :1	-It _f : 3	:	-10
AC: 72	9	16	:	97

A entrevista XI marca o início da predominância do uso do pronome IT sobre a sua eliminação. Houve 19 usos para 10 eliminações. O It, começa a se tornar mais frequente,

tanto no uso quanto na eliminação. O It_S ainda continua eliminado não tendo ainda ocorrido. O It_{NP} de referência nominal mais clara continua dominando a frequência.

(49) <u>Entrevista XII:</u>	$+It_{NP}$: 1	$+It_S$: 0	$+It_f$: 0	:	+1
	AC: 29	1	15	:	45
	$-It_{NP}$: 4	$-It_S$: 0	$-It_f$: 1	:	-5
	AC: 76	9	17	:	102

A entrevista de nº XII apresenta um recuo na ascensão do uso do IT. José Augusto emprega-o apenas uma vez e elimina-o 5 vezes. Isso parece nos revelar que a regra do uso obrigatório do pronome nesses casos ainda não está completamente internalizada e que a estrutura da língua materna ainda está interferindo negativamente no desempenho do sujeito. Ao mesmo tempo isso mostra a instabilidade da língua do aprendiz, uma característica comum à interlíngua de pessoas aprendendo segundas línguas.

(51) <u>Entrevista XIII:</u>	+45%	$+It_{NP}$: 37	$+It_S$: 1	$+It_f$: 9	:	+47
		AC: 66	2	24	:	92
	-55%	$-It_{NP}$: 14	$-It_S$: 3	$-It_f$: 5	:	-22
		AC: 90	12	22	:	124

Como se pode concluir dos dados da entrevista XIII, o panorama do uso do pronome IT está se modificando. O uso continua crescendo. Se compararmos com os resultados obtidos até à entrevista nº IX, vemos que de uma porcentagem - aproximada de 22% de usos, passamos a 45%. A eliminação que era de 77% aproximadamente então passou a 55%. Como sempre

o It_{NP} encabeça a frequência maior, seguido do It_f e $It_{s\text{ordenadamente}}$; o It_S apareceu também nessa entrevista. Veja-se o enunciado (1477):

(1477) Think it was Paraguay

Nesse caso, o It_S substitui uma sentença toda. Já havíamos tido 12 casos de omissão desse tipo de IT, mas es se foi o primeiro caso de emprego.

(52) Entrevista XIV: $+It_{NP}:0$ $+It_S:0$ $+It_f:0$: +0
 AC:66 2 24 : 92
 $-It_{NP}: 2$ $-It_S:1$ $-It_f: 0$: -3
 AC:92 13 22 :127

A realidade continua a mesma com os dados da entrevista XIV. Houve muito poucos dados para qualquer alteração do panorama geral.

(58) Entrevista XV: $+It_{NP}: 2$ $+It_S: 2$ $+It_f: 1$: +5
 AC:68 4 25 : 97
 $-It_{NP}: 1$ $-It_S: 0$ $-It_f: 0$: -1
 AC:93 13 22 :128

A diferença, muito marcante inicialmente, entre uso e eliminação de pronome, tende a desaparecer, com o crescente emprego do IT.

IV.3.4.

(59) Entrevista XVI: $+It_{NP}: 23$ $+It_S: 2$ $+It_f: 3$: +28
 AC: 91 6 28 : 25

$-It_{NP}$: 5	$-It_S$: 0	$-It_f$: 0	:	-5
AC:98	13	22		133

A entrevista XVI foi pródiga de empregos de IT. José Augusto usou IT 28 vezes e deixou de empregar o pronome apenas em 5 vezes. Os números de eliminações e usos estão quase equiparados, com pequena desvantagem para o uso. Mas José Augusto já adquiriu o uso de IT. O It_{NP} continua o mais frequente, tanto no emprego quanto na eliminação. Em segundo lugar na frequência aparece o It_f , com 46 ocorrências contra apenas 18 do It_S .

(01) <u>Entrevista XVII:</u>	$+It_{NP}$: 7	$+It_S$: 0	$+It_f$: 6	:	+10
50%	AC: 95	6	34		135
	$-It_{NP}$: 2	$-It_S$: 0	$-It_f$: 0	:	- 2
50%	AC:100	13	22		135

Nessa entrevista o emprego do pronome pessoal IT acusa o mesmo número de usos que de omissões. Assim, temos um score de 135 empregos para 135 eliminações. Quanto aos tipos de IT, o It_{NP} foi o mais frequente e o seu uso e eliminação estão equilibrados. O It_f continua sendo mais empregado que eliminado, numa proporção de 60% para 40%. O It_S , embora com uma ocorrência muito limitada, acusou uma eliminação de aproximadamente 95% para 5% de usos.

(03.5) <u>Entrevista XVIII:</u>	$+It_{NP}$: 16	$-It_S$: 3	$-It_f$: 2	:	+21
51,5%	AC:111(113)	9	36		158
	$-It_{NP}$: 7	$-It_S$: 0	$-It_f$: 3	:	-10
48,5%	AC:107(105)	13(12)	25		142

Q U A D R O I V
FREQÜENCIA DO PRONOME PESSOAL - IT POR ESTÁGIOS

Nº DA ENTREVISTA	INTERVALOS EM SEMANAS	ENUNCIADOS	ENUNCIADOS GLOBAIS	IT _{NP}		IT _S		IT _f		TOTAL IT		FREQÜENCIA IT	
				+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
1	-	1 - 179	179	0	10	0	3	0	1	0	14		
2	2	180 - 336	157	0	18	0	4	0	1	0	23		
3	5	337 - 542	205	0	7	0	0	0	3	0	10		
4	2	543 - 649	106	0	4	0	0	1	3	01	07		
5	2	650 - 782	132	2	6	0	1	0	3	02	10		
PRIMEIRO ESTÁGIO										03	64	4.5%	95.5%
6	10	783 - 813	030	1	1	0	0	0	0	01	01		
7	6	814 - 847	033	5	4	0	0	0	0	05	04		
8	3	848 - 873	025	0	1	0	0	0	1	00	02		
9	15	874 -1102	228	11	15	1	0	4	1	16	16		
SEGUNDO ESTÁGIO										25	87	22%	78%
10	1 1/2	1103-1126	023	0	0	0	0	0	0	00	00		
11	1 1/2	1127-1256	129	10	6	0	1	9	3	19	10		
12	1	1257-1311	054	1	4	0	0	0	1	01	05		
13	2	1312-1575	263	37	14	1	3	9	5	47	22		
TERCEIRO ESTÁGIO										92	124	45%	55%
14	1	1576-1664	088	2	0	1	0	0	0	03	00		
15	6	1665-1742	077	2	1	2	0	1	0	05	01		
16	1	1743-1921	176	23	5	2	0	3	0	28	05		
17	2	1922-2110	188	4	2	0	0	6	0	10	02		
18	2 1/2	2111-2314	200	16	7	3	0	2	3	21	10		
QUARTO ESTÁGIO										158	142	52,5%	47,5%
T O T A L			2.314	113	105	10	12	35	25	158	142		
FREQÜENCIA:				51,5%	48,5%	45,5%	54,5%	58,5%	41,5%	52,5%	47,5%		

A última entrevista apresenta, em números, a aquisição por José Augusto, do uso do pronome pessoal sujeito IT. Vemos, nos dados finais, um domínio do uso sobre a eliminação, embora com pequena margem de diferença. Assim é que houve 158 usos do pronome para 142 eliminações. A proporção é de +52,5% para -47,5%. Quanto ao uso específico dos diferentes tipos de It, o It_{NP} foi o responsável pela maior parte dos usos e eliminações ocorridas. A porcentagem de usos foi um pouco superior: 51,5 para 48,5%. O It_F teve uma porcentagem de usos de 58,5% para 41,5% de eliminações. O It_S também apresentou um uso e uma eliminação equilibrados numa proporção de 49,5% de eliminação para 50,5% de usos, tendo ocorrido, portanto, um pouco mais de eliminação que de uso.

Apresentamos a seguir, no quadro IV, um resumo da frequência e da porcentagem que ocorreram nesse estudo.

IV.3.5.

C O N C L U S ã O

Um aprendiz adquire o conhecimento de uma segunda língua e o seu uso, de amostras de 'performance', i.e., enunciados a que é exposto, durante um período de tempo. Os erros são resultado do conhecimento parcial, uma vez que a língua é um 'self-contained system' (de Saussure), com todas as partes interligadas, um sistema de sistemas.

Quando o aprendiz se vê diante da necessidade de comunicar algo que requeira conhecimento ou habilidade na líng

gua que está além do que ele possui, ele apela para o silêncio, mímica ou a língua mãe. O aprendiz supre as deficiências dos seus conhecimentos da segunda língua recorrendo às fontes apropriadas da língua mãe. Ele transfere as regras, da primeira língua. Nem toda transferência resulta em erro. O problema do aprendiz é descobrir de que modo os elementos semânticos de sua mensagem são realizados na segunda língua. O fenômeno da transferência vai se revelar na tentativa de realizar na segunda língua os traços semânticos da sua mensagem do mesmo modo como na sua língua mãe. O aprendiz vai cometer erros quando ele enfrenta escolhas na segunda língua, numa categoria em que ele não tem escolhas na sua língua mãe. Essas escolhas podem ser em qualquer nível. Como consequência das relações entre as duas línguas, as sentenças errôneas parecem traduções literais da primeira para a segunda língua.

Nesse estudo longitudinal da aquisição do pronome IT por José Augusto, podemos observar no quadro IV, que os primeiros enunciados revelam maior grau de desvio da sua interlíngua em relação à língua-alvo. Até a entrevista nº4, a eliminação do pronome pessoal IT é total, onde sua presença é obrigatória na língua-alvo. Somente na quarta entrevista é que aparece o primeiro caso de uso do pronome, e justamente um caso de IT, onde a referência pronominal é mais vaga. Nessa altura do corpus, o pronome já havia sido eliminado 54 vezes, quando ocorreu seu primeiro uso. É natural que o primeiro contato do sujeito com sua nova língua lhe apresente uma maior dificuldade de desempenho, princi

principalmente naquelas áreas onde, embora com estruturas profundas semelhantes, a estrutura superficial utiliza recursos diferentes nas duas línguas. Para José Augusto, as construções com IT são um tanto redundantes, com base na sua experiência da primeira língua. Em Português não há um pronome pessoal neutro que cubra as várias ocorrências de IT. Em outras palavras, nesse tipo de construção o Português simplesmente não usa pronome ou usa pronome pessoal masculino (ele) ou feminino (ela) para corresponder ao IT_{NP} . O It_f e o It_S são construções ditas impessoais ou sem sujeito em português, embora uma análise mais profunda revele sujeitos para essas sentenças. Algumas vezes são usados pronomes demonstrativos ou indefinidos para cobrir esse tipo de referência dêitica.

Até a entrevista nº6, a porcentagem de usos do pronome é mínima: 5% para 95% de eliminações. É ainda um uso totalmente inconsistente, quase, diríamos, casual. O que nos parece mostrar bem a interferência da primeira língua, é o fato de o It_{NP} ser o mais eliminado. Por ser um item que tem correspondência no Português, seria o mais fácil de acertar. No entanto, é eliminado em cerca de 50% do total dos casos. Assim, José Augusto transfere a regra do uso do pronome em português para o sistema da segunda língua, causando muitos erros, pois a estrutura superficial da língua-alvo exige a presença de um sujeito superficial obrigatório. É natural que o aprendiz de uma segunda língua vá errar mais naquelas construções que são mais diferentes das de sua língua base. As construções com It_f e It_S , embora não muito fre

quentes, apresentaram inicialmente um desvio quase total. A partir da entrevista de nº 7, começa-se a notar uma mudança no uso do pronome pessoal IT. Não em termos globais ainda, mas em termos relativos à entrevista o uso passa a eliminação. Como a interlíngua tem como característica a instabilidade, é natural que a aquisição do uso do pronome ainda não esteja firmemente estabelecida. Assim, na entrevista de nº 8 a na de nº 12, o uso, que vinha se firmando, sofre um recuo, havendo mais eliminações, ou em termos de língua-alvo mais erros que acertos. As entrevistas de nº9, 10 e 11 acusam uma ascensão gradativa do uso do pronome IT. A frequência global ainda continua favorecendo à eliminação, mas no âmbito dessas entrevistas, ou seja, considerando os enunciados proferidos nesse período de tempo, a interlíngua revela mais acertos que erros. Em termos globais, até a entrevista nº9, havia uma proporção de 22% de usos para 78% de eliminações. Se considerarmos dados da entrevista 13, podemos notar que o panorama está se modificando sensivelmente. Assim, de 22% de usos passou-se a 45%.

De uma porcentagem de eliminações de 78% caímos para 55%. Já não é mais tão desigual a proporção. Também a entrevista 13 acusa o primeiro caso de uso de It_S (1477). Esse tipo de IT já havia sido omitido 12 vezes anteriormente. O uso do IT sentencial não parece muito fácil a José Augusto. Mesmo nos dados finais do corpus podemos notar que foi o tipo de IT que acusou a porcentagem de usos mais baixa e o único onde a eliminação foi superior ao uso. Tudo indica haver nesse caso uma transferência da construção sintática -

equivalente do Português, onde não há o recurso a um sujeito formal superficial.²⁹ A transferência das regras do português, nesse caso, constitui um bloqueio para o acerto do uso pronominal nessas construções. A crescente afirmação do uso pronominal continua nas entrevistas de nº 14,15 e 16 até atingir um ponto de equilíbrio entre o uso e eliminação na entrevista 17, onde os números de eliminações e usos globais estão empatados. A instabilidade da interlíngua uma vez mais se evidencia, pois os dados mostram um falante indeciso entre o uso e a eliminação do pronome em relação à segunda língua, pois na primeira língua, José Augusto tem competência nativa para julgar da necessidade ou não do pronome pessoal sujeito nas sentenças. Ao compararmos os dados da entrevista final, notamos que o uso superou a eliminação embora com pequena vantagem. José Augusto teria internalizado a regra do uso obrigatório do pronome pessoal, sujeito IT, mas não consegue aplicá-la totalmente. Sua competência é uma competência de transição e o seu dialeto de transição está sujeito a variações. Parece-nos que sua competência é marcada parcialmente pela indeterminação.

IV.4.

Estágios Sucessivos de Aquisição do Pronome
Pessoal IT.

Resolvemos, igualmente, fazer um estudo comparativo dos estágios sucessivos de aquisição do pronome pessoal IT. Procuramos determinar a frequência de uso e eliminação de cada tipo de IT, dividindo cronologicamente as ocorrências em 4 (quatro) estágios.

O primeiro estágio compreende os enunciados contidos nas entrevistas de 01 a 05.

O segundo estágio acrescenta ao primeiro os enunciados das entrevistas 06 a 09.

O III estágio compreende as ocorrências de enunciados das entrevistas de n^{os}. 10 e 13, somadas às anteriores.

O IV estágio representa o estágio final de aquisição do pronome ao término do período de gravações. Como se depreende desses estágios sucessivos, consideramos as ocorrências desde o início das gravações, não só os enunciados característicos de cada fase, apresentando então, uma frequência acumulada das ocorrências dos diferentes tipos de IT.

IV.4.1.

Conforme se pode notar no quadro V dos estágios sucessivos de Aquisição de Pronome Pessoal It, inicialmente o não uso do pronome predomina. No I estágio, ainda com uma exposição muito reduzida aos fatos linguísticos da nova ling

QUADRO V

ESTÁGIOS SUCESSIVOS DE AQUISIÇÃO DO PRONOME PESSOAL IT

Entrev.	Estágios	Interv. em Semanas	I ^t _{NP}				I ^t _S				I ^t _f				I ^t			
			+	%	-	%	+	%	-	%	+	%	-	%	+	%	-	%
1-5	I Estágio	11	02	4.5%	45	95.5%	0	0%	08	100%	01	8.4%	11	91.6%	02	5%	64	95%
6-9	Fase		17	45%	21	55%	01	100%	0	0%	04	66%	02	34%				
1-9	II Estágio	45	19	22%	66	88%	01	10%	08	90%	05	28%	13	72%	25	22%	87	78%
10-13	Fase		48	66%	24	34%	01	20%	04	80%	18	66.5%	09	33.5%				
1-13	III Estágio	51	67	37%	90	65%	02	15%	12	85%	23	51%	22	49%	92	45%	124	55%
14-18	Fase		47	75.7%	15	24.5%	08	100%	0	0%	12	80%	03	20%				
1-18	IV Estágio	63,5	114	51.5%	105	48.5%	10	45.5%	12	54.5%	35	58.5%	25	41.5%	158	52.5%	142	47.5%

gua, José Augusto elimina o pronome pessoal It na quase totalidade das ocorrências. Assim é, que, no cômputo gerais pronomes foram utilizados em apenas 4,5% dos casos, sendo eliminados nos restantes 95,5%, i.e., houve apenas 3 ocorrências em que o pronome It foi usado e 64 em que ele foi eliminado. Se olharmos os tipos de It , vemos que o tipo que primeiro apareceu foi um It_f . Os outros casos de uso do It , foram de It_{np} . O It_s não teve nenhum emprego nesse estágio de desenvolvimento. Foi eliminado em todas as ocorrências, onde deveria ser empregado. A posição do It parece bem delineada já no primeiro estágio, i.e., o It_{np} apresenta a maior porcentagem de uso e eliminações, o que quer dizer, que é mais frequente em termos de ocorrência; em segundo lugar, o It_f , embora com menos frequência que o It_{np} , também já se fez presente. Por último, o It_s parece ser o caso mais difícil de adquirir para José Augusto, pois o primeiro estágio apresenta uma eliminação de 100% dos casos. Talvez o único caso de It_f , por nós analisado como It_f em termo de língua-alvo, pudesse ser, para o aprendiz, um It do tipo It_{np} . Em termos de frequência o It_{np} apresenta, inicialmente, um uso muito reduzido; 4,5%, enquanto os casos de eliminação somaram 95,5%. Como abordamos acima quando mencionamos a frequência total dos pronomes, as ocorrências de It_{np} constituíram o corpus da primeira fase, não havendo ocorrência de It_s e It_f (salvo no caso abordado no número 571).

IV.4.2.

O Segundo Estágio apresenta algumas modificações. Quanto ao It_{np} houve um aumento na proporção de usos. De 4,5% na primeira fase, passou-se a 22% de usos. Por outro lado, isto quer dizer que a porcentagem de eliminações decresce. De 95,5% caiu para 78%. O It_s começa a aparecer, em bora numa proporção muito pequena ainda, i.e., 10%, enquanto continua eliminado em 90% dos casos. Há uma modificação bem acentuada quanto ao emprego de It_f . O uso passa a 28%, enquanto a eliminação ainda predomina em 72% dos casos.

Proporcionalmente, está havendo um maior emprego de It_f que dos outros tipos até esse ponto. No total, há um predomínio ainda bem grande da EPS sobre o uso. Assim, as proporções de 22% de uso para 78% de EPS, embora revelem - ainda um maior número de EPS que de usos, denotam também um crescimento no emprego do pronome, a se julgar pelos números verificados no I Estágio.

IV.4.3.

O III Estágio apresenta algumas modificações bem sensíveis no uso e eliminação dos pronomes. Em relação ao It_{np} há um aumento progressivo no uso, enquanto decresce a eliminação. O It_s parece ser um caso mais difícil de aquisição para José Augusto. O menor número de ocorrências pode indicar uma recusa do aprendiz em usar esse tipo de construções

ou uma tendência a evitá-las. Assim o progresso no uso desse tipo de It é muito lento. De \emptyset no primeiro estágio, a porcentagem de emprego passou a 10% no segundo, e 15% no terceiro. A proporção de emprego cresce paulatinamente, enquanto a eliminação ainda domina em 85%. O It_f acusou um crescimento maior no uso, em comparação com os outros tipos de It. Já no III Estágio, o It_f passa a superar a eliminação. Há um uso de 51% para uma eliminação de 49%.

Ao se comparar o uso "filler" com o uso sentencial, vemos que o uso "filler" pode ter um correspondente mais próximo em Português. O que se pretende alegar é que em Português, as construções ordinariamente classificadas como construções impessoais e orações sem sujeito podem, na maior parte dos casos, ter construções equivalentes em que uma FN preenche o papel de sujeito, pois apesar de o sujeito não vir expresso, sente-se a sua existência, embora seja difícil determinar o que, exatamente, é o sujeito. Considerem-se os enunciados abaixo:

(4.1.) Está quente hoje.

(4.2.) O tempo está quente hoje.

Como se vê, o primeiro enunciado é sinônimo do segundo. No segundo, o sujeito 'o tempo' que estava implícito no primeiro, foi expresso. Ambas as sentenças são perfeitamente aceitáveis em Português. Cremos que em Inglês as duas sentenças também são aceitáveis. Assim, as sentenças, abaixo são traduções equivalentes das sentenças de Português.

(4.1') It is hot today.

(4.2') The weather is hot today.

Embora haja uma escala de aceitabilidade, i.e., embora as sentenças com \emptyset em Português e com It_f em Inglês sejam mais aceitáveis em termos de naturalidade, as outras duas sentenças são igualmente possíveis e bem formadas. Nós gostaríamos de sugerir que, com base na compreensão dessas estruturas, o It_{np} e o It_f são mais semelhantes entre si que o It_s ³¹. O It_s não tem uma FN que o substitua, mas antes, refere-se à oração toda extraposta, à sentença toda. Seu uso é como uma antecipação da informação contida no enunciado, o que constitui o verdadeiro sujeito. Assim o It_{np} e o It_f se assemelham, e o It_s difere dos dois anteriores, pois em Inglês, o It_s não pode ser trocado por uma FN. A semelhança de características entre o It_{np} e It_f pode ser um fator explicativo para a semelhança de comportamento desses itens na interlíngua de José Augusto. Por outro lado a idiosincrasia do It_s constitui um fator de maior dificuldade para o aprendiz, pois este parte de um uso \emptyset na primeira língua, para um uso obrigatório na segunda. Algumas correspondências da primeira língua na segunda são mais difíceis de dominar, de acordo com uma hierarquia de dificuldades, i.e., pode haver regras na língua-mãe que correspondam a regras diferentes na língua-alvo, ou que mesmo não tenham correspondente na segunda língua. Nickel (1971)³² observa que o conceito de hierarquia de dificuldades é

problemático, principalmente quando aplicado à sintaxe.

No caso em questão, a inexistência do uso pronominal nas sentenças do Português correspondentes a sentenças com It_s em Inglês, parece ter sido um fator de embaraço à aquisição do uso de It_s pelo aprendiz. É natural que esta seja uma explicação muito simplificada, mas não deixamos de notar que por trás dessa transferência negativa, existe todo um problema de referência em jogo.

IV.4.4.

O quarto estágio apresenta uma evolução natural do uso e EPS. Assim, para o It_{np} , cujo emprego vinha aumentando progressivamente, o uso passa a dominar a EPS. Há um total de 51,5% de emprego para uma EPS de 48,5%. Embora pequena, a diferença revela predomínio do uso do pronome sobre a sua eliminação. O It_f que vinha demonstrando um crescimento mais acentuado do uso sobre a eliminação, teve no quarto estágio, um desempenho mais positivo em termos de uso. A porcentagem de usos elevou-se para 58,5%. O It_s , que até o terceiro estágio apresentara apenas 15% de usos, passa a ter 45,5% de usos, para 54,5% de EPS, onde então, a EPS superou o uso.

IV.4.5.

Em resumo, o estudo longitudinal dos três tipos de It não revela muita diferença específica quanto aos dife-

rentes tipos de pronome. De modo geral, pode-se notar que, de um uso quase nulo nos dados iniciais, o pronome foi aumentado progressivamente seu uso, até passar a superar, no final, a eliminação, nos casos de It_{np} e de It_f . O It_s que teve um desenvolvimento mais lento, apresentou mais eliminações que usos no cômputo geral. No caso em questão, parece-nos que a semelhança subjacente entre It_{np} e It_f justifica o comportamento semelhante desses dois itens nos enunciados do corpus. Por outro lado, a idiossincrosia do It_s , determina o deficit de empregos verificado. Assim, o It_s foi o caso de menor número de acertos, i.e., o que apresentou a menor porcentagem de empregos.

Poderíamos, então, com base na análise quantitativa dos dados, estabelecer uma escala de hierarquia de dificuldades para a aquisição do It. O It_{np} , em ordem cronológica, foi o primeiro a aparecer e o mais frequente, em termos de ocorrência; It_f foi o tipo de It que teve uma taxa mais alta de empregos. A frequência de ocorrências, porém, foi muito menor que com o It_{np} .

O It_s não seguiu a trajetória comum aos dois outros tipos, constituindo-se o item hierarquicamente mais problemático para a aquisição, a julgar pelo maior número de EPS

IV.5.

Demonstrativos em Variação Livre com o Pronome
Pessoal 'IT'

IV.5.1.

Postal (1966) afirma que há uma estreita conexão entre o artigo definido the e os pronomes pessoais (formas não marcadas e formas marcadas de caso) na estrutura subjacente. Ele argumenta que os pronomes são uma forma de artigo-definido.

A natureza dêitica das duas classes de palavras corrobora as afirmações de Postal. Os recursos para expressar a dêixis variam de língua para língua. Os linguistas usam o termo para cobrir a relação espaço temporal ou sequencial expressa por um enunciado ou parte de um enunciado, como um pronome, p.ex., com o mundo exterior ou com um enunciado anterior. Vários são os meios de exprimir dêixis, como o tempo, a marcação de casos, referência a enunciados anteriores, ou referência ao conhecimento implícito entre o falante e o ouvinte. Os dois últimos exemplos são casos de anáfora.

A noção de pessoa, que faz parte de noção de dêixis, é expressa pelos pronomes. As pessoas, representadas por nomes ou pronomes, devem ter traços dêiticos. Assim se distinguem, num enunciado, o falante, o interlocutor (ouvinte) e a pessoa de que se fala.

Os demonstrativos this e that têm traços de localização mais óbvios e podem ilustrar melhor a relação dos pronomes com os artigos. Huxley (1970) aponta que no Antigo Inglês a mesma palavra (sc) era usada tanto para artigo definido quanto para pronome demonstrativo e ainda, que o moderno that do inglês deriva da forma neutra do pronome demonstrativo e do artigo /dæt/. Também nas línguas românicas os pronomes de terceira pessoa e os artigos evoluíram a partir do pronome demonstrativo. Huxley conclui que, diacronicamente, parece haver bons motivos para tratar o pronome como relacionado com o artigo definido, se não como realmente derivado dele. Huxley distingue duas dicotomias nos pronomes. A primeira de egocêntricos X não egocêntricos, seguida de uma de participantes X não participantes (ou anafóricos X não anafóricos) e opta pela dicotomia de anafóricos X não anafóricos para os pronomes.

IV.5.2.

Conforme mencionamos no capítulo sobre pronomes, dentro da terceira pessoa 'he' e 'she' realmente se referem a pessoas. 'It', porém, tem uma referência mais ampla. Pode substituir uma frase nominal superficial (It_{NP}); pode ser um mero antecipador da informação de uma cláusula que segue e refere-se à toda a sentença subjacente (It_s); ou pode ser um 'filler', um sujeito formal impessoal, usados em vários tipos de construções impessoais, sem qualquer significado, na estrutura profunda (Chafe, 1970) ou tendo o próprio am-

biente (Bolinger, 1973) como referência, a que convencionamos abreviar por It_f .

Tanto o It_s como o It_f são diferentes do It_{NP} , que se refere a frase nominal precedente, ou a um objeto conhecido pelo falante e pelo ouvinte. Em outras palavras, o It_{NP} apresenta uma forma anafórica, mas não demonstrativa para objetos inanimados de referência. 'He' e 'She' apresentam uma forma anafórica, mas não demonstrativa para objetos animados. O It_s pode ter uma referência anafórica ou catafórica dependendo se a sentença a que se refere precede ou segue o pronome. Quanto ao It_f , parece-nos que sua referência é a algo que está fora do próprio texto, ou que está no contexto da situação (Halliday, 1973). Parece-nos que ele recobre bem o 'all-encompassing state' mencionado por Chafe, e o 'ambient' definido por Bolinger, como ponto de referência. Não se trata, portanto, de dizer que o It_f não refere mas sim que sua referência é o ambiente todo, tendo daí uma referência mais vaga, um sentido mais geral, que não quer dizer falta de sentido.

IV.5.3.

Huxley (1970: 152-3) mostra como o pronome inanimado anafórico It_{NP} ocorreu, nos 'corpora' das crianças que estudou, muito mais em posição de objeto que de sujeito nos estágios iniciais. Para ambas as crianças o It_{NP} foi usado em posição de objeto com verbos ativos onde a ação é mais importante que o objeto que a sofre, como em: "Drop it, cut

it, hide it." As duas crianças também usam It_{NP} em posição, de sujeito tanto para identificar objetos quanto para atribuir qualidades. O It_s , como substituto sentencial, não ocorreu. O mesmo aconteceu com o It_f . Como se vê no quadro 2, do seu estudo, o It teve 117 ocorrências em posição de sujeito e 250 em outras posições. Isso estabelece uma proporção de uso do It_{NP} como sujeito de 32% para 68% de usos de It_{NP} em outras posições. No presente estudo o It foi usado em posição de sujeito em 158 ocorrências dentre 300 enunciados e 55 vezes em posição de objeto. A proporção é de aproximadamente 26,5% para 73,5% de usos na posição de sujeito. A aquisição do pronome pelos sujeitos de Renira Huxley não revelou nenhum uso de It_s nem de uso de It_f . Em nosso estudo, embora o It_{NP} tenha sido o mais frequente, também ocorreram vários casos de It_s e It_f , talvez por que, em se tratando de segunda aquisição, a maturidade linguística do nosso sujeito já é bem mais avançada, pois tais construções supõem um grau de abstração que não seria de se esperar de crianças em estágios iniciais de desenvolvimento.

Para Katriona e Douglas, as crianças do estudo referido, o uso de It_{NP} e o de pronomes demonstrativos, particularmente that, parecem mostrar uma relação bem estreita. Nos dados iniciais, o demonstrativo that precedendo um nome ou um atributo (predicativo) (com o verbo 'be' faltando) é mais comum que It_{NP} não acentuado como sujeito. Ao final do período de gravações IT e $THAT/THIS$ parecem ter quase o mesmo uso como sujeito. $THIS$ é usado menos frequente

mente que THAT e quando usado, o sentido distinto de 'próximo' não é óbvio. THAT é a forma usada regularmente quando a sentença é implicitamente dirigida a outra pessoa, e é ocasionalmente possível dizer que This é usado numa sentença egocêntrica descrevendo a própria performance da criança, mas isso não é, de nenhum modo, claro.

Do mesmo modo, para José Augusto, em nosso estudo, o uso de It e os demonstrativos, principalmente That parecem mostrar uma relação bem estreita.

Nos dados iniciais, i.e., considerando até a entrevista de nº 8, THAT ocorreu apenas cinco vezes, e somente, como THAT_{NP}. A primeira instância de THAT_{NP} ocorreu na entrevista 2, com o enunciado:

(296) That's good museum.

Como se pode notar, o aparecimento de THAT precedeu o de IT, que também foi empregado pela primeira vez na entrevista de nº 4, no enunciado.

(571) Because it is very sunshining.

É o caso de IT 'filler', onde a referência dêitica, se é que existe, é muito vaga.

Em comparação com o uso de THAT, IT teve nove ocorrências até à entrevista de nº 8. Das nove ocorrências, 8 foram de IT_{NP} e apenas uma (acima) foi de IT_f. Isso parece mostrar que IT e THAT se alteram, nesta fase, como sujeitos pronominais. Mas enquanto o IT_f só apareceu uma vez, na entrevista 4, e o IT_s não teve nenhuma ocorrência, o THAT_s teve cinco ocorrências. Em quatro dessas ocorrências a sentença é a mesma, como abaixo:

(601) That's right.

Em (601) THAT se refere a toda a sentença anterior, proferida pela entrevistadora. Também em:

(814) Is that all right?

a referência é a sentença toda. Não houve nenhum caso de THAT atuando como 'filler'.

Quanto a THIS, até a entrevista 8, teve 5 ocorrências todas como THIS_{NP}. A referência é claramente dêitica e recobre um objeto que José Augusto está mostrando, na maior parte dos casos, fotos, que ele descreve, como em:

(1004) This is just in Austria; cometary.

Quanto à distinção entre THIS e THAT parece não haver uma escala fixa de distância. O que se pode observar é que os casos em que se usou THAT/THIS tinham como referência objetos inanimados e sem ligação mais íntima com o sujeito. São gravuras e sentenças anteriores. Em alguns casos de THIS, a referência era a fotografias em que o aprendiz estava ou que ele havia tirado.

Assim, até esta altura não é evidente nenhuma diferença entre o uso de THIS e THAT, numa escala de distância.

Na entrevista de nº 9 THAT/THIS tem um uso bem acentuado. THAT ocorreu 23 vezes, enquanto THIS foi usado em 21 casos. Todos os usos de THIS foram de THIS_{NP}. A referência é bem específica. Referem-se a fotografias pessoais, ou a coisas e pessoas particulares nas fotos. Os usos do THAT_{NP} tiveram a mesma referência. Também se referiram a pes-

soas, fotos ou detalhes nessas fotos. Não fica clara a distinção entre THIS e THAT numa escala de proximidade, se é que há alguma, nesses contextos. Parece que o uso de THIS e THAT se alternam livremente. Assim se compararmos:

(1095) That was the best photograph I've ever taken.

(1097) This is the postcard I sent from Austria.

vemos que tanto THAT como THIS tem uma referência bem específica (photograph e postcard respectivamente) e bem semelhante. Portanto, os dados não evidenciam nenhuma distinção marcante entre THIS e THAT.

Também IT, comparado com THIS e THAT não parece trazer nenhum traço específico de referência. O que gostaríamos de sugerir é que THIS/THAT e IT (principalmente IT_{NP}) estariam em variação livre e teriam o mesmo valor referencial para José Augusto. O que diferenciaria esses três itens é a propriedade do IT e do THAT de assumir uma referência mais vaga e ser mais usados como referentes sentenciais e 'fillers' ao passo que THIS se limitou ao uso THIS_{NP}.

Assim, até a entrevista de nº 9, THAT_{NP} foi usado em 26 vezes, dos quais 19 foram de IT_{NP}, uma de IT_S e 6 de IT_F.

Se compararmos os enunciados abaixo, vemos que IT/THIS/THAT tem os mesmos ambientes. Assim:

(1035) It's just a kind of tower.

(1042) That's just in Brazil.

(1044) This is um Big Ben.

Os enunciados acima têm o mesmo tipo de referência, ou seja, referem-se a fotografias que o sujeito está explicando. Igualmente nos enunciados seguintes:

(962) ...Just to the seaside and that was just for a day.

(1017) ...but that was in spring it was...

O THAT tem uma referência mais ampla e engloba todo o contexto situacional, não apenas um objeto ou pessoa-definidos. São casos de THAT e IT 'fillers'. Compare-se esse uso com o que ocorre nos enunciados:

(967) It's funny (how these Portuguese people speak).

(1032) That's me. That's how I like the sea without any waves.

em que o IT e o THAT funcionam como um elemento postígio antecipador da informação contida nas frases que seguem.

Ainda assim, podemos distinguir um traço no (1032) que parece não haver em (967). O THAT_S de (1032) tem uma referência anafórica (ã foto) e catafórica (ã sentença toda).

Jã em (967) a única referência do IT é catafórica (ã sentença posterior).

Nas entrevistas de 10 a 18, o demonstrativo THIS confirmou seu uso como THIS_{NP} em mais 20 enunciados. Quanto a THAT, distribuiu-se em 32 ocorrências de THAT_{NP}, 26 casos de THAT_S e 5 de THAT_f, perfazendo, portanto, mais 63 usos.

O IT distribuiu-se em 95 casos de IT_{NP}, 7 casos de IT_S e 31 casos de IT_f.

IV.5.3.

Em Português a terceira pessoa pode ser preenchida, por ele, ela ou igualmente por um demonstrativo este, esta, isto, esse, essa, aquela, aquilo.

Considerem-se os seguintes enunciados com uma tradução equivalente em Português:

(1085) This is my Granny again and my aunty.

(1085')Esta é minha avó e minha tia.

(1083) This is my dog.

(1083')Este é meu cachorro.

(1092) This is the Cemetery in Austria again.

(1092')Este é o cemitério na Áustria de novo.

(1524) This is where the President lives.

(1524')Aqui é onde o Presidente mora.

(1743) ...See this is what ya...

(1743')Sabe...Isso é o que se...

Em (1085) THIS tem referência a pessoas do sexo feminino 'Granny' e 'aunty'; como em português esta se refere à 'avó' e 'tia'. Em (1083) THIS (em Inglês, neutro) se refere a um animal. Em português, este (masculino) se refere a 'cachorro', palavra masculina. Em (1092) THIS se refere a uma coisa, um ser inanimado 'Cemetery'. Este, em (1092) se refere a 'cemitério', uma palavra masculina. Em (1524), THIS se refere a um lugar 'Brasília', uma cidade e portanto uma entidade inanimada. Note-se que a tradução em Português foi por 'aqui'. (AQUI é um daqueles indicadores de pes-

soa de que fala Benveniste. Quando ao telefone, alguém diz: 'This is John. (Aqui é o João)', eu só posso pensar nesse-THIS como co-referencial a John).

Em (1743), teríamos provavelmente o único caso de THIS_S, se o enunciado tivesse se realizado. Mas a tradução do Português 'Isso' mostra bem o caráter vago de referência. Não é a uma pessoa, animal ou coisa que o THIS se refere, mas provavelmente a uma sentença toda que foi interrompida. Assim, vemos que o demonstrativo THIS não tem traço especial e foi usado para pessoa do sexo feminino (e poderia ter sido usado para masculino, igualmente); para animal, para coisa e para (provavelmente) sentença.

Consideremos agora os seguintes enunciados com THAT:

(1032) That's me...

(1032')Esse sou eu...

(1250) An that's the goalkeepers.

(1250')E esse é o goleiro.

(1439) Yes, that's the same town...

(1439')Sim, essa é a mesma cidade...

(1607) That's what I said.

(1607')Isso é o que eu disse...

(1738) Yes, that's just around the corner.

(1738')Sim, fica bem virando a esquina.

Em (1032) THAT se refere a ME, primeira pessoa do singular; em (1250) THAT se refere a 'goalkeepers', referência pessoal, de terceira pessoa masculina. O número (1439) apresenta o demonstrativo THAT referindo-se a 'town', uma entidade neutra, de 3a. pessoa, não-animada, não-humana. Em (1607) THAT se refere a uma sentença 'What I said', uma entidade abstrata, portanto, e impessoal; Em (1738) a referência do THAT é ainda mais vaga, pois refere-se ao contexto situacional. Se considerarmos os enunciados abaixo, vemos que IT se aplica a uma série de referências diferentes:

(844) It's like, it's a pigeon.

(1756) It's not a racing car.

(1872) ...So they knew it wasn't a whale.

(1941) It is already four o'clock...

(2.167)No. I didn't vote; it was only the seniors (who voted)

Em (844) IT se refere a 'pigeon', um substantivo neutro, não-humano, animado. Em (1872) a referência é semelhante ('whale'). Em (1756) IT se refere a um objeto não-humano, não-animado, não-pessoal 'racing car'. Em (1941) a referência é ao ambiente nessa expressão de tempo; em (2:167) IT se refere à sentença relativa subentendida 'who voted'.

Como vimos, José Augusto não empregou nem uma vez IT para se referir à entidade humana. IT foi usado para animais, objetos, expressão de tempo e sentenças.

IV.5.4.

Em resumo, como se pode ver no quadro VI, vemos que IT e THAT tiveram o maior número de ocorrências como IT_{NP} e THAT_{NP} (113 + 53). THAT foi preferido a IT por José Augusto para referir-se a uma sentença toda (33 para 10) e IT - sobrepuiu THAT (35 para 9) como preferido nas construções do tipo 'filler'. Quanto a THIS, foi usado somente como THIS_{NP} em 46 casos, enquanto THAT_{NP} ocorreu 53 vezes, contra 113 de IT_{NP}.

Numa escala de referência, vemos que THIS foi o pronome mais específico, pois foi empregado somente para casos onde a referência era claramente dirigida a uma frase nominal que o precedia ou seguia; THAT e IT alternaram com THIS para recobrir essa função, tendo IT ocorrido na maior parte das vezes (113) seguido de THAT (53) e THIS(46). THAT e IT se dividiram entre os usos sentencial e 'filler' mas THAT teve uma sensível tendência a ser empregado mais quando a construção era do tipo sentencial (34), tendo IT ocorrido nesse mesmo ambiente, mas em menor escala (10). IT se revelou o pronome 'filler' por excelência, perfazendo 35 usos, contra 9 de THAT nas mesmas circunstâncias.

THIS precedeu THAT e IT no aparecimento no corpus. Assim é que THIS apareceu quatro vezes já na primeira entrevista. Os primeiros THIS e THAT foram do tipo 'NP', enquanto o primeiro IT foi um 'filler'. O uso de THIS se restringiu ao THIS_{NP} (45 casos), tendo ocorrido apenas um ca-

QUADRO VI
 FREQUÊNCIA DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Nº DE ENTRE-VISTA	INTERVALOS EM SEMANAS	ENUNCIADOS	THIS	THAT _{NP}	THAT _S	THAT _f	THAT	THIS Outras Posições	THAT Outras Posições
1	-	1 - 179	4	0	0	0	0	2	0
2	2	180 - 336	0	1	0	0	1	8	0
3	5	337 - 542	0	0	0	0	0	5	5
4	2	543 - 649	0	0	4	0	4	1	5
5	2	650 - 782	1	1	0	0	1	0	6
6	10	783 - 813	0	1	0	0	1	1	0
7	6	814 - 847	0	2	1	0	3	0	2
8	3	848 - 873	0	0	0	0	0	0	2
9	15	874 - 1102	21	16	3	4	23	1	2
10	1 $\frac{1}{2}$	1103 - 1126	0	1	0	0	1	0	0
11	1 $\frac{1}{2}$	1127 - 1256	0	5	1	0	6	3	4
12	1	1257 - 1311	0	0	1	0	1	0	2
13	2	1312 - 1575	12	9	2	1	12	7	12
14	1	1576 - 1664	2	0	6	0	6	1	2
15	6	1665 - 1742	0	3	1	1	5	0	3
16	1	1743 - 1921	6	9	7	1	17	7	5
17	2	1922 - 2110	0	2	1	2	5	2	3
18	2 $\frac{1}{2}$	2111 - 2314	0	5	7	0	10	2	6
TOTAL :			45	55	53	9	95	57	61

so de THIS_S, mesmo assim num enunciado interrompido. A exem plo do que aconteceu com IT_{NP}, o THAT_{NP} foi o que mais ocor reu, porém em número bem inferior a IT_{NP}. A porcentagem de usos de IT_{NP} foi de 75% para 25% de THAT_{NP}. THAT_S foi usa- do em 33 enunciados enquanto IT_S só em 10. Isso nos dá uma porcentagem de 75% para THAT_S e 25% para IT_S. Por outro lado, IT foi o pronome mais apropriado para construções do tipo 'filler'. THIS e THAT também foram usados em outras - posições que não as de sujeito. Os usos, em geral, foram como modificadores de uma frase nominal (adjetivo demonstra tivo), como objeto direto, ou seguindo preposições - como 'for', 'about', 'of', 'after', etc, e em expressões fi- xas como 'like that' (cf. levantamento dos dados). THIS te- ve 37 empregos desse tipo, o que comparado com THIS_{NP} dá uma proporção de 55% para THIS_{NP} contra 45% para THIS em outras posições. Embora com pequena vantagem, THIS foi usa- do mais como THIS_{NP} que em outras posições. THAT teve 95 usos como sujeito e 61 usos em outras posições. A porcenta- gem é semelhante ao uso de THIS: 60% para THAT como sujei- to, para 40% para THAT em outras posições.

No seu estudo de aquisição de primeira língua Reni- ra Huxley mostra que o demonstrativo, que era muito usado, nas primeiras semanas, pelas crianças, foi tendo um uso me nos frequente mais para o final das gravações. Dois conjun- tos de dados de crianças na faixa de 8 anos foram compara- dos com os dados de Katriona e Douglas e viu-se que os pro- nomes demonstrativos não foram usados por elas como o fo- ram pelas crianças mais jovens. Igualmente em nosso estudo,

os demonstrativos, que quase não apareceram nas primeiras-entrevistas, foram pouco usados em comparação com IT ou com outros pronomes pessoais.

Assim, a terceira pessoa, na sua função de representação sintática, que se estende a termos tomados às diferentes partes do discurso e que responde a uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado inteiro por um substituto mais manejável, tem características próprias, que são, entre outras, combinar-se com qualquer referência de objeto e comportar um número às vezes grande demais de variantes pronominais ou demonstrativas.

IV.6.

Contexto de Uso e Eliminação do Pronome

IT

IV.6.1.

Os enunciados do corpus foram classificados e analisados sintaticamente segundo o tipo da sentença em que eles ocorreram. Tal análise e classificação se aproxima de uma análise da estrutura superficial dos enunciados.

O exame superficial dos dados nos sugere que o It_{NP} por ter um equivalente gramatical no Português onde o pronome pode ser eliminado ou pode figurar na estrutura sintática, apresenta na interlíngua um uso opcional. Considerem-se os enunciados abaixo:

- (325) Is a small library.
- (1033) It's a paddle boat. See this.
- (1435) It's very famous.

Nos exemplos acima o It eliminado é do tipo It_{NP} . Comportamento semelhante teve o It_I , como nos exemplos abaixo:

- (568) Oh, is very hot.
- (1490) Yes, it's in Glasgow.

A taxa de empregos dos pronomes nos contextos exemplificados acima foi mais elevada que a taxa de eliminações.

Alguns fatores na estrutura das sentenças parecem afetar o uso e a eliminação do pronome. Considerem-se os

enunciados abaixo:

(824) Yes, it must be a broken wing.

(785) was printed.

(2151) It finishes at ten o'clock.

(825) Think it's a letter.

Quando seguido de modal, como em (824) o pronome *It* apresenta um uso mais acentuado. Com 'full verbs' a margem de empregos foi bem mais elevada que a de eliminações. Parece haver certa evidência de que com tais verbos havia maior necessidade do emprego do pronome que com o verbo *be*, como os dados, embora escassos, demonstram. Esses verbos são verbos de ação e não de estado. Daí talvez a necessidade de especificação de um agente na estrutura superficial, na forma de um pronome. O pronome foi pouco eliminado, tanto em sentenças na ativa (2.151) quanto na passiva (785).

Nas sentenças subordinadas, houve um uso maior do pronome (825) e os poucos casos de eliminação que ocorreram foram quase todos com o verbo 'be'. Talvez essas sentenças, por serem mais longas e complexas reclamem do aprendiz uma preocupação maior de clareza da referência.

Os casos de 'clefting' tiveram um uso pronominal bem acentuado. Vejam-se os exemplos seguintes:

(2.167) No, I didn't vote; it was only the seniors (who voted)

(636) Is Agricola that was a general.

A natureza dessas construções, onde o *It_S* (um elemento postígio antecipador da informação) é apenas um sujeito formal, parece favorecer o uso do pronome. Igualmente, as

sentenças com It se referindo a um infinitivo ou a uma sentença, foram bem semelhantes aos casos de 'clefting' quanto ao uso e à eliminação.

A maior parte dos usos de IT com o verbo 'have' aconteceram no contexto onde esse verbo copia locativos, como em:

(1072) ...had their names written in the skulls.

(1768) It's got this wee plug in it somewhere in here.

Algumas expressões poderiam ter sido adquiridas por José Augusto como um todo, como 'It's got', 'It's like'... etc., pois uma vez usadas elas sempre reaparecem como um todo, não ocorrendo, porisso, muitas eliminações. Ainda no contexto de IT com verbo 'have' significando 'ter', 'existir', 'haver', as construções de José Augusto parecem traduções literais do Português. Considerem-se o enunciado abaixo:

(986) ...has the wee passage.

Aqui parece não haver uma referência específica para o IT eliminado, senão o contexto situacional. Nas demais construções desse tipo o IT foi sempre eliminado.

No contexto de expressões com sujeito 'rebaixado'-(como It's like, 'it looks like') houve uma taxa de em—gos bastante acentuada. O enunciado seguinte exemplifica esse contexto:

(1421) Think it looks like something in the Mediterranean.

Com 'if clauses', o It da sentença subordinada não acusou nenhum caso de eliminação. Vejam-se os enunciados se

guintes:

- (1479) Because if it rains so the people don't get wet.
(1466) Yes, if it this was the very for and it should be
somewhere over here.

Também o IT da sentença principal não sofreu eliminação nesse contexto, como se vê em (1466).

IV.6.2.

Em resumo, algumas evidências parecem nos sugerir, que o uso e a eliminação do pronome IT poderiam estar de certa forma condicionados aos contextos em que o pronome ocorre. As construções com o verbo 'be' são mais suscetíveis à eliminação do pronome que construções com outros verbos em geral. As construções do tipo It_f e It_S sugerem mais transferência da língua-mãe, onde essas construções são im pessoais, que condicionamento contextualmente definido. Os casos de It_{NP} , que foram os mais frequentes, revelam uma tentativa de simplificação gramatical através de uma técnica de eliminação da redundância pronominal pois a informação sobre o sujeito é facilmente recuperável no contexto situacional. Assim, o exame dos contextos, ainda que sumariamente, nos sugere que a transferência da língua é um dos fatores mais importantes que interferem na aquisição do Inglês por José Augusto.

NOTAS DO IV CAPÍTULO

29. A inversão da ordem, "extraposição", em Português, não obriga a pôr um pronome no lugar da sentença deslocada. Não precisa ser necessariamente uma construção impessoal.

Veja por exemplo a sentença:

É necessário que João estude.

30. Considere-se o enunciado abaixo:

(571) Because it is very sunshining.

O contexto é bem de 'filler'. José Augusto está descrevendo num livro gravuras para crianças. Ele se refere ao tempo mostrado na gravura. Embora essas construções sejam sem sujeito em Português (está de sol), o predicativo 'sunshining' parece um tanto sintomático. Poderia estar ocorrendo um deslocamento da FN sujeito sun, acoplada aqui com o adjetivo, deixando, então, como marca o pronome IT. Nesse caso, o IT_f não seria um IT_f mas um IT_{NP} , substituto da FN sun. Isso seria mais coerente com as outras ocorrências, de IT, pois até essa altura, houve somente empregos de IT_{NP} , o que faria o primeiro estágio mais homogêneo.

31. O IT_{NP} e o IT_f , estão preenchendo um espaço estrutural, enquanto o IT_s é inteiramente redundante, uma vez que é cópia de sentença extraposta. Assim, enquanto o IT_{NP} e o IT_f preenchem na estrutura superficial o lugar

do sujeito que está vago, o It_s ocupa o lugar do sujeito, mas esse sujeito está na sentença extraposta. Desse modo, o It_s constitui mais um recurso para preservar a ordem supostamente mais comum na sentença.

32. Nickel (1971) comenta o problema das dificuldades dos aprendizes de segunda língua. Ele cita Stockwell, Bowen w Martin em *The Gramatical Structures of English and Spanish*, (1965:282).

"Applied to syntax the conception of a hierarchy of difficulties becomes even more problematic. The underlying assumption is the same: the construction of the hierarchy of difficulty depends on the assumption that some correspondences are more difficult to master than others (including, as correspondences, those instance where a rule in one language finds no corresponding rule in the other, or where a category in one is unmatched by a category in the other)".

C A P Í T U L O V

DISCUSSÃO. COMPARAÇÃO DAS ESTRUTURAS GRAMATICAIS DO INGLÊS E DO
PORTUGUÊS

V.1

Base teórica para a comparação das Estruturas Gramaticais

V.1.1

Dimensões para a Comparação entre Línguas

Corder(1973) postula que a comparação entre línguas deve ser feita levando em conta três dimensões: nomenclatura, forma e sentido. A primeira dimensão da comparação (nomenclatura) diz respeito ao uso pelo lingüista descritivo de uma terminologia adequada à descrição de cada língua. A segunda dimensão, se relaciona com os pontos de equivalência formal ou semelhança entre línguas envolvidas na comparação. Em relação a essa segunda dimensão Corder(p.326) adverte que a não ser que se possa impor um esquema sintático comum e adequadamente descritivo para qualquer par de línguas, as categorias e relações usadas na descrição de cada língua ficam específicas para cada língua e por isso elas não são comparáveis.

A terceira dimensão envolve o sentido, pois se existe identidade de estrutura entre duas línguas parece que isso se dá somente ao nível mais abstrato da estrutura semântica. Segundo Corder (p.243) isso traz implicações, i.e., somente em termos de significados que podem ser expressos é que duas línguas são idênticas, pois o que se pode dizer em uma língua também se pode dizer em outra.

V.1.2.

Gramáticas semanticamente baseadas

Corder (1973) sugere gramáticas semanticamente baseadas para a comparação das línguas pois o que é universal é a estrutura semântica das línguas. Falando da inadequação das gramáticas abordadas ele conclui que o linguista descritivo tem que usar uma comparação nocional de línguas e recorrer à descrições ad hoc de certas partes.

Assume-se, então, que poderia haver identidade entre as "mensagens" que se podem expressar em duas línguas, embora os meios para realizar isso sejam até certo grau específicos a cada língua. Mas enquanto não houver um conjunto de categorias e relações neutro quanto à língua para descrever a estrutura das mensagens, enquanto houver, entre a mensagem e a sua expressão física no som, uma falta fundamental de categorias e relações comuns para uma comparação realmente adequada entre duas línguas, tudo o que se pode fazer é nos conformarmos com paralelos sugestivos e comparações parciais e não rigorosas.

Daí nossa razão em não adotar nenhum modelo especial para a descrição das línguas em nosso trabalho. Procuramos fazer uma descrição sumária da estrutura da língua-mãe e da língua-alvo.

V.2

Comparação das estruturas do Português e do Inglês

Há várias diferenças entre o Português e o Inglês, que

podem afetar a aprendizagem de Inglês por um falante de Português. O Português faz uso de flexões. Nomes e adjetivos apresentam variações nas suas terminações, assim como os verbos apresentam muitas flexões. Comparativamente, o Inglês têm poucas flexões, tendo perdido muitas das que possuía nos primórdios da língua.

Quanto ao gênero, o Português usa dois gêneros, masculino e feminino. Os substantivos e adjetivos, incluindo também os artigos definidos e indefinidos indicam tanto número quanto gênero. As implicações gramaticais de gênero se perderam em Inglês.

O Português tem dois gêneros gramaticais e o Inglês tem três. O terceiro gênero do Inglês, o gênero neutro - (It), corresponde então a ora masculino ora feminino em Português. Em muitos casos o 'it' do inglês corresponde a \emptyset em Português. As formas distintivas de nomes, de pronomes pessoais (he, she, etc...) e de adjetivos possessivos indicam quase apenas sexo.

Quanto aos pronomes pessoais, a ausência de gênero verdadeiro em Inglês deveria facilitar sua aquisição por falantes de Português mas eles podem se confundir com o uso de 'he' para masculino, 'she' para feminino e 'it' para animais e coisas. Em Português o gênero masculino ou feminino é atribuído a todos os nomes. Quando os nomes são substituídos por pronomes, estes embora análogos às formas do Inglês, não são equivalentes, uma vez que os pronomes do Inglês designam sexo, não gênero, quando usados para

se referir a humanos.

Os pronomes pessoais como sujeitos dos verbos são geralmente omitidos em Português, uma vez que outros recursos, como as flexões verbais, indicam pessoa e número. Pode haver, daí, uma tendência de os falantes de Português aprendendo Inglês omitirem esses pronomes pessoais nos seus enunciados. Já demonstramos no capítulo sobre o uso e a eliminação dos pronomes pessoais em Inglês o comportamento dos pronomes pessoais sujeitos em geral. Neste ponto vamos examinar o uso do pronome pessoal it em nosso estudo.

V.3

O pronome pessoal it

Aproveitamos a classificação do pronome pessoal it apresentada no capítulo II. Não vamos comparar enunciado por enunciado da interlíngua com a língua-alvo e com a língua-mãe. Uma vez que o problema dessa tese é a aquisição do uso do pronome pelo aprendiz, vamos nos ater aos enunciados onde o pronome foi ou deveria ter sido usado.

Considerando que os enunciados com it pertencem a um padrão bem definido na língua-alvo, a presença do pronome pessoal sujeito é sempre obrigatória. Procuramos então, sintetizar a descrição das estruturas das línguas envolvidas na comparação. O pronome pessoal it foi classificado em nosso estudo em it_{NP} , it_S e it_I , com base na referência. Vamos começar pelo it_{NP} . Ele ocorre em um contex-

to onde o uso do pronome é obrigatório em Inglês. O verbo que ocorre com It_{NP} é geralmente o verbo be, seguido de uma frase nominal, um adjetivo ou um advérbio. Outros verbos também podem ocorrer nesse contexto, mas a proporção de ocorrências de be é muito maior. O It_{NP} tem uma referência clara no contexto, podendo se referir a uma frase nominal que o precede ou que o segue. A frase nominal pode designar uma coisa, um animal ou uma outra entidade. Assim, no exemplo abaixo:

(1033) It's a paddle boat. See this.

O It_{NP} se refere a um objeto (= paddle boat), mas em outros exemplos ele pode ter referência a uma entidade abstrata, como no exemplo abaixo:

(1213) It's a wee chance.

Onde it se refere a chance. Igualmente it pode se referir a uma frase nominal precedente, como em:

(1414) It holds a hundred thousand.

Nesse enunciado o it se refere a stadium, que veio antes. It_{NP} pode ser seguido por adjetivos ou advérbios, como no exemplo abaixo:

(1435) It's very famous.

(1488) Yes, it's here.

Em ambos os exemplos, o it se refere a frases nominais precedentes. Não pretendemos esgotar as possibilidades de construções com It_{NP}, mesmo porque elas são infinitas, mas queremos chamar a atenção para o fato de que, no Inglês, em todas as construções em que ocorrer o uso desse tipo de referência pronominal, a presença do pronome

peçoal it será sempre obrigatória, por mais diferente que seja a sentença (e.g.: sentenças encaixadas, "if clauses", passivas, sentenças com "full verbs", etc...).

O It_s, como a própria abreviação nos sugere, tem como referência uma sentença precedente (referência anafórica) ou posterior (referência catafórica). Pode ocorrer também em uma multiplicidade de contextos, por exemplo, nos casos de "clefting" e de predicados sentenciais. O que nos importa, em termos desse estudo, é que, no Inglês, o Its, embora seja um recurso sintático para expressar um sujeito formal, é obrigatório na estrutura superficial dos enunciados. Como tal, ele deve ser obrigatoriamente incluído nos enunciados superficiais dos falantes de inglês. Damos a seguir, um exemplo do uso de Its:

(1563) Yeah. He planned up. It was him who sketched it.

Nesse enunciado, o it se refere a toda a sentença relativa who sketched it. O it pode igualmente se referir a uma sentença infinitiva, como em:

(1455) Yes, it's very hard to swim.

Nesse contexto o it substitui o sujeito infinitivo to swim.

O termo sujeito infinitivo aqui é tomado no sentido tradicional de sujeito superficial, pois uma análise mais semântica revelaria a indeterminação do sujeito nesse enunciado, daí talvez o uso do it que poderia ser um mecanismo de indeterminação do sujeito em inglês. No entanto, - qualquer que seja a nomenclatura adotada para classificar

o it que ocorre nesses enunciados, ele sempre vai ser um elemento obrigatório nessas construções.

Como apresentamos na resenha da literatura pertinente em nosso capítulo sobre Pronomes Pessoais, o It_f pode ser considerado um elemento superficial vazio que não reflete nada na estrutura semântica para alguns, para outros é um nominal com a maior generalidade de sentido possível, pois a vagueza da sua referência não implica em falta de referência. Qualquer que seja o foco pelo qual se encare o It_f , o que nos importa, para efeito dessa descrição, é que ele é um elemento obrigatório nas sentenças superficiais do Inglês. Ele pode ocorrer em contextos bem diversos, como alguns exemplos podem nos mostrar. Considere-se o enunciado abaixo:

(501) It's hot.

O it nesse contexto recobre o ambiente total, não apenas algum objeto dentro dele.

Independentemente do contexto em que o It_f esteja usado, ele vai ser sempre um elemento superficial obrigatório na estrutura das sentenças do Inglês.

Em suma, o pronome pessoal it, embora tenha seus usos especializados como It_{Np} , It_s ou it_f , é um elemento sintático de uso obrigatório na estrutura superficial das sentenças de Inglês consideradas em nosso estudo. O seu uso faz parte da competência de falantes nativos de Inglês e ele deve constar obrigatoriamente das sentenças gramaticais da produção de enunciados em Inglês.

V.4

Os pronomes pessoais em Português

Examinemos agora como esses fatos ocorrem no Português. Conforme sugerimos em nosso capítulo II, o uso dos pronomes pessoais em Português é muitas vezes opcional. É muito mais um problema de referência que propriamente de sintaxe, i.e., o pronome só é usado para explicitar a referência e eliminar a ambigüidade em enunciados onde sua ausência acarretaria dificuldade para o reconhecimento do sujeito da ação verbal. Dessa forma, na maioria dos casos o não-uso do pronome pessoal sujeito é a atitude mais comumente adotada pelos falantes nativos de Português, principalmente em relação aos pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoas. A natureza subjetiva do discurso caracterizada pela interação do locutor e do interlocutor como verdadeiras pessoas participantes do ato da fala em oposição à não-personalidade da terceira pessoa poderia ser a responsável pela quase total eliminação dos pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoas. Igualmente, a terceira pessoa como não-pessoa, possuindo uma referência muito mais ampla, precisa ser muitas vezes explicitada por pronomes pessoais. Isso parece dar conta da maior porcentagem de empregos dos pronomes pessoais sujeitos de 3.^a pessoa verificada em nosso estudo.

Conforme demonstramos acima o It subdividido em as três subclasses de It_{NP} , It_s e It_f corresponde a realida-

des bem distintas em Português. Assim é que o it_{NP} pode ser traduzido às vezes por ele ou ela, dependendo se se trata, em Português, de uma entidade do gênero masculino ou feminino, mas comumente o It_{NP} das sentenças do Inglês não é traduzido em Português, isto é, corresponde a \emptyset na estrutura sintática. Considere-se o enunciado abaixo:

(844) It's a pigeon.

(1072) I took a photograph from somewhere but it
didn't come off.

Se traduzirmos as sentenças para o Português, teríamos as seguintes equivalências:

(844)' É um pombo

(1072)' Eu tirei uma foto de algum lugar mas (ela) não
saiu.

O it de (844) correspondeu exatamente a \emptyset em (844)'. É verdade que poderíamos ter o pronome incluído na sentença em (844)', como se vê em (844)". Ele é um pombo.

Mas a não ser que 'ele' fosse requerido num contexto muito especial onde se quisesse enfatizar o pronome, o uso do pronome nessas circunstâncias não é um uso natural do Português, e a sentença com 'ele' (844)" parece um tanto estrangeira.

O it da sentença em (1072) pode ou não ser expresso na sentença em (1072)', pois a referência é bem clara - (photograph). Os exemplos de n.ºs. (844) e (1072) bastam para mostrar que o it do Inglês pode corresponder a ele ou ela ou mesmo a \emptyset em Português. São exemplos de It_{NP} . -

Consideremos os enunciados abaixo, com as traduções equivalentes do Português:

(1565) ... It was him who sketched it.

(1563)' ... Ø Foi ele que esboçou (isso).

(1882) I think it would be difficult to buy through the customs.

(1882)' (Eu) acho que seria difícil comprar através da alfândega.

O it do enunciado (1565) corresponde a Ø em (1563)', i.e., em Português não se usa um pronome pessoal sujeito em sentenças desse tipo. Igualmente o it empregado em (1882) não obteve nenhum correspondente direto em Português, senão Ø. São casos de It_s . Mas consideremos os enunciados seguintes:

(990) A Sunday I think it was.

(990)' Um domingo, eu acho que Ø era.

Em (990) temos um It_f que não encontra uso similar em Português. Em (990)' não temos um pronome pessoal de terceira pessoa que corresponda ao It_f . A construção do Português é uma sentença caracteristicamente impessoal.

V.5

Em resumo, o it das construções do Inglês, pode corresponder a coisas diferentes em Português. O It_{NP} pode ter um pronome pessoal masculino (ele) ou feminino (ela) como contraparte em Português ou simplesmente ser eliminado, o que é muito mais frequente. O It_s e o It_f , de uso

mais especializado em inglês, correspondem a \emptyset em Português, i.e., são um dispositivo formal sinalizador do sujeito, uma vez que a sintaxe do Inglês exige a presença obrigatória de sujeito formal nas sentenças superficiais da língua. Em Português inexistente o uso de pronome pessoal sujeito em sentenças com o mesmo sentido das sentenças do Inglês onde o pronome it é usado como It_f ou It_s , i.e., - se compararmos as traduções portuguesas dessas sentenças do Inglês, vemos que a estrutura superficial do Português não faz uso do mesmo dispositivo sinalizador do sujeito. Em Português tais construções ou são consideradas orações sem sujeito, ou orações com sujeitos indeterminados, ou são construções ditas impessoais. As duas línguas recorrem a dispositivos diferentes para expressar as mesmas realidades. Assim, as estruturas na língua nativa e na língua-alvo não são sinalizadas da mesma maneira, isto é, pelo mesmo dispositivo formal. Quanto à dimensão de sentido, podemos afirmar que existe uma identidade de sentido entre as duas línguas, pois as mensagens que podem ser expressas em uma também o podem ser na outra, variando apenas os mecanismos para expressá-las. Quanto à distribuição, embora em nosso estudo os casos de uso de it na interlíngua estejam quase sempre ligados a enunciados com o verbo be em sentenças simples, vimos, no exame dos contextos de ocorrência do pronome, que ele pode ocorrer também com outros verbos, e em diferentes tipos de sentenças. Essas observações valem para o Português, com a diferença -

que não se usa (salvo em alguns casos correspondentes ao It_{NP}) um pronome pessoal nessas construções. Daí poderão surgir alguns problemas para o falante de Português, aprendendo inglês. É natural que haja uma multiplicidade de problemas para um aprendiz de uma segunda língua, problemas lingüísticos e extra-lingüísticos devidos a uma multiplicidade de fatores concomitantes, também lingüísticos e extra-lingüísticos. Nenhum estudo contrastivo, por mais adequado, abrangente e minucioso, conseguiria dar conta de todos os fatos das línguas em estudo.

O nosso projeto investiga alguns aspectos da aquisição do Inglês como segunda língua por um falante de Português e se concentra nos problemas específicos da aquisição do uso dos pronomes pessoais, particularmente do pronome it nos enunciados da interlíngua que o aprendiz produz nas tentativas de expressar suas mensagens na língua-alvo.

V.5

O pronome pessoal 'It'

Delineamos agora o problema específico do it. Em Inglês, como foi exposto na descrição sucinta apresentada anteriormente, o uso do pronome it é obrigatório como pronome sujeito em vários tipos de construções. Tais pronomes foram classificados em It_{NP} , It_s e It_f . Enquanto o It_{NP} tem uma contraparte em Português, que pode ser o pro

nome pessoal de 3.^a pessoa, masculino, 'ele', ou feminino 'ela', embora corresponda na maior parte das vezes a \emptyset , o It_s e o It_f não têm uso similar em Português, i.e., o Português não usa o mesmo dispositivo formal para sinalizar o sujeito nessas construções. Isso coloca o pronome pessoal it dentro de uma hierarquia de maior dificuldade em relação aos outros pronomes pessoais, pois estes têm um uso na língua recipiente semelhante ao uso da língua modelo. É relevante notar que a sintaxe do Inglês não apresenta a mesma flexibilidade da sintaxe do Português no aspecto dos pronomes sujeitos. Antes, em Inglês é obrigatória a marcação de sujeito na estrutura superficial das sentenças, o que em Português é opcional, ou melhor, é contextualmente definido. Desse modo, José Augusto, nas suas tentativas de falar a língua-alvo, produz erros em termos de segunda língua, que, em nosso estudo, constituem os dados lingüísticos, os fatos gramaticais da interlíngua. O uso dos pronomes pessoais "he", "she" e "it" é reminiscência de marcação de gênero no sistema gramatical do Inglês.

"He" pode substituir a classe representada por palavras do sexo masculino, como no exemplo:

(5.2) He's my father.

Nesse exemplo "he" se refere à palavra masculina - father. "She" recobre entidades do sexo feminino. Veja-se o seguinte exemplo:

(5.3) She's my mother.

Nesse exemplo "she" se refere à palavra feminina - "mother".

"It" pode se referir à classes de palavras que designam objetos, animais, seres animados e inanimados (It_{NP}); à sentenças e mesmo a textos anteriores ou posteriores (It_s); ou mesmo ter uma referência muito mais vaga e indefinida, como nos verbos que indicam fenômenos meteorológicos, em expressões de tempo, distância, etc., em que a referência é feita a todo o contexto situacional (It_f), como mostramos na classificação e discussão do pronome.

A aquisição dos pronomes pessoais do Inglês por falantes de Português pode apresentar algumas dificuldades. Além da natural omissão dos pronomes pessoais em contextos bem definidos em Português, deve-se levar em conta - que os pronomes pessoais de 3^a pessoa do Inglês designam mais sexo, que gênero. Em Português, por outro lado, o gênero masculino ou feminino é atribuído a todos os nomes. Daí um uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa do Inglês baseado na analogia do uso desses pronomes em Português poderia levar a erros, pois embora análogos, os pronomes não têm uma distribuição equivalente nas duas línguas. Tentamos verificar se José Augusto teria conseguido dominar o uso desses pronomes em Inglês, dadas as divergências que a língua-mãe e a língua-alvo apresentam quanto ao gênero. A exigüidade dos dados não nos permite levantar uma hipótese mais sofisticada e tirar conclusões - contundentes sobre esse problema. O que fazemos é traçar

algumas considerações sobre as ocorrências dessas formas e procurar algumas explicações plausíveis para os fatos. Considere-se o enunciado (590) abaixo:

(590) The thrush is making a nest. He go to...laying eggs. Mm. Have er blue eggs and black dots. Is the little birds, sons of the thrush. He give food to the sons, and a cat want eat a thrush and the ah brothers helpin him.

Em (590) José Augusto parece estar usando a noção de que 'pássaro' em geral, é masculino, não se importando se o pássaro determinado no contexto é macho ou fêmea. Ele usa a forma masculina, tanto para o pronome pessoal sujeito quanto para o pronome objeto (him), talvez porque o masculino seja a forma não-marcada. O mesmo ocorre em outro enunciado, o de nº 595 (cf. apêndice: A₃1) onde his foi usado em vez de their. Considere-se o enunciado abaixo:

(1355) I think he's got the ox by his tail, see?

No contexto, its foi preterido em favor de his, o que, analisado em termos da língua adulta teria um efeito cômico, pois se poderia pensar em his co-referencial ao sujeito he. Talvez, para José Augusto, ox fosse um nome da classe he, daí o uso do possessivo his, à semelhança do Português. Ainda, na entrevista V, sob o número (667) tivemos um caso em que his foi usado com referência a dog, quando a forma adulta seria its. O uso dos possessivos his (1355) e his (667) em lugar de its parecem ser reflexo da concordância que se faz em Inglês do possessivo com o possuidor,

não com a coisa possuída, como em Português. José Augusto teria aplicado a noção de que 'pássaro' (bird) em Português masculino, e 'boi' (ox), em Português também masculino, seriam masculinos também em Inglês, gerando daí o possessivo his, onde o aprendiz parece estar testando suas hipóteses com base em um falso conceito.⁵³

Os enunciados da entrevista XI parecem trazer um uso normal de pronomes pessoais, pois, ainda que intuitivamente falando, é comum em Inglês as crianças tratarem brinquedos por he ou she, o que é uma personificação dos objetos e talvez uma demonstração de afeto. Embora não sendo mais crianças, os falantes nativos de Inglês consultados consideram esse uso plenamente aceitável.

V.7

A distinção animado/inanimado no uso dos pronomes de terceira pessoa

Nós gostaríamos de hipotetizar que os pronomes pessoais 'ele' e 'ela' do Português têm um uso mais restrito como referentes de pessoas, masculinas e femininas, respectivamente, e que, com referência a outras entidades, como objetos, animais, e outros seres inanimados o uso mais comum é \emptyset . Em outras palavras, 'ele' e 'ela' possuem um traço (humano), e ficam bem quando usados para substituir nomes com esse traço; com nomes marcados com o traço (-humano) o uso mais comum é \emptyset , podendo todavia ocorrer 'ele' e

'ela' em contextos especiais.³⁴ Todavia o uso de 'ele' e 'ela' para coisas é enfático e pode revelar que o objeto designado por esses pronomes é o foco da sentença. Procuramos evidência para essas suposições na fala de falantes nativos de Português. Intuitivamente muitos concordaram com esse uso. Buscamos mais evidência em fontes que pudessem ser documentadas e oferecessem bases mais concretas para alegações quanto à natureza do uso desses pronomes. Usamos como amostra um corpus levantado em trabalhos de análise da narrativa³⁵ de conto de experiências pessoais, momente de narrativas orais de perigo de morte por que teria passado o narrador. No caso, nossas narrativas compreendiam 956 enunciados nos quais os narradores entrevistados contavam os perigos porque passaram. As narrativas foram suscitadas pela pergunta: 'Você já passou por algum perigo de morte?' Procuramos tabular a frequência de emprego e eliminação dos pronomes pessoais sujeitos nas ocorrências do corpus. As conclusões que vamos apresentar e as sugestões que pretendemos fazer se limitam ao exame dos dados em questão, que é o que nossa análise quantitativa pode garantir. Procuramos, então, marcar todas as possíveis - ocorrências de pronomes de terceira pessoa, i.e., os casos onde o pronome foi realmente usado e onde ele poderia ter sido empregado. No quadro VII apresentamos em números absolutos as ocorrências dos pronomes pessoais sujeitos do corpus da entrevista. Não vamos nos preocupar com os contextos em que esses pronomes ocorrem, ou são eliminados.-

Assim, vamos considerar primeiramente as ocorrências de 'ele' e 'ela', marcados com o traço (+humano). Vamos abreviar a descrição dos tipos de pronome, usando entre parênteses ou sinais + ou -, seguidos da abreviação do traço, colocados abaixo do pronome. Assim, para descrever o pronome 'ele' usado como referência a um nome humano, teríamos a seguinte escritura: 'Ele'(+hum). Usamos o sinal(-) para marcar o não-uso do pronome diferente de \emptyset , que marca a não-existência dele. Assim o pronome 'ele' teve 72 ocorrências de emprego para 41 de eliminações. O plural 'eles' teve 05 (cinco) usos e 04 (quatro) eliminações. O feminino 'ela' foi usado em 34 casos e eliminado em 13 outros. Todos esses pronomes tiveram um traço (+ hum) de referência.

Considere-se o seguinte enunciado:

(5.4) ele não aguenta contar a minha vida de criança.

Nesse enunciado, 'ele' se refere a 'um irmão da minha mãe' do enunciado anterior. No seguinte exemplo, o pronome 'ele' (+hum) foi eliminado:

(5.5) estudava com os filhos deles.

A referência, nesse contexto é a 'esse rapaz', mencionado no contexto anterior. Também a pluralização do pronome ocorreu, como se nota nos exemplos abaixo:

(5.6) Dali uns dias eles descobriram que era o meu irmão.

(5.7) faziam a mesma coisa comigo.

Em (5.6) tivemos um uso de 'eles'(+hum); em (5.7) o pronome foi eliminado.

Menos frequente que a forma masculina, o pronome 'ela' (+ hum) aconteceu em 34 vezes, como no exemplo:

(5.8) Mas ela num falô pra mim me casar com o filho
dela,

em que 'ela' se refere à 'mãe dele' e foi também eliminado em 13 casos, como em:

(5.9) já está... já está quase na terceira série
onde o pronome refere-se anaforicamente a 'ã menina!'

Somados, os pronomes pessoais de terceira pessoa marcados com o traço (+ hum) apresentaram 160 ocorrências. Os pronomes pessoais de 3.^a pessoa marcados com o traço (-hum) ocorreram em 57 casos. O pronome 'ele' (-hum) ocorreu 17 vezes como no enunciado:

(5.10) que até ele voltar ao normal

onde 'ele' se refere a 'o organismo', um nome marcado com o traço (-hum). O pronome 'ela' (-hum) foi usado em 26 casos, tendo sido eliminado em outros 10. Considerem-se os seguintes exemplos:

(5.11) cada vez... cada vez que ela muda de lugar

(5.12) porque fica prejudicando a menina.

Em (5.11) 'ele' se refere anaforicamente a 'pele de pipoca';

em (5.12) o pronome 'ela' eliminado tem a mesma referência anafórica.

Assim, os pronomes de terceira pessoa marcados com o traço (- hum) só perfizeram 57 usos. Comparados com os pronomes de terceira pessoa marcados (+ hum), estabelece-

se uma porcentagem de 73.5% de usos do pronome marcado (+ hum), contra somente 26.5% de ocorrências do pronome marcado (- hum).

V.8

Os pronomes pessoais de terceira pessoa e a referência não-animada

Ampliamos um pouco nosso estudo, procurando mais evidência para o emprego de 'ele' e 'ela' para seres não-humanos, como animais e mesmo seres inanimados. Em uma das narrativas o foco da atenção era um animal, do gênero masculino - 'cavalo'. Em outra narrativa a referência se fazia a uma 'vaca', que era o agente dos eventos narrados. Ainda em uma outra narrativa o foco da atenção era 'o fogo' uma entidade, portanto, inanimada. Assim, nos enunciados seguintes:

(5.13) Ele voltô e me levô no lugar certinho, s e m que houvesse nada.

(5.14) ela sapatéava assim em cima da galinha, sabe?

'Ele' se refere a animal (cavalo) especificado anteriormente. 'Ela' se refere a 'vaca', mencionada nos enunciados anteriores.

Outras entidades inanimadas, como o fogo e o ônibus também foram substituídas por pronomes pessoais. Considere-se os exemplos abaixo:

(5.15) Ele é pesado ele vai pelo chão assim.

(5.16) E veio no bocaz da gasolina e começou... nê...

Em (5.15) ele se refere a gás da gasolina. O exemplo (5.16) mostra uma eliminação do pronome sujeito ele, com referência a uma entidade não-animada, como fogo. Não houve nenhum uso de pronome pessoal sujeito referindo-se ao foco da atenção o fogo, salvo no exemplo (5.15) explicado acima. Por outro lado, sempre que se fazia necessário expressar o sujeito, para ênfase ou esclarecimento, repetia-se a FN o fogo, como no exemplo:

(5.17) De repente veio um fogo, lá lá do lavador, sabe?

Em outra narrativa, o pronome 'ele' foi usado várias vezes, para se referir a uma entidade inanimada, o ônibus, como podemos notar no exemplo abaixo:

(5.18) E nessa volta que ele deu assim

em que 'ele' se refere a o ônibus, do enunciado anterior.

Nossa suposição anterior de que os pronomes pessoais de terceira pessoa em Português, tivessem um uso semelhante ao uso do Inglês, isto é, indicassem não gênero, mas sexo, referindo-se a seres marcados com o traço (+hum)pa_{re}ce estar se modificando face às novas evidências apresentadas pelo emprego desses pronomes pessoais com referência a seres animados e inanimados não-humanos. Resolvemos então contrastar o uso desses pronomes, conforme novos parâmetros, i.e., vamos agrupar os pronomes 'ele' e 'ela' em dois conjuntos. O primeiro conjunto é aquele em que esses pronomes se referem a entidades animadas. Marcamos os pronomes 'ele' e 'ela' então, com os traços 'ele'(+anim)

e 'ela' (+anim). O segundo conjunto é formado pelos pronomes em questão tendo como referência entidades inanimadas. O segundo conjunto têm os pronomes marcados como 'ele' (-Anim) e 'ela' (-Anim). Em números absolutos, os pronomes pessoais sujeitos marcados com o traço (+ Anim) apresentaram 196 ocorrências, contra 21 ocorrências de pronomes pessoais sujeitos com traço (-Anim). Proporcionalmente, isso nos mostra uma porcentagem de usos de 90% de pronomes com o traço (+Anim) para 10% para pronomes com o traço (-Anim).

Entre os pronomes com traço (+ Anim) a maior porcentagem de ocorrências foi de pronomes com o traço (+ hum). O subconjunto de pronomes (+ hum) apresentou 160 ocorrências e os pronomes (- hum) apenas 36. Esse quadro oferece uma porcentagem de 81.5% para pronomes (+ hum) contra 18.5% para pronomes (- hum). Vemos, então, que no conjunto dos pronomes (+ Anim), o subconjunto dos (+ hum) perfaz a maior parte dos dados. Na soma total, os pronomes pessoais (+ hum) tiveram 160 ocorrências, e os pronomes pessoais (- hum) tiveram 57. Estabelece-se, então, uma porcentagem de 73.5% de ocorrências de pronomes pessoais (+ hum) para 26.5% de ocorrências de pronomes pessoais (- hum).

Quanto ao uso e à eliminação dos pronomes pessoais, os pronomes pessoais (+ Anim) tiveram 133 ocorrências de uso e 63 de eliminação. Isso mostra uma porcentagem de 68% de usos para 32% de eliminações. Também com os pronomes (-Anim), apesar da pouca ocorrência, houve um uso de

13 vezes, para uma eliminação de 08, i.e., 61.5% de uso, para 38.5% de eliminações.

Do total de 956 enunciados analisados, em 365 houve o emprego de pronomes pessoais como sujeitos, ao lado de FNS e pronomes demonstrativos neutros. Os restantes enunciados (591) são exemplos de uso de outros sujeitos, como pronomes relativos, indefinidos, interrogativos, etc...e mesmo de pronomes pessoais de outras pessoas que não a 3a. Os 365 enunciados considerados perfazem 38% do corpus, enquanto os outros 591 somam 62%. A maior parte das ocorrências em que os sujeitos eram FNS trouxe FNS marcadas com o traço (+Anim), dentre as quais as FNS (+hum) foram as mais frequentes.

Os pronomes demonstrativos neutros isso e aquilo foram os sujeitos em 18 enunciados, como no exemplo abaixo:

(5.19) Sô isso chegava pra mim saí correndo.

V.9

O não-uso do pronome com referência não-animada

Com base nos dados disponíveis, podemos sugerir que quando a referência é a um nome marcado (-Anim) a forma mais comum em Português é o não-preenchimento da posição de sujeito pronominal.

Houve um grande número de sentenças onde parece não haver um sujeito sintaticamente definido, embora ele exista numa estrutura semântica mais profunda.

Q U A D R O V I I

PRONOMES PESSOAIS DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR

Í T E M S	E L E (+HUM)		E L A (+HUM)		E L E (+ANIM)		E L A (+ANIM)		E L E (-ANIM)		E L A (-ANIM)		PRONOMES PESSOAIS SUJEITOS		
													(+HUM)	(+ANIM)	(-ANIM)
U S O E L I M I N A Ç Ã O	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-o-	-o-	-o-
O C O R R Ê N C I A S	72	41	34	13	06	04	21	05	08	05	05	05	160	196	21
F R E Q U Ê N C I A	64%	36%	72%	28%	60%	40%	81%	19%	72%	28%	50%	50%	73.5%	90%	10%

Gostaríamos de salientar que os pronomes pessoais dividem com outras categorias da língua a tarefa de assinalar os sujeitos das sentenças superficiais. Em nosso estudo ocorreram pronomes indefinidos e demonstrativos, pronomes relativos, pronomes interrogativos e orações consideradas sem sujeito.

V.10

Os pronomes de terceira pessoa e a referência animada

Em conclusão, o exame dos dados parece fornecer evidência empírica para as nossas suposições acima. Os pronomes pessoais de terceira pessoa apresentaram um uso muito elevado como itens referenciais de nomes marcados com o traço (+ Anim). Para nomes marcados com o traço (-Anim) a ocorrência de pronomes pessoais de terceira pessoa f o i reduzida, sendo \emptyset a forma mais comum de referência pronominal subjetiva, principalmente nos casos semelhantes aos casos de It_s e It_f do inglês. Como sujeitos dessas sentenças pode ainda ocorrer o emprego de um pronome demonstrativo neutro, sendo porém \emptyset a forma mais frequente.

O uso dos pronomes 'Ele' e 'Ela' com referência humana

Dentre os pronomes pessoais usados para se referir a entidades animadas, a maior parte teve um traço humano de

referência, i.e., referiram-se a pessoas, do sexo masculino ou feminino. Com base na freqüência dos pronomes pessoais nesse estudo podemos traçar uma escala de usos dos pronomes pessoais de terceira pessoa. Em primeiro lugar, os pronomes pessoais de terceira pessoa ele e ela são usados primordialmente para se referir a entidades animadas sendo pouco usadas para referir-se a entidades inanimadas. A presença de vida nas entidades animadas e as características de sexo, masculino e feminino, determinam o uso de ele ou de ela para recobrir a referência a essas entidades. Por outro lado, os poucos casos de emprego dos pronomes pessoais com referência a entidades inanimadas nos mostram que apesar de as entidades referidas serem comumente classificadas como inanimadas, há uma certa personificação, isto é, elas são elevadas, de um plano simplesmente inanimado, a um plano superior onde passam a agir como se fossem animadas, como se tivessem vida própria. - Isso se pode sentir nos exemplos apresentados abaixo:

(13) E ele voltô

(14) ficô no mesmo lugar

onde o agente é o ônibus que embora inanimado, desempenha a ação do verbo, demonstra atitudes³⁵ de coisa animada.

Como se pode deduzir da porcentagem (81.5%), os pronomes pessoais marcados com o traço (+hum) constituíram mais de 80% dos dados em que houve um emprego de pronome pessoal com traço (+Anim). Por outro lado, o emprego de pronomes pessoais com traço (-Anim) foi muito reduzido. - Assim, no cômputo geral, os pronomes pessoais referindo-se

a entidades marcadas com o traço (+hum). Constituíram maioria absoluta dos casos, ficando os restantes dados por conta dos pronomes pessoais com traço (-hum), o que chegou a apenas 26,5% do total. Dessa forma, o exame dos dados da fala de falantes nativos de Português examinados revelou um uso de pronomes pessoais determinado pelo traço de referência (+hum) das entidades referidas. Em segundo plano, se as entidades não fossem portadoras do traço (+hum) elas deveriam ter ao menos o traço (+Anim). Entidades com o traço (-Anim) não são, em geral, referidas por pronomes pessoais. Os poucos casos de uso de pronomes pessoais sujeitos para referir-se a entidades inanimadas revelou um uso pouco frequente de pronomes nessas circunstâncias. E ainda, quando essas entidades são referidas por pronomes pessoais, o seu uso parece colocar os objetos inanimados num plano animado de ação³⁶, onde esses objetos embora inanimados, são descritos como seres animados que agem e têm vida como se fossem animados, num processo de personificação.

V.11

S u m á r i o

Gostaríamos de sugerir que os fatos expostos acima ajudam a explicar o fato de José Augusto ter tido um uso acentuado de pronomes de 3.^a pessoa do singular he e she nos enunciados da interlíngua. A semelhança com o uso do Português, onde os correspondentes 'ele' e 'ela' foram usados com 73,5% dos casos como referência a nomes marcados com o traço (+hum) do masculino e do feminino, parece ter facilitado o emprego desses pronomes na interlíngua, pois na língua-alvo 'he' e 'she' apresentam um uso idêntico, i.e., são usados para nomes masculinos ou femininos - respectivamente, marcados com o traço (+hum). Assim, he foi usado em 91% dos casos e eliminado em apenas 8%. She teve 86% de usos para 14% de eliminações. Juntos, he e she tiveram um emprego de 133 casos para uma eliminação de 16. Proporcionalmente isso nos dá uma frequência de 83% de usos para uma eliminação de 17%. Os números absolutos mostram um comportamento bem semelhante dos pronomes nas duas línguas. Os 17% de EPS da interlíngua nos parecem ser resultado da transferência da opcionalidade do uso do pronome pessoal sujeito em Português, um conceito que José Augusto estaria transferindo para as suas tentativas de expressão na língua-alvo. Mas cremos que os dados nos apresentam uma explicação plausível para o fato de o aprendiz não ter tido tantos problemas com o uso dos pronomes pessoais masculinos e femininos de 3.^a pessoa

na interlíngua. Assim, à semelhança do inglês, os pronomes pessoais masculinos e femininos de terceira pessoa em Português designam mais sexo que gênero. Em relação ao gênero it do Inglês, as formas correspondentes em Português são na maior parte das vezes \emptyset , e muito vagamente um pronome pessoal de 3.^a pessoa marcada (-Anim). Outros pronomes, como os demonstrativos neutros, ajudam a cobrir a referência correspondente ao it da língua-alvo, como demonstramos no exame dos dados da interlíngua. Todavia cremos que a inexistência do gênero it em Português (nos casos de It_s e It_f) e a realização da referência como \emptyset na maior parte das vezes (no caso do it_{NP}) foram fatores que causaram o grande número de eliminação do pronome pessoal it nos enunciados da interlíngua.

Com relação à aparente pequena confusão demonstrada por José Augusto no uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular he e she, como se vê nos dados sob o número IV, às páginas A₃₁ e A₃₂, um reexame dos dados, à luz dos resultados obtidos na pesquisa do uso dos pronomes pessoais em Português, parece nos indicar que José Augusto estaria usando esses pronomes pessoais de acordo com uma consciência interna transferida do Português. Os exemplos, embora escassos, nos revelam que o aprendiz estaria aplicando aos enunciados do Inglês o mesmo conceito de que os pronomes pessoais ele e ela se aplicam a entidades animadas, como em Português. Esse critério justifica o uso de he e him para pássaro (590), his para gatos (595) e cachorro (667) e he para pombo (847). Os outros exemplos, da

entrevista XI, nos mostram aquele tipo de prosopopéia tão comum na linguagem infantil; no caso presente, José Augusto personifica os jogadores do seu 'table soccer' (futebol de mesa), tratando-os por he ou him. Dessa forma, o uso de pronomes pessoais masculinos para animais e seres inanimados não revela confusão no uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular pelo aprendiz, mas antes - revela que o aprendiz está hipotetizando um falso conceito para a língua-alvo, com base na experiência da língua-mãe. O aprendiz está empregando os pronomes no modo criativo, o que provoca erros, em termos de língua norma.

NOTAS DO CAPÍTULO V

33. Em Português tanto a palavra 'boi' quanto a palavra 'vaqueiro' pertencem ao gênero masculino. Assim, para reescrever a frase 'a cauda do boi' poderíamos usar o possessivo 'sua', dizendo 'sua cauda'. Do mesmo modo, para designarmos 'a casa do vaqueiro', poderíamos usar o possessivo, como 'sua casa'. Assim, nas duas frases o possessivo é o mesmo, concordando com a coisa possuída, não com o possuidor. No Inglês, porém, para reescrever com possessivos 'a cauda do boi' poderíamos dizer 'its tail' mas para reescrever a 'casa do vaqueiro' diríamos 'his house'. A diferença no possessivo se deve ao fato de no Inglês a concordância se dar entre o possessivo e o possuidor, enquanto que no Português a concordância é entre o possessivo e a coisa possuída.
34. Não estamos falando aqui de um uso metafórico da linguagem, onde poderia haver personificação dos objetos, como na linguagem infantil, e onde o uso de pronomes pessoais é mais frequente para se referir a seres inanimados. Também em outro tipo de uso da língua, como em textos, pode ocorrer um uso de pronomes pessoais diferente do mencionado nesse estudo.
35. O uso de narrativas vivenciais aparece em Labov, W. Language in the Inner City.
Part III - Chapter 9: The Transformation of Experi-

ence in Narrative Syntax (354-397).

University of Pennsylvania Press - Philadelphia
(1972).

35. Talvez seja aqui um caso de sinédoque (ou metonímia) em que o ônibus é o agente, em lugar do motorista, num uso causativo (= o motorista, ou algum outro fator, fez com ele voltasse e ficasse no mesmo lugar).
36. Geralmente entidades inanimadas não ocorrem como sujeitos, sendo mais comuns em outras posições. A linha divisória entre animado e inanimados não parece ser muito exata. Desse modo, parece que a presença de movimento nos objetos classificados como inanimados lhes confere um caráter animado, como a transformação que se efetua nos filmes de desenho animado, onde seres inanimados adquirem vida e movimento.

VI.
C O N C L U S Ã O

VI.1.

Os dados das pesquisas efetuadas em nosso estudo nos mostram um uso muito escasso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, em Português. O exame do corpus de aquisição de segunda língua mostra que na aquisição do Inglês por José Augusto, houve um uso quase total dos pronomes de primeira e segunda pessoas. Em Português o sujeito pronominal é contextualmente opcional. Em Inglês seu uso é obrigatório. O aprendiz parece não ter tido maiores problemas com a aquisição dessa regra para a primeira e segunda pessoas do singular ou do plural.

VI.2.

Ainda que com pequena vantagem para a eliminação, os pronomes pessoais de terceira pessoa foram os que apresentaram o maior Índice de uso. Comparando-se esses resultados com o corpus de aquisição de segunda língua, vemos que há uma grande semelhança entre a frequência verificada para a terceira pessoa em Português e a frequência do pronome pessoal IT do Inglês. Enquanto no Português a EPS ainda dominou por pequena margem de superioridade, no corpus de In-

glês a situação foi inversa. Mas, em termos globais, os números foram bem semelhantes.

VI.3.

Com base nos dados, podemos afirmar que em Português é mais comum o não-preenchimento da posição de sujeito por meio de um pronome pessoal. Assim, a forma mais comum é \emptyset . A natureza flexional da língua portuguesa é um fator que ajuda a explicar a grande eliminação de pronomes verificada nos dados do Português. Os pronomes de terceira pessoa apresentaram um uso mais elevado, devido à sua natureza não-pessoal, e à vagueza da sua referência. A EPS em Português é um processo de simplificação gramatical através do qual se procura a redução da redundância, uma vez que de modo geral os pronomes pessoais são desnecessários para a compreensão da sentença, salvo em casos especiais. A grande maioria dos pronomes de terceira pessoa refere-se a entidades animadas. Dentre as entidades animadas as humanas constituem maioria absoluta. Assim, o uso dos pronomes pessoais de terceira pessoa em Português é bastante semelhante ao uso em Inglês, i.e., esses pronomes denotam mais sexo que gênero propriamente dito. Há uma diferente distribuição dos pronomes de terceira pessoa em Inglês e em Português quanto ao gênero. Isso faz do pronome IT do Inglês um problema específico para o falante de Português. Em Português não há um pronome pessoal neutro específico, como o IT do Inglês. As entidades referidas pelo pronome IT são,

em Português, referidas pelos pronomes ele ou ela, nos casos de IT_{NP} , ou simplesmente não encontram contraparte em Português, nos casos de IT_f e IT_S . Assim há uma oposição entre a obrigatoriedade do uso pronominal em Inglês e a opcionalidade contextualmente definida ou mesmo a inexistência dos correspondentes pronomes em Português. Isso coloca o pronome pessoal IT num ponto mais alto numa hierarquia de dificuldade em relação aos outros pronomes, pois, para os outros pronomes, há um uso bem semelhante no Português. O IT_{NP} , pela especificidade da sua referência, foi o que teve maior freqüência de usos e eliminações. Em seguida vem o IT_f que se aproxima mais do IT_{NP} . No final da escala está colocado o IT_S que se diferencia dos dois primeiros pela natureza da sua referência.

Assim, o IT_S que ocorre em sentenças mais complexas foi o tipo de pronome que mais problemas causou ao aprendiz tendo havido mais EPS que usos. Os outros dois tipos apresentaram uma assimilação progressiva pelo aprendiz.

De um uso muito limitado nos estágios iniciais, o pronome foi impondo seu uso progressivamente, até superar, no final, as eliminações.

VI.4.

Na explicação dos erros do aprendiz, não deixando de levar em consideração os outros fatores que atuam na aquisição de uma segunda língua, cremos que a transferência de

estruturas da língua-mãe para a língua-alvo foi o fator de maior relevância.

Creemos que em nosso estudo o aprendiz lança mão do recurso de tentativa de simplificação gramatical, procurando a maior economia de esforço na tarefa da aquisição da língua, como ocorre com todo aprendiz em qualquer situação de aprendizagem. José Augusto fez da EPS um mecanismo de redução da redundância do seu sistema lingüístico (interlíngua), eliminando os pronomes pessoais sujeitos dos enunciados da Interlíngua, com base na estrutura da língua-mãe.

O conhecimento do Português por José Augusto influencia sua aquisição de Inglês, pois o aprendiz tende a aplicar à gramática do Inglês as mesmas regras que governam a gramática do Português, provocando naturalmente erros, pois não há uma correspondência total de escolhas nas duas línguas no tocante ao uso de pronomes pessoais, especificamente no uso do pronome neutro de terceira pessoa, IT. Nem todos os erros, porém, são fruto da interferência da primeira língua.

Assim, em nosso estudo, as primeiras entrevistas marcam uma eliminação pronominal quase absoluta, pois a exposição do aprendiz aos dados da nova língua é, no começo, muito parcial. Daí suas generalizações nos moldes da língua-mãe não corresponderem à realidade da segunda língua. À medida que a exposição aos fatos lingüísticos da segunda língua vai aumentando, sente-se um crescimento no uso do pronome pessoal IT, terminando o uso por superar a EPS nos

dados finais do corpus.

Embora a aquisição do pronome já esteja estabelecida ao final do período de gravações, o aprendiz continua a eliminar o pronome IT mesmo nos dados finais. Todavia cremos que já não se trata, nessa altura, de falsas generalizações devidas à pequena exposição aos dados da língua mas da persistência (transferência) do sistema criado com base na primeira língua.

Como na aquisição da primeira língua, no desenvolvimento do sistema de regras de uma segunda língua pode-se observar que muitos elementos passam por um estágio onde eles são às vezes usados e outras vezes omitidos. Uma gramática para descrever esses traços deve conter a regra, mas especificar que ela é opcional. Assim, na elaboração de regras para itens e estruturas exclusivas da interlíngua deve-se levar em conta a sua probabilidade de ocorrência.

Assim, o uso e a eliminação no Português, fazem dos pronomes pessoais itens opcionais, sendo muito mais um problema de referência que de estrutura sintática. A gramática do Inglês não apresenta tal flexibilidade, como a gramática de primeira língua; antes, ela faz dos pronomes pessoais itens obrigatórios na estrutura superficial das sentenças.

O aprendiz de Inglês como segunda língua com base na sua aprendizagem anterior da língua-mãe, não tem um uso consistente do pronome pessoal nos enunciados da interlíngua.

Desse modo, o uso do pronome pessoal IT é caracterizado por uma área de indeterminação do sistema aproximativo usado por José Augusto na tentativa de falar a língua alvo. Essa área de indeterminação gera erros que são às vezes sistemáticos e outras não-sistemáticos. Tais erros são por isso, chamados assistemáticos.

Não há, aparente, nenhuma consistência determinada por regras pela qual o IT é usado ou eliminado nos contextos examinados. O que parece acontecer é que o aprendiz chegou a uma generalização parcial com status de regra. E ainda, ele parece operar com alguma hipótese de que o pronome deva ser usado. Mas o que a hipótese não parece fixar sistematicamente para ele é quando usar o pronome e quando não usá-lo, quando ele tem que fazer a escolha. Em outras palavras, ele não tem controle produtivo do uso do pronome, e daí resultam os erros assistemáticos, causados pela oposição entre regra e arbitrariedade no uso de itens, como os pronomes pessoais, tornando-se difícil para o aprendiz aceitar a regra e/ou induzi-la.

No estudo da aquisição dos pronomes pessoais por José Augusto, os erros não são amostras de falhas linguísticas mas revelam tentativas do aprendiz de re-organização dos dados na língua-alvo, tendo como língua-mãe o Português. Os erros, nesse contexto, não são rupturas do código da segunda língua, mesmo porque o aprendiz ainda não o conhece totalmente, mas são sintomas de que o aprendiz está engajado num processo mental ativo na aquisição da segunda língua. Desse modo, cremos que a aquisição do Inglês por José

Augusto não é simplesmente fruto da transferência pura e simples do Português para a língua-alvo mas que o conhecimento da primeira língua do aprendiz é um fator subjacente à aquisição da sua segunda língua, e como tal desempenha um papel muitíssimo importante na aquisição da língua-alvo.

B I B L I O G R A F I A

1. BENVENISTE, E. 1974. Problèmes de Linguistique II, Gallimard, Paris.
2. BOLINGER, D. 1973. 'Ambient 'it' is meaningful too'.
Journal of Linguistics, 9, 261-270.
3. CHAFE, W.L. 1970. Meaning and the Structure of Language.
The University of Chicago Press.
4. CORDER, S.P. 1967. "The Significance of learner's Errors"
Iral, vol.VI 4, 161-169
5. CORDER, S.P. 1971a. "Idiosyncratic Dialects and Error Analysis"
Iral, vol. IX / 2 - 147-159.
6. CORDER, S.P. 1971b. "Describing the language learner's language"
Interdisciplinary Approaches to Language. CILT Reports and Papers 6. - 57-64.
7. CORDER, S.P. 1973. Introducing Applied Linguistics. Penguin Education.
8. DULAY, Heidi C. and Burt, Marina K. 1972. "Goofing: An Indicator of Children's Second Language Learning Strategies".
Language Learning. 22, 2. 235-251.
9. COODENOUGH, F.L. 1938. "The Use of Pronouns by young children: A note on the development of self-awareness". The Journal of Genetic Psychology, 52, 333-346.
10. HALLIDAY, M.A.K., Rugaiya Hasan. 1973. Cohesion in Spoken & Written English. Longmans' English Language Series(draft).
11. HUXLEY, Renira. 1970. "The development of the correct use of subject personal pronouns in two children", em G.B. Flores D'Arcais and W.J.M. Levelt, eds. 1970.

Advances in Psycholinguistics. North-Holland Publishing Company, Amsterdam-London.

12. INGRAM, David. 1970. "Toward a Theory of Person Deixis".
The Role of Person Deixis in Underlying Semantics.
Stanford University doctoral dissertation.
13. INGRAM, Elisabeth. Psychology and Language Learning. (Mimeo)
14. JAIN, M. P. 1974. "Error Analysis: Source, Cause and Significance", em J.C.Richards ed. 1974. Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition. 189-213.
15. JAKOBOVITS, Leon A. 1970. Foreign Language Learning: A Psycholinguistic Analysis of the Issues. Rowlye: Newbury House Publishers.
16. LABOV, William. 1972. "The Transformation of Experience in Narrative Syntax". Language in the Inner City: Studies in the Black Vernacular. Univ. of Penn. Press. Philadelphia.
17. LADO, Robert. 1971. Introdução à Linguística Aplicada. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis R.J.
18. MARICHAL, Miguel. 1974. "Deixis and Child Language".
Linguistics 360 - 1-15
19. NEMSER, William e Slama-Cazacu, Tatania. 1970. "A contribution to contrastive linguistics (A psycholinguistic approach: contact analysis)". Revue Roumaine de Linguistique, XV, 101-128
20. NEMSER, William. 1971. "Approximative Systems of Foreign Language Learners". IRAL IX 12, 115-123.
21. NICKEL, Gerhard. 1971. "Problems of Learners' Difficulties in Foreign Language Acquisition". IRAL IX 13, 219-227.
22. RICHARDS, Jack C. 1971a. "A Non-Contrastive Approach to Error Analysis". em J.C.Richards ed. 1974. Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition. 172-184.

23. RICHARDS, Jack C. 1971b. "Error Analysis and Second Language Strategies". Language Sciences, 17, Outubro 1971, 12-22.
24. RICHARDS, Jack C. 1972. "Social Factors, Interlanguage and Language Learning". Language Learning, 22, 159-118.
25. RICHARDS, Jack C. and Gloria P. Sampson. 1974. The Study of Learner English". Error Analysis: Perspective on Second Language Acquisition.
26. SAPORIÀ, Sol. 1961. Psycholinguistics. New York, Holt, Rinehart and Winston.
27. SCHMIDELY, J. 1976. "Controverse à propos du système de la personne". Revue des Langues Romanes, Tome LXXXII, n° 1976, 1^{er} et 2^{eme} Fascicules, Montpellier III.
28. SELINKER, I. 1969. "Language Transfer". General Linguistics, 9,2, 67-92.
29. SELINKER, I. 1972. "Interlanguage". IRAL, Vol. X/3.
30. WEINREICH, U. 1953. Languages in Contact: Findings and Problems. New York: Linguistic Circle of New York.
31. WILLS, D. 1973. "Participant Deixis in English and Childish". University of Texas at Austin, December 1973.
32. YOUNG, F.M. 1942. "Development as indicated by a study of pronouns". The Journal of Genetic Psychology, 6,1, 125-134.
33. ZYDATISS, W. 1974. "A 'Kiss of Life 'For the Notion of Error Analysis". IRAL, Vol. XII 13. 231-237.
34. ZYDATISS, W. 1972. Aspects of the Language of German Learners of English in the Area of Thematization. M. Litt. Thesis, University of Edinburgh.

APÊNDICE

I - Uso e Eliminação do Pronome Pessoal IT

- ENTREVISTA I - N.ºs. 1 - 179 - Enunciado 179

Eliminação do Pronome Sujeito .

- (8) Is no good watch.
- (33) Oh Uh . No, is another cards. Is a numbers.
- (44) Oh, "Victory is the ... the ..." When person's finish
off your cards is victory.
- (92) Aeromodel is no.
- (104) Is a the toy; the bear toy.
- (121) Is English (uniform)
- (122) Is a false names.
- (127) Oh, is the car. The soldiers.
- (132) Is the Munich to here.
- (139) Is the aeroplane to England.
- (156) In Brazil no kangaroos.
Is pictures.
- (163) Is no in my television.
- (163') Is in my friend television.

- ENTREVISTA II - N.ºs. 180 - 336 - Enunciados 157

Eliminação do Pronome Sujeito

- (185) Is difference. Is no English every day.

- (186) Is not English today.
- (245) Oh yes. Is the football game but
- (245') is the formations is different.
- (268) Is ... er gas experiment.
- (271) Sbrown.
- (276) Oh is two.
- (284) Is ... is ... is ... is different days.
- (285) Is no time - No time to English in sleep.
- (305) Oh is a chips models.
(= ships) ... er iroplanes models.
- (313) No. Is a window.
- (315) Yes. A big. Is a one of a size of piano.
- (317) I don't know. Is a big, is a big library.
- (318) Oh. Is four.
- (323) Oh no. Is six.
- (324) Yes. In one. In another is four.
- (325) Yes. Is a small library.
- (328) Oh... Is big?
- (329) Is the bell?
- (330) Is a one book?
- (334) Oh. Is made of wood?
- (335) Is is made of silver.
- (336) Is made !!!!!??

- ENTREVISTA III - N^os. 337 - 542 - Enunciado 205

Eliminação do Pronome Sujeito

- (347) Is bor... Is off the board.
(437) Is a sound.
(462) Was a big room.
(464) Oh is more little.
(472) In sept. I think happen I get 10 teams of my t. soccer
(480) Is no Scottish. Is Brazilian.
(486) Is happened with me ...
(492) Was ah (1) ast two days.
(498) Is drawings.

- ENTREVISTA IV - N^os. 543 - 649 - Enunciados 106

Eliminação do Pronome Sujeito

- (546) Is a bus coming on at half past ten and the lots of
letters stay here, stay there.
(549) Is a gift.
Is a man working but he's want to stay
(561) in a chair.
(568) Oh is very hot.
(590) Is the little birds, sons of the, the thnish.
(595) I think is Saturday or Sunday.
(636) Is Agricola that was a general.

Uso do Pronome Sujeito

- (571) Because it is very sun shining.

- ENTREVISTA V - Nºs. 650 - 782 - Enunciado 132

Eliminação do Pronome Sujeito

- (661) H. Is because um I go down the hill and and
fall down off the bike of my friend an
- (685) Oh is windy.
- (687) ... and is very windier and the ...
- (688) ... and is very wind...
- (692) Is a ball.
- (737) That one just about the same because is playing Sports
with the ...
- (737) An just have the same
- (738) Is is a rose er have leafs.
- (744) Is a flowers.
- (745) Here is.

Uso do Pronome Sujeito

- (728) It just stop and we just down the stop ...
- (742) It's a rain, just that one for (hat) rain an the ball
and the balloon.

- ENTREVISTA VI - Nºs. 783 - 813 - Enunciado 30

Eliminação do Pronome Sujeito

- (785) Was printed

Uso do Pronome Sujeito

- (798) The girls "what is it?"

- ENTREVISTA VII - Nºs. 814 - 847 - Enunciado 33

Eliminação do Pronome Sujeito

- (821) And she looks out is is a bird.
(843) Is a common one.
(844) is a pigeon
(846) yeah. Has, has ah the shape of the beaks like a puffin.

Uso do Pronome Sujeito

- (824) Yes it must be a broken wing.
(825) Ah! So it's a piece of paper.
(825) Think it's a letter. Ahh!
(827) It was in the winter.
(844) It's like, it's a pigeon,

- ENTREVISTA VIII - Nºs. 848 - 873 - Enunciado 25

Eliminação do Pronome Sujeito

- (848) Um. Is is going to have the birthday.
(868) "I can hear the noise and isup the tree."

- ENTREVISTA IX - Nºs. 874 - 1102 - Enunciado 228

Eliminação do Pronome Sujeito

- (899) Is horrible, cos so is in Rome, as well.
(920) Was white and soft.
(927) Sometimes was a hundred, hundred lire.

- (929) I think was little bit.
- (931) Um, was closed.
- (935) Wasn't.
- (939) I think that was beautiful, I liked it very much.
- (949) Was um midnight.
- (978) Oh, is that (place) where the congress or something?
- (986) Has the wee passage.
- (1016) Is just an apple tree.
- (1041) Just have, daffodils.
- (1050) We had to go to a kind of a barn and had some beds.
- (1051) Didn't have a a a shower , and didn't have ...
- (1063) See was very tidy.
- (1072) It had was kind of a little cage.
- (1072) ... had their names written in the skulls.
- (1098) 's in the tower again.

Uso do Pronome Sujeito

- (895) It's horrible.
- (908) Um, Virlegio, I think it is.
- (945) Yes, it was quite near to go.
- (967) It's funny how these Portuguese people speak.
- (990) A Sunday I think it was.
- (998) Yes, Cos it was a circus parade
- (1017) ... but that was in spring it was...
- (1022) It's just like a theatre along there
- (1033) It's a paddle boat. See this

- (1035) It's just a kind of tower.
- (1048) We used to go to the discotheque and it was we had to walk two miles.
- (1054) Yes, it was quite a loq.
- (1072) I took a photograph from somewhere but it didn't come off.
- (1072) ... and it had the skulls of the people.
- (1087) ... I couldnae press the buttor of the camera cos it was hard and stiff.

- ENTREVISTA X - NºS. 1103 - 1126 - Enunciado 23

- ENTREVISTA XI - Nºs. 1127 - 1256 - Enunciado 129

Eliminação do Pronome Sujeito

- (1144) Isn't a goal cost got over the line.
- (1146) You can flick it up but it ...
- (1152) 's foul
- (1162) Think the colour of the goalkeeper then has to be different from his own team.
- (1166) Was a great save.
- (1169) Is just when a goal.
- (1188) 's mine.
- (1193) Has to keep on going.
- (1208) Oh, (shrieks) isnae!
- (1211) 's foul.

Uso do Pronome Sujeito

- (1142) Because it went over the line
(1156) It's a goal.
(1164) It's what the referee did.
(1169) If it's to be a goal the ball has to be, ...
(1170) Yeah, cos it was.
(1186) It's my corner.
(1189) Because it's partly over.
(1197) It's a foul. Cos it looks like me.
 's a fault but 's O.K.
(1198) It's up a net fault.
(1204) It didn't because it was my ball.
(1205) It went over the back.
(1212) It hit play off that player.
(1213) It's a wee chance.
(1233) It's like the other players.
(1235) It's a rugby position.
(1239) Right, it's a common, can move 'im.

- ENTREVISTA XII - N^{os}. 1257 - 1311 - Enunciado 54

Eliminação do Pronome Sujeito

- (1285) Yes. Looks like this size. (the cup)
(1286) Cos was.
(1296) Where is my newest team? Yes is.
(1299) Is a Dutch team.
(1310) Didn't have shillings and things like that.

Uso do Pronome Sujeito

(1259) It's broken.

- ENTREVISTA XIII - N^{os}. 1312 - 1575 - Enunciados 263

Eliminação do Pronome Sujeito

(1375) ... is good.

(1398) Very old houses I think. Must be in the nineteenth century.

(1417) Oh looks as if it's all in the country.

(1427) Is a church.

(1435) Do you call it prophets?

Is the seven prophets.

(1457) They're kind of kite but is just difference cos only a bird.

(1457) 's like a kite.

(1460) 's very crowded as well, -

(1461) 's very crowded.

(1466) Was a big buildin' as well.

(1472) 's the name of the team.

(1474) Holds, no.

(1482) Is the same circle as you can see.

(1486) Used to be the manager of the T.V.

(1515) Was somewhere round here.

(1521) 's like Marks and Spencer.

(1522) Is the cathedral.

- (1531) Is much bigger than France.
(1541) 's all jungle from there to there.
(1545) Yes. 's a very good book I think.
(1549) Is Brazilian first.
(1560) Would be in the jungle.
(1561) Would be ... 1969.

Uso do Pronome Sujeito

- (1323) I think so. Think it's latex.
(1340) Hugh (Sighs) Think it's juta.
(1360) Think it's to call the oxen I think.
(1363) Flowers. Well it's cotton plantation.
(1400) It used to be like judo,
(1400) self defence but it is used as a dance.
(1404) Yes, but, for Judo It depends on the colour of the stripes.
(1404) It tells you what grade an things like that.
(1411) It looks like snow.
(1412) Cos it's not a coloured picture.
(1445) Well the sun. It would get a
(1415) very sunny day cos it, the sun looks very bright.
(1417) Oh looks as if it's all in the country.
(1418) It is the part, part of north that the earth is dry and sometimes
(1418) it doesn't rain for months, for months.
(1419) It's not the river.

- (1419) It might be just salty water.
- (1421) Think it looks like something in the Mediterranean
- (1435) It's very famous.
- (1441) Yes. Very famous cos it's very old.
- (1441) It's all gold inside.
- (1442) And er and inside it's got all the bits of the old testament carved in gold.
- (1450) Yes, it's got a kind of train goes up from here to there.
- (1452) They - the sea's very rough; it's very difficult to swim.
- (1455) Yes, it's very hard to swim.
- (1456) Yes, but it's very rough.
- (1466) Yes if it if this was the very far end it should be somewhere over here.
- (1467) It should be somewhere here
- (1472) It's their colours black, black and red.
- (1473) Think it's ahn twenty thousand
- (1474) No it's ... Holds, no.
(stadium) It holds a hundred thousand.
- (1477) Think it was Paraquay.
- (1479) Because if it rains so the people don't get wet.
- (1488) Yes, it's here.
- (1488) It's called Hampden Park.

- (1490) Yes, it's in Glasgow.
- (1514) Think it is.
- (1515) We used to live a bit away from the centre cos it was too noisy and busy.
- (1520) No. I think it's the gov.
It's like a parliament.
It's like the parliament.
- (1519) Think it's Brasilia. Brasilia.
- (1521) Yes I think it's a supermarket or, or like er some kind of a store.
's like Marks and Spencer.
- (1527) It sometimes it doesn't rain for, for months.
- (1545) I think it was... was a
- (1545) That's what it really is. Yes.
- (1545) 's a very good book I think.
- (1553) You see that state here. It's German, German people.
- (1563) Yeah. He planned up. It was him
Who sketched it.

- ENTREVISTA XIV- NQS. 1576 - 1664 - Enunciados 88

Uso do Pronome Sujeito

- (1577) ... and it's kind of a trigger an you pull it.
- (1596) I, I didn't, but it must be the coast.
- (1612) I thought it was seven just before the big picture.

- ENTREVISTA XV - Nºs. 1665 - 1742 - Enunciados 77

Eliminação do Pronome Sujeito

(1736) To the mobile. Is a van as well, with books inside.

Uso do Pronome Sujeito

(1665) But it didn't sound strange at all

(1667) ... It sound like French a bit, see?

(1683) Well it's quite easy cos I had it in primary in Brazil.

(1713) Sometimes it's a bit difference...

(1727) And it's got the trophies too.

- ENTREVISTA XVI - Nºs. 1743 - 1921 - Enunciados 176

Eliminação do Pronome Sujeito

(1758) had the brushes worn away, had worn away,
and so had only a pair of brushes left...

(1762) 's got a wee motor inside and it turns round.

(1832) Yes I think has got quite a lot of cotton plantations

(1873) Yes, I used to know, I think is

(1898) Yeah was on - the television.

Was on at Christmas time.

Uso do Pronome Sujeito

(1744) It passes the electricity from the, from the track to
the car.

(1754) 't's an American car I think.

(1755) I don't know, It looks like one.

(1756) It's not a racing car.

- (1756) It it can be used as a racing car.
- (1758) ... And it only had...
- (1762) 't's a transformer.
- (1762) 's got a wee motor inside and it turns round.
- (1768) It's got this wee plug in it somewhere in here.
- (1769) No it's just a place where it
- (1769) goes see.
- (1770) It's got one in the other side for the other one.
- (1774) If you press as, as hard as you can it gets full speed.
- (1802) Yes. It's different now.
- (1805) It's nice.
- (1806) I've got one - but it's green.
- (1830) Uh, oh, 'atomic energy' I think, cos it's got this
atom.
- (1850) I knew it was before the submarines.
- (1872) Yes because they knew it wasn't a whale then because the
- (1872) ... so they knew it wasn't a whale.
- (1872) cos if it was ...
- (1872) ... but it was steel you see...
- (1874) I think it I think if it was me I wouldn't have escaped.
- (1875) No, it ... it was fairly impossible.
- (1882) I think it would be difficult to buy through the customs;
- (1888) It was an enormous thing about the size of the subma-
rine
- (1909) It was "Five Weeks in a Balloon"
- (1911) It's like a treasure hunt.

- ENTREVISTA XVII - N^{os}. 1922 - 2110 - Enunciados 188

Eliminação do Pronome Sujeito

- (1990) Yes, was interpretation...
(1993) I had a science test today,
wan't very well;
only had ten out of fifteen.

Uso do Pronome Sujeito

- (1934) Mhn. I think it means that
(1934) they're not speaking/ cos it's got cross
(1936) Look it's up that tree.
(1941) It is already four o'clock...
(1947) That's what it is.
(1970) It's sort of a badge.
(1971) It's just after the lessons you try.
(1990) It's got passage.
(1990) and it's got questions on it...
(2009) I think I couldn't drop French
cos it's it's very useful.

- ENTREVISTA XVIII - N^{os}. 2111 - 2314 - Enunciados 200

Eliminação do Pronome Sujeito

- (2150) Mm Is full (the stall)
(2151) Starts at half past seven
(2189) Is at Glasgow.
(2189) Think is, June or July.

- (2190) Might be earlier.
(2211) Oh is a stamp album
(2219) take me about two months to do that.
(2230) Look's hot.
(2239) Was sort of different.
(2308) Is in little blocks...

Uso do Pronome Sujeito

- (2112) Oh, it was cancelled because of the snow.
(2116) It's near Meadow Bank. Mm
(2117) It was on the television.
(2118) They couldn't. It was too much.
(2122) No, but it will be cancelled for two weeks now.
(2134) Eh, you get a little calender signed and it's got
first attendance and second attendance.
(2151) It finishes at ten o'clock.
(2165) It's good because don't get work for the whole week.
(2167) No, I didn't vote; it was only the seniors.
(2175) There's a huge thing an it's
(2175) it's got a car park an it's got a lot of earth.
(2177) No cos it will be artificial sort of things.
(2192) Go by car, car, it's easier.
(2192) cos it's in Glasgow.
(2200) And the other time it was cancelled an all the class
went.
(2222) It wasn't very good album.

- (2239) It was different you see.
- (2242) It was something to be like the (the organization)
Mafia but to just to make a joke
- (2242) but it wasn't.
- (2303) No, it's up here.
- (2314) It's bitter.

II - ENUNCIADOS COM DEMONSTRATIVO THAT

- ENTREVISTA I - N^os. 1 - 179

- ENTREVISTA II - N^os. 180 - 336

- ENTREVISTA III - N^os. 337 - 542

- (360) Um, like that.
- (420) ... another thing like that, ...
- (509) The teacher have a box of books and history like
that down Bumpy... like that the the ...
- (515) Yes. More that questions in books and colours.

- ENTREVISTA IV - N^os. 543 - 649

- (548) ... Just two minutes after that...
- (560) That woman want buy dress like that he he have just
ten pounds and that is twelve.
- (563) He wants to stay like that.
- (564) Ahh, that man is very hevy . He wants to go to the
bed.

- (593) I don't remember the number of that.
(601) That's right.
(615) That's right.
(618) That's right.
(636) Is Agricola that was general.
(643) That's right.

- ENTREVISTA V - N^os. 650 - 782

- (651) Uh... Please can you give me that er maids and butters
on the left and the yellow toy car?
(653) That kerben side
(688) ... He's run away for that...
(737) Dat and dat... That ball and the balloon; toys. That
one just about the same because is playing sports
with the an, ... And just have the same...
(755) I don't know the word of that verb.

- ENTREVISTA VI - N^os. 783 - 813

- (783) That was a leaflet...

- ENTREVISTA VII - N^os. 814 - 847

- (814) Is that all right?
(815) Is that means bird?
(819) Like that, right?...
(827) ... Why is that there?

(842) "You shouldnae done that, you're a bad boy."

- ENTREVISTA VIII - N^os. 848 - 873

(848) Who is that dog?

(855) There's that old woman.

- ENTREVISTA IX - N^os. 874 - 1102

(895) It's horrible.

(939) Er I think that was beautiful I liked it very much.

(962) ... Just to the seaside and that was just for a day.

(978) Oh, is that wherethe Congress or something?

(983) I have that was where we went inside as well.

(989) Yeah. That was shut as well.

(990) That was. Where we was. A Sunday I think it was.

(997) See that was the view from my bedroom.

(998), (1001) That's just same bedroom.

(1005) Yes, but that was in March.

(1006) That's in Florence as well.

(1007) That's another when we went to Austria.

(1011) That's me with a pair of this.

(1014) They're the Italian, there where we stayed for the,
for long that time.

(1017) Just in our backgarden but that was in spring it
was...

(1032) That's me. That's how I like the sea without any waves.

- (1042) That's just in Brazil;
- (1063) See that's our bedroom in Austria. See was very tidy.
- (1064) Yeah. So Sol or something like that.
- (1078) That's the barn we stayed in Austria.
- (1079) Wh? That's called a Maclean to the girls.
- (1080) That's when my Granny went back to Brazil...
- (1095) That was the best photograph I've ever taken.
- (1098) That was in a kind of palace garden in Portugal..
That's in the town again.

- ENTREVISTA X - N^os. 1103 - 1126

- ENTREVISTA XI - N^os. 1127 - 2156

- (1127) A hundred and six. That's all the colours of teams
you can get.
- (1171) Oh, that's...
- (1185) The goalkeeper saved that
- (1196) Yeak, that's the mid field yeah.
- (1203) Yes, because the player was like that.
(.. Cos the keeper stopped that.)
- (1209) That, he's out, that he's out,
That's a corner.
- (1238) Who's that here?
- (1249) See, that's what you can get.
That the managers, the photographs and the repor-
ters an
- (1250) An that's the go keepers.

- ENTREVISTA XII - Nºs. 1257 - 1311

(1260) Like that

(1268) Yes. Just like that.

(1308) That's a hundred centavos are in 'n cruzeiro.

- ENTREVISTA XIII - Nºs. 1312 - 1575

(1312) That's the jungle.

(1348) Ooh in winter our holidays we went to a place like that.

(1351) Inland that's the sand, anyway. That's the coast, the beach, see the sand.

(1368) Think it's to call the oxen I think

(1369) That must be something...

(1387) ... the women dress like that.

(L397) Not that.

(1403) No, that's the kind of like you have Judo suits - an that.

(1414) Uh that was

(1424) Yes, all the tiles were like that.

(1439) Yes, that's the same town, see, there's the statues.

(1458) Rio's famous for that, for that.

(1501) Yes, that's... they used to do that in Brazil. The pavements they used to do like that...

(1510) Yes, they do that in the strees. They do that in

the main streets.

(1531) That'd be the size of Portugal, that state there.

(1545) I think it was... was a that's what it really is.

Yes. 's a very good book I think.

(1553) You see that state here? It's German, German people.

(1566) That's...

(1567) That's what Brazil is.

(1568) ... That's chair job, ...

- ENTREVISTA XIV - Nºs. 1576 - 1664

(1591) That's what I said.

(1600) That's what I said I think

(1607) Yes, that's what I said.

(1615) That's what ... Yes, that's what I said.

(1616) "Rio's famous for that kind of kites." That's what
I said.

(1634) That's what I said.

(1660) No, we don't do that.

- ENTREVISTA XV - Nºs. 1665 - 1742

(1680) ... You've to put the principal clause and things
like that.

(1689) ... Well we did it, we did once an the other day we
had interpretation.

(1721) ... But that's just a few.

(1725) Yeah that's the dining - hall.

(1726) See that's the the student's work, that's all the pottery

(1733) An I gave that up too.

(1738) Yes, that's just around the corner.

- ENTREVISTA XVI - Nos. 1743 - 1921

(1749) Well you can you stick them on this side like that
see?

(1797) That's a little book with stamps you can buy...
That's how I started my collection.

(1798) ... That's how I started.

(1815) That's a good one.

(1820) That's the snow.

(1836) ... I remember that was quite exciting.

(1844) Because he was always trying to do anything for the
master and that was fanny.

(1872) Oh yes that's in the end of the book.

(1884) I don't think that could be true. Impossible.

(1885) Oh, yeah that was to hunt.

(1888) That's the other but I remember.

(1892) Only did that once.

(1896) I read that one, few months ago.

(1902) Yeah, well that's "Five weeks in a Balloon", that's
another book.

(1905) ... - train an all that.

(1006) Oh, that's another book. That's "Five weeks in a
Balloon", I never read it yet.

(1907) ... "Five weeks in a Balloon", that's by, that's

Jules Verne. book.

(1911) Oh... Five Clues to the Dragon". At's like a treasure hunt.

... an things like that...

(1918) Yes, that's in ...

- ENTREVISTA XVII - N^os. 1922 - 2110

(1936) Um but Jane, Mary that's Mary.

... Look it's up that tree.

(1947) That's what it is.

(1950) about that

(1951) About that

(1970) Oh that's that's in the, that's after all the lessons you get a grade. You get a badge that's got "Scottish swimmer."

(1984) No. - Stand up - and watchin' you - an that.

(1990) ... that sort of thing.

(2002) Oh, that's just an example.

- ENTREVISTA XVIII - N^os. 2111 - 2314

(2121) See that place there?

(2122), Remember that church, big church?

(2131) ... as they play the records an that.

(2160) Yes, that's when I saw him. Was that the one with the customs officer?

(2161) That was a...

- (2165) Oh, you've to read a book or draws, things like that.
It's good because don't get work for the whole week
- (2175) That's where they're making the ski slope.
- (2197) ... That's in the Easter Holidays.
An one to America, that's, that's May.
- (2214) Page. So that one you just open the hind so, ...
- (2219) ... take me about two months to do that.
- (2221) That'd take ages,
- (2238) That's if he. So he had dressed...
- (2239) ... That's what he told the Italian.
- (2257) Oh, that was a composition and an interpretation
- (2267) That's what you do all the time.

III - ENUNCIADOS COM DEMONSTRATIVO THIS

- ENTREVISTA I - NQs. 01 - 179

- (70) You haver the Bone the (what's his name, this?)
the butcher (?)
- (83) No. This is Mrs. Bone; no.
- (104) Is a the toy; the bear toy.
- (122) These are false names
Is a false names.
- (163) Oh I don't know his name, this.

- ENTREVISTA II - N^os. 180 - 336

- (185) Is difference. Is no English every day.
(186) Is not English today.
(224) This team's good, this team's no good.
(225) Ah is... The dressing room talking about se football
(226) This team's good. This team's no good.
(236) I play in this zone.
(261) Oh one boy is this experience (= experiment) is no
leaving another boy's er experience
(331) What's this name?
(334) Oh... What's this name. this oh is made of
wood ?

- ENTREVISTA III - N^os. 337 - 542

- (343) This term
(398) This way.
(480) This Corinthians.

- ENTREVISTA IV - N^os. 543 - 649

- (566) This man is ... He want to go to sleep in the bed.

- ENTREVISTA V - N^os. 650 - 782

- (673) Um. Here this is the 38 classroom...

- ENTREVISTA VI - Nºs. 783 - 813

(799) "What's this"?

- ENTREVISTA VII - Nºs. 814 - 847

- ENTREVISTA VIII - Nºs. 848 - 873

- ENTREVISTA IX - Nºs. 874 - 1102

(1004) This is just in Austria; cemetery.

(1008) This is in London, we took.

(1009) ... This is the Parliament Buildings.

(1010) This is in Austria; blizzard.

(1012) This is Austria; the bedroom.

(1018) This is in Florence, the Doms.

(1021) This was in Luca.

(1025) This is Florence, see.

(1031) This is the little one and this is the big one.

(1033) It's a paddle boat. See this...

(1034) This is in Portugal.

(1043) This was an old Ken Enrica.

(1044) This is um Big Ben.

(1058) This is in London; Parliament House.

(1066) This is my dog in Brazil.

(1069) This friends.

(1083) This is my dog.

(1085) This is my Granny again and my Aunty.

- (1087) This the church steps from Austria.
(1092) This is the Cemetery in Austria again.
(1094) This photograph I took of the house of Parliament.
(1097) This is the postcard I sent from Austria.

- ENTREVISTA X - N^os. 1103 - 1126

- ENTREVISTA XI - N^os. 1127 - 1256

- (1135) He flicks the ball and try to score a goal but he
can only score from this line inside this area.
(1217) No this.
(1218) Just this side.
(1253) This one was made up.

- ENTREVISTA XII - N^os. 1257- 1311

- ENTREVISTA XIII - N^os. 1312 - 1575

- (1319) Yeah, but this is the style way they're cutting it.
(1400) This; a kind of self defence. And now this is like
a dance.
(1412) ... This is looks like...
(1419) This might be near the sea.
(1431) Yeah. Think different with the women they're just
this dress they're wearing, this.
(1434) This is very famous.
(1466) Yes if it If this was the very far end it should
be somewhere over here.

- (1481) This is the eighteenyard box, this is the yard box.
this is the semi-circle...
- (1513) This is in S. Paulo.
- (1524) This is where the President lives.
- (1531) France would be about this size.
- (1535) This is 'd be about the size of G. Britain, this
State here.
- (1537) ... Cos this um farm my friend had lots about 'about
here...
- (1540) In this direction - South.
- (1541) This would be all the jungle. There's jungle if you
take this line here like this,...
- (1562) See this this this actor he he made the Brazil
Brasilia.

- ENTREVISTA XIV - N^os. 1576 - 1664

- (1581) About this size,
- (1597) This is the coast.
- (1630) I said, "that this would be the same size as
Portugal."

- ENTREVISTA XV - N^os. 1665 - 1742

- ENTREVISTA XVI - N^os. 1743 - 1921

- (1743) ... See this is what ya...
- (1745) ... I've got this yellow one and this red one.

(1749) Well you can you stick them on this side like that,
see?

(1756) This is a racing car.

(1761) This pass the electricity from the ...

(1763) You see, an the electricity, makes this turn.

An this makes the wheels turn... The motor uh turns
round and make this go round so that the cars...

(1780) 'n want to buy some more track cos you can get more
of these to make a big huge one.

(1793) I've got I've got this one, - not the other one an
I've got this one.

(1812) This is the sort of stamp you get in the packet;...

(1813) I haven't got this one but they've all the, you know,
the little ones.

(1840) Because this secret about...

(1905) Cos this man he he bet that he would go round the
world in 80 days with his friends.

- ENTREVISTA XVII - N^{os}. 1922 - 2110

(1942) Will, put on these boots."

(2007) This year.

- ENTREVISTA XVIII - N^{os}. 2111 - 2314

(2239) There was this Italian ford.

And he brought this Italian Lord.

(If he gave him that he would get all the money)
That's what...

IV - O USO DOS PRONOMES HE E SHE EM LUGAR DE IT

- ENTREVISTA IV

(590) The thrush is making a nest. He go to ... laying eggs. Um. Have er blue eggs and black dots. Is the little birds, sons of the. the thrush. He give food to the sons, and a cat want eat a thrush and the uh brothers helpin' him.

(595) ... The father is playing with his son and the electric racing car set. ... The kittens are on the dolls' house and his mother is, is watching the mother knitting.

- ENTREVISTA V

(667) ... Please Sir, has a dog on the, the another street with his leg um is st **uck** between, stuck up between the railings of the fence

- ENTREVISTA VII

(846) Yeah. Has, has ah the shape of the beaks like a puffin.

(847) In the book. An he has something white and yellow as well

- ENTREVISTA XI

(1154) I flicked my goalkeeper out of the goals. An he had

just the open goal to shoot in.

(1155) He couldn't

(1158) Because - if he's still in the area when I have a goal kick

(1162) Think the colour of the goalkeeper then has to be different from his own team.

(1175) Sort time I tried to get him to flick his goalkeeper.

(1176) The goals. Well his flick the goals.

(1179) No, I flicked him.

(1209) That, he's out, that he's out, keeper cos I, I have taken out my goal kick with him and he was left there. So, and then we put him back in goals.

(1228) If I hit the ball I can keep 'im.

- ENTREVISTA XIII

(1355) I think he's got the ox by his tail, see?

V - CORPUS DA PESQUISA I - O Estado de São Paulo - Jornal da Tarde - p. 19, Terça-feira, 27/07/76

SEQUESTRO (A 80 QUILOMETROS POR HORA)

Os dez homens armados obrigaram o motorista do ônibus Cometa a mudar de rota.

Quase como um seqüestro de avião, os dez homens armados dominaram tripulantes e passageiros, encostaram um revólver na cabeça do piloto, isto é, do motorista, e o obrigaram a mudar de rota. No caso, o seqüestro deu-se contra um ônibus da Viação Cometa, que na noite de sábado deixara o Rio com destino a São Paulo.

Apesar do pânico dos passageiros não houve mortes ou ferimentos, mas um saque completo, de bolsos e bagagens.

Este caso de pirataria terrestre provocou a devida repercussão. O DNER está pensando em estabelecer uma revista prévia dos passageiros, como se faz com aviões. E designou um procurador para acompanhar as investigações.

A polícia do Rio, com o apoio do próprio secretário da Segurança, procura prender rapidamente os seqüestradores, para que sejam punidos. Isto tudo por medo de que esse tipo de ação contra ônibus interestaduais se tornem comuns.

E não faltaram os telegramas de solidariedade, co

mo o enviado pelo DNER à Viação Cometa, manifestando "veemente repulsa ao insólito acontecimento."

O insólito da viagem só começou com 20 minutos de percurso, quando o ônibus rodava pelo quilômetro 13 da via Dutra, em terras de Nova Iguaçu, ainda no Rio.

- Isto é um assalto, companheiro fique calmo, fi que calmo.

São então o motorista Gilberto José de Oliveira sentiu uma arma apontada para sua cabeça. Ainda olhou para Lino Costa, um segundo motorista, que viajava de carona, em pé, junto à porta. Mas viu que o colega também estava sendo ameaçado pela arma de outro seqüestrador.

O que dominava Gilberto falou:

- Passe para a direita e diminua a velocidade. Não queremos fazer nada de mal com ninguém. Fique com as duas mãos no volante, e não mexa em nada sem me explicar o que está fazendo.

A um sinal do homem que o ameaçava, o motorista sentiu uma grande movimentação no ônibus. Um homem branco, jovem, de estatura mediana, vestindo roupas de brim de boa qualidade e com um bonê que lhe cobria a testa e parte dos olhos, parecia comandar toda a operação. Era quem dava as ordens:

- Nós somos muitos aqui dentro. Portanto, não tente chamar atenção da polícia ou de outro ônibus. Não queremos fazer nada de mal, se vocês quiserem cooperar. Vo

cê só precisa fazer o que eu mandar, e direitinho, pois te mos tudo cronometrado. Não precisa ter medo, é só fazer o que eu mandar. A TV-Globo não está filmando, não. Portanto nada de heroísmo.

Apesar da pouca iluminação do ônibus - As luzes dos corredores são normalmente desligadas depois de dez mi nutos de viagem, deixando apenas os focos individuais - O motorista percebeu que os homens que andavam pelo corredor estavam ocupados em fechar as cortinas das janelas:

- A princípio -, conta Gilberto, 27 anos, menos de um ano de Viação Cometa - eu fiquei até meio atordoado. Senti que as minhas pernas estavam tremendo, mas como o ra paz falava educadamente, e me pedia para não ter medo, aca bei me controlando. Quando tomei consciência do assalto, mi nha maior preocupação foi evitar que alguém morresse.

Gilberto, dirigindo devagar, de acordo com as ordens recebidas, podia perceber as queixas de alguns pas sageiros, que, também ameaçados com armas, iam sendo levados, um a um, ao banheiro do ônibus. Aqui eram despojados de jóias, relógios e do dinheiro que traziam. No meio des ta operação o motorista recebeu ordens de parar no acostamento, para que subissem outros três assaltantes.

- Quando entraram os outros três, eu vi que não podíamos mesmo fazer nada. Nesse momento, pensei que podia morrer, pensei na minha mulher, que está no sexto mês de gravidez, pensei nos meus pais, e tive até vontade de cho

rar. Nunca tinha me acontecido nada parecido, em vários anos de trabalho na estrada. Pensei também nos passageiros, nas crianças lá atrás, que choravam, e resolvi fazer o que eles quisessem. Seja o que Deus quiser, era o que eu ia pensando, enquanto o rapaz bem educado ia indicando o caminho a seguir.

Num dos bancos dos fundos, Laurinda do Nascimento, que acordara de um cochilo, avisava sua amiga, Josefa Maria de Jesus - "Não se mexa, não, que está havendo um assalto." Viu um homem "com cara de alemão e a barba por fazer", apontando um revólver para o passageiro do banco atrás.

Mas um outro assaltante, preto, notou que Josefa mantinha os braços cruzados sobre o peito. O bandido "me cutucou com o cano do revólver" e disse que queria dinheiro. "Só tenho uns trocadinhos", respondeu a mulher. Mas o sequestrador rasgou o vestido de Josefa e descobriu os 1.100 cruzeiros que ela escondia sob a roupa de baixo e procurava proteger com os braços cruzados.

- E depois ainda apalpou minhas partes íntimas, a procura de mais dinheiro, o tarado.

Em outro lugar do ônibus, um funcionário de uma sociedade de crédito imobiliário, Rivaldo Rodrigues Cavalcanti, tinha muito com o que se preocupar. Viajava com seus quatro filhos, de 12 a 16 anos. os jovens, duas moças e dois rapazes, não foram molestados, mas Rivaldo te-

ve que dar aos ladrões sua máquina fotográfica, dois relógios e 140 cruzeiros.

Mas um dos bandidos desconfiava do que dissera um estudante boliviano, José Aquilera, a quem roubara 200 cruzeiros. - "Só tenho isso", dissera o estudante. O assaltante, entretanto, revistou Aquilera com mais cuidado e descobriu mais 1.500 cruzeiros dentro de sua calça.

- Você deveria levar um tiro na cabeça - disse-lhe.

O bibliotecário Joviano Cardoso também foi ameaçado, porque tentou reagir. E Hozumi Nakahara, engenheiro japonês, pouco pôde dizer, já que quase não fala o português.

Mas o motorista continuava dirigindo.

De tão nervoso, Gilberto diz que não seria capaz de lembrar o lugar em que teve que entrar. Lembra apenas ter ouvido o chefe do grupo falar em Miguel Couto (Miguel Couto é distrito de Nova Iguaçu).

- Depois de pegar os últimos assaltantes, ele me mandou entrar num dos acessos transversais da Via Dutra, por uma estrada bastante escura. Pouco antes, ele deu ordens ao Lino, sob ameaça da arma, para mudar a placa luminosa do ônibus para o letreiro especial. Eram onze e meia, e eu estava preocupado: caso pudéssemos "sair dessa" eu não saberia nem voltar para a estrada.

A estrada, escura e esburacada, para onde foram

levados, foi descrita por Gilberto como "um lugar de pesadelo", onde era impossível distinguir o que havia dez metros adiante. As exclamações de medo, os gemidos das mulheres e o choro das crianças estavam deixando o motorista cada vez mais apavorado, até que o chefe da quadrilha, ocupado em mantê-lo ameaçado, resolveu intervir mais uma vez. Como sempre, de forma educada:

- Quero muito respeito aí atrás, moçada. Nada de molestar as mulheres ou as crianças. Se já terminaram a coleta por aí, deixe-as em paz.

Os dez homens que se ocupavam dos passageiros - pois os que iniciaram o assalto mantiveram-se sempre na frente - responderam em assentimento às ordens: "tã tudo jóia, chefe". O ônibus estava rodando a quase uma hora, por caminhos desconhecidos, e o líder da quadrilha avisava que já estavam chegando.

- Eu percebi que alguma coisa ia acontecer, por que notei, pela voz, que o rapaz não estava tão calmo quanto no princípio. Ele olhava para fora, procurando alguma coisa. Achei que devia ter mais gente esperando em algum lugar deserto. Acho que recomecei a tremer, pois estava certo de que ia acontecer uma desgraça. Mas quando ele mandou parar, não apareceu mais ninguém. Apenas mandaram descer alguns passageiros - dez homens foi o que o tal rapaz tinha recomendado - e pediram ao Lino para abrir o baagageiro.

Os homens foram novamente revistados, e obrigados a auxiliar no transporte das malas até o interior do ônibus, onde foram arrombadas e saqueadas de todos os objetos e roupas de valor. Depois, foram mandados de volta a seus lugares:

- No meio de toda esta confusão, eu fiquei sentado, sob a ameaça do revólver sem poder fazer nada. Senti que estava no limite do meu nervosismo. Se o homem resolvesse me tirar o relógio e o dinheiro, eu era capaz de gritar de pavor. Mas eles nem se lembraram de mim. Mandaram fazer um retorno, andaram conosco mais um pouco, e quiseram descer. Eu ainda segui durante uns quilômetros, mas minhas pernas tremiam tanto que não dava para continuar. Pedi ao Lino que tomasse meu lugar, e sentei num dos lugares que os assaltantes deixaram vago. Acho até que cheguei a chorar.

O motorista Gilberto prefere não falar da crise de nervos que sofreu. Diz que não consegue nem se lembrar direito do que aconteceu depois. Sabe que o ônibus foi levado por Lino até a Delegacia de Nova Iguaçu, onde prestou depoimento. Lembra que os passageiros foram embarcados em outro ônibus, e seguiram para São Paulo. E que ele foi levado de volta para a garagem, com o gerente e o inspetor da Viação Cometa no Rio.

Para mim, foram duas horas de verdadeiro pesadelo. O pessoal da Cometa foi muito legal comigo. Me deram

atê parabêns, por ter agido como aqui. O importante, para a empresa, é que nenhum passageiro tenha sofrido nada, além do susto.

- Sô posso dizer com certeza de que eles sabiam o que estavam fazendo. Eram muito inteligentes, e tinham tudo programado. Senão, como é que poderiam me controlar todo o tempo, a ponto de me impedir de tentar dar o alarma? Se não fosse esse cuidado, eu poderia ter usado os farôis, para pedir socorro a outro ônibus. Eu sabia que havia outro ônibus para Campinas, que saíra logo atrás de mim, e ainda pensei em chamar a atenção dele, apagando as luzes traseiras, e usando o pisca-pisca alternadamente para a esquerda e a direita, deixando o outro motorista desconfiado. Mas o ônibus para Campinas me ultrapassou, pois eu tinha de ir devagar, e não pude fazer nada para chamar a atenção. Eles sabiam até que o carro tinha rádio para as comunicações de emergência. Não eram bobos nem nada.

- Não pude perceber bem quem eram, não sei se conseguiria reconhecê-los. Sô me lembro que pareciam todos bastante jovens, estavam muito bem vestidos com roupas tipo Lee, e o chefe, que falou mais, tinha uma linquagem das melhores, quase nem falou gíria, ao contrário dos outros. Este, e a maioria dos outros, eram brancos. Sô tinha uns três mulatos. Mas todos muito bem apessoados.

Feitos os cálculos, a Polícia concluiu que os bandidos roubaram 19 mil cruzeiros e 13 relôgios, além de

jóias e objetos pessoais. O lugar onde fizeram o ônibus sair da Dutra fica no quilômetro 17, saída para Nova Iguacú e Miguel Couto. Depois entrou o ônibus na estrada de Adrianópolis, famosa por ter uma lixeira onde, diz a crônica policial, o Esquadrão da Morte joga suas vítimas. E por fim tomou a estrada de Santa Rita, onde os assaltantes desceriam.

O fiscal Coutinho, da empresa de ônibus Tinguã, ultrapassou o Cometa na Dutra, depois viu quando ele passou lentamente a caminho da estrada de Adrianópolis, e desconfiou de tudo. Mas acabou achando que era ônibus fora de serviço.

NÃO SABIAM QUE ESPANCAVAM UM OFICIAL DA PM
(E ELE SE VINGOU.)

Primeiro foi um tapa no rosto. Depois, socos e pontapês. Eram 23h30 de domingo e os motoristas de táxi da Estação Rodoviária não sabiam que o homem que estavam espancando era oficial da Polícia Militar.

Ferido, ele se levantou e voltou ao quartel do 2º Grupamento de Incêndios, na alameda Barão de Piracicaba, de onde havia saído pouco antes. O quartel fica a cem metros da Rodoviária. Alí, vestiu a farda e voltou, acompanhado de outros quatro oficiais do Corpo de Bombeiros, à

estação. Pensando ter reconhecido um dos seus agressores o tenente começou a agredir um homem que estava de pé ao lado de um automóvel estacionado.

Depois, levaram esse homem para o quartel do 29 GI. Ali, colocado no interior de um pequeno quarto, esse homem foi espancado durante vários minutos. Em consequência disso, sofreu fratura em uma das costelas e lesões em todo o corpo - resultados dos chutes e socos que recebeu.

Ontem, no quartel general da PM, o tenente Alexandre Melchior Rodrigues parecia a vítima principal: movimentando-se numa cadeira de rodas, ele exibia a fratura que sofreu no pé esquerdo e escoriações no rosto. Principalmente no olho esquerdo, onde eram mais visíveis os sinais de agressão. Do QG, o tenente seguiu para o Instituto Médico Legal, onde foi submetido a exame de corpo de delito - que irá instruir o inquérito aberto no 39 Distrito Policial e o IPM instaurado na corporação.

O comandante dos bombeiros, coronel Jonas Flores, dizia ontem no QG todas as providências, no caso, serão tomadas. Tanto em termos administrativos (IPM) como em termos de sanções penais (com o inquérito que será enviado à Justiça).

De acordo com a nota oficial distribuída pela Polícia Militar, o tenente afirmou que "ao tentar resolver um problema de trânsito foi agredido por vários motoristas de táxi, sofrendo lesões graves, tendo sido fraturada

sua perna esquerda em dois locais.

- Um dos agressores segundo a nota oficial - foi reconhecido pelo oficial como sendo Alcino Ferreira, e conduzido a uma das dependências do quartel do 2º GI, a fim de se apurar com maiores detalhes quem seriam os autores do espancamento.

- Posteriormente - informa ainda a nota oficial - Alcino Ferreira, que figura como vítima de agressão no inquérito instaurado no 3º Distrito Policial, compareceu àquela Delegacia, apresentando várias lesões, sendo então submetido a exame de corpo delito e removido para o Hospital dos Servidores Públicos.

Durante a madrugada, o comandante geral da Polícia Militar, coronel Francisco Batista Torres de Melo, e o comandante dos bombeiros, coronel Jonas Flores, estiveram acompanhando o caso. Como não havia vaga para Alcino Ferreira no Hospital dos Servidores, ele também foi removido para o Hospital Militar. "Foi providenciado para que não faltasse nada a ambos", informou-se no QG da PM.

No Hospital Militar, o médico que está cuidando de Alcino se mostrava cauteloso. Pediu ao repórter para "não fazer perguntas traumatizantes." Na cama, com o rosto inchado e contraindo o rosto de vez em quando por causa das dores que sente por todo o corpo. Alcino Ferreira - envolto num cobertor com o emblema da Polícia Militar - se mostrava surpreso com o espancamento: "não sei porque

bateram em mim." Ao que tudo indica, Alcino foi confundido com um dos motoristas do táxi que bateram no tenente. Isso porque ele não é e nunca foi motorista de táxi. E motorista, sim, mas da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo. Nas horas de folga, trabalha na portaria do circo Orlando Orfei.

Como trabalhou no domingo: quando terminou o espetáculo, depois das 10 da noite, ele apanhou seu carro - o Volks laranja EZ 18-70 - e, em companhia de sua esposa (Lúcia Ferreira) foi à Estação Rodoviária. Ali, chegariam duas filhas do casal, às 11 e meia da noite, no ônibus procedente de Pindamonhangaba. O casal foi esperá-las.

Como havia muito movimento na Estação, Alcino Ferreira ficou no Volks estacionado na Avenida Duque de Caxias, em frente a um bar, enquanto sua esposa estrava na estação para encontrar as duas filhas.

Nesse espaço de tempo o tenente dos bombeiros foi agredido pelos motoristas de táxi e voltou ao local. Os quatro policiais fardados e o tenente viram Alcino Ferreira de costas e de pé, ao lado do Volks. Alcino contou ontem, deitado numa cama da ala dos oficiais do Hospital Militar, o que aconteceu:

- Fui logo agredido com um bofetão pelas costas. Achei isso uma coisa muito desagradável. Assim mesmo, fiquei quieto. Mas esse tenente me pegou a bofetões e me levou para o quartel dos bombeiros. Fui colocado num

quartinho e apanhei muito - socos e pontapés.

- Não sei dizer porque, diz Alcino. Não me deram explicações. Um deles me disse: "você diz que eu bati em você?" E começou a dar pontapés na minha barriga.

Ofegante, Alcino Ferreira, 51 anos, diz que já é "um homem doente":

- Tenho uma infecção crônica nos rins. Não sei porque fizeram isso comigo. Não sei se me confundiram com alguém. Não conheço nenhum deles. Não sei...

Alcino se contorce de dor, contraindo o rosto. Ao lado da cama, policiais militares assistem a cena, surpresos.

Sentada numa cadeira no mesmo quarto onde está seu marido Alcino, dona Lúcia Ferreira não continha as lágrimas ao contar que não existe nenhuma lógica para o que aconteceu. Lá fora do hospital, uma filha do casal, Sonia Maria Ferreira Castelan, grávida, não escondia sua irritação pelo espancamento do pai:

- Como podem bater desse jeito num homem, sem ao menos procurar saber o que ele fez, procurar saber quem é? A PM precisa selecionar melhor seus homens. Jonas Flores, o comandante do Corpo de Bombeiros, disse ontem que o tenente Alexandre Melchior tem uma excelente folha de serviços prestados à Polícia Militar:

- Não quero dizer, com isso, que estou justificando a agressão. A violência não se justifica com a violên

cia. O IPM vai esclarecer tudo. Infelizmente, houve esse fato com um oficial da Polícia Militar, a mesma Polícia Militar que está, noite e dia, prestando serviços à coletividade.

Enfático, o comandante dos bombeiros coronel Jonas Flores, disse ainda que nem que Alcino Ferreira fosse o agressor a agressão se justificaria: "a função do policial é primordialmente proteger o cidadão, nunca agredir".

O major Theseo Darcy Bueno de Toledo, do 2º Grupamento de Incêndios, está presidindo o inquérito policial-militar, instaurado ontem mesmo. Disse que não podia fazer declarações, ou fornecer informações sobre o andamento do IPM. Assegurou, porém, que "tudo que for necessário será apurado."

Até agora, os agressores do tenente (motoristas de táxi na rodoviária) não foram identificados. Isso, entretanto, poderá ser difícil: o único que poderia reconhecê-lo seria o tenente Rodrigues. Este, porém, "reconheceu" o homem errado, espancando-o.

De qualquer forma, informou ontem a subseção de divulgação da Polícia Militar, "o comandante geral mandou instaurar o IPM, que deverá apurar, com a máxima brevidade, a situação."

O ASSASSINATO DO INDUSTRIAL: VINGANÇA?

Quem matou o industrial Antônio Etchenicque, com três tiros, sábado à noite, na sua mansão do Alto da Boa Vista? Por enquanto, o delegado Dançler Travassos Guimarães, da Divisão de Homicídios, só sabe que foi um moço alto e magro, que usa japona de couro e tem uma pistola automática.

O criminoso invadiu a casa, sábado, às nove e meia da noite. Entrou pelos fundos, abrindo a porta da cozinha, que não estava trancada. As duas únicas empregadas da mansão lavavam louça e levaram um susto quando viram o rapaz. Ele não disse nada. Passou pelas empregadas, andando depressa, quase correndo. Abriu uma porta, atravessou a sala de jantar chegou à biblioteca, onde o industrial estava lendo um livro, sentado numa poltrona. Deu três tiros nele e fugiu.

No sábado à tarde, Antônio Etchenicque, diretor comercial da Brastemp S/A (seu irmão é o presidente da empresa), deu uma festa na sua casa: serviu churrasco para trinta convidados.

- Ele fazia isso pelo menos uma vez por mês - contaram as duas empregadas, a copeira Geni Mariana da Silva, de 25 anos, e a cozinheira Aparecida Eugenia Mato, de 40 anos.

Eram oito e meia da noite, quando o último convi

dado se despediu. O industrial recolheu-se à biblioteca, para ler e descansar, enquanto sua família - esposa e três filhos menores - espalhou-se pela casa.

As duas empregadas transportaram pratos e talheres da beira da piscina para a cozinha e começaram a lavar a louça. Foi aí que o assassino apareceu dentro da biblioteca.

Alto, magro, os cabelos curtos e pretos, a calça escura e a camisa vermelha sob uma japonsa de couro preta, na mão uma pistola automática: era o criminoso. Ele abriu a porta da cozinha e entrou. As duas empregadas gritaram. O assassino passou por elas, decidido, e, como quem já conhecia o caminho, atravessou uma parte da casa até a biblioteca.

Antônio Horácio Etchenicque nasceu na Bolívia há 40 anos. Veio menino para o Brasil. Aqui, juntamente com seu irmão mais velho, organizou a Brastemp S/A. Casou-se e, do casamento, nasceram três filhos: um menino e duas meninas.

Homem forte, mesmo depois de levar três tiros - um no peito e dois na barriga - ele agarrou o assassino, dentro da biblioteca. Durante a luta, que foi rápida, o criminoso atirou mais quatro vezes, descarregando toda a arma. Mas os quatro últimos tiros se perderam, acertando três nas paredes e um, provavelmente, no próprio assassino. Um rastro de sangue, no caminho da fuga, revela a possibilidade

de o rapaz ter-se ferido durante a luta com o industrial . Mais tarde, tentou-se identificá-lo, através de registros de hospitais, mas nada se conseguiu.

O criminoso fugiu por onde havia entrado. Não se sabe ainda se um carro ou uma motocicleta o aguardava na rua. O delegado Dangler Travassos Guimarães, que investiga o caso, acha que ele poderia estar com uma motocicleta (por causa da japona característica).

Pode ser, também, que o assassino tinha um carro ou alguém esperando por ele, num automóvel. Ninguém viu como ele fugiu. Todos - empregados e familiares - correram para a biblioteca na hora dos tiros e ficaram lá porque o industrial ainda vivia.

Antonio Horácio Etchenicque vivia mas não falava e não disse nada, até morrer, meia hora depois, no Pronto Socorro de Santo Amaro. Um vizinho o levou de carro até lá. Os médicos acham que se ele não tivesse lutado talvez resistisse aos ferimentos, mas o esforço pode ter acelerado o processo da hemorragia.

As empregadas que acompanharam os últimos momentos daquela briga desigual, entre um homem ferido com três tiros e um jovem disparando a sua arma, afirmariam depois:

- Ele brigou com todas as forças que tinha. Estava agarrado ao assassino, pela cintura, e não largava. De repente começou a soltar o criminoso, devagar até cair no

chão. O assassino saiu correndo com a arma na mão.

A mansão do industrial fica no nº 54 da Rua João Pontes, no Alto da Boa Vista, perto de Santo Amaro. Tem seis mil metros quadrados de árvores e jardins. É toda cercada de muros altos. Policiais e peritos percorreram a área, mas não encontraram nenhuma pista que os levasse ao criminoso.

Na noite do crime, não havia guardas e nem cães guardando a mansão, cercada de terra batida, num lugar onde só há casas de luxo, construídas em terrenos de pelo menos dois ou três mil metros quadrados. A casa do industrial fica no ponto mais alto deste bairro aristocrático, que fica a vinte quilômetros do centro da cidade.

As primeiras investigações revelam que um guarda da mansão foi despedido há dois meses. O delegado pensou na hipótese de vingança e interrogou o guarda que, entretanto, apresentou alibi convincente: provou que estava em casa na hora do crime.

O delegado pensou, em roubo e mandou prender quatro ladrões que agem na Zona Sul (onde fica o Alto da Boa Vista), mas nenhum deles foi reconhecido ontem pelas duas empregadas do industrial.

O delegado está pensando na hipótese de vingança de novo. Ele vai ouvir o motorista particular de Antônio Horácio Etchenicque, na tentativa de descobrir alguma coisa que ajude nas investigações. Hoje também chegará as su-

as mãos uma lista completa de todos os que foram convidados para a última festa que Antônio Horácio Etchenicque deu na sua mansão.

VI - USO E ELIMINAÇÃO DO SUJEITO EM PORTUGUÊS

CORPUS DA PESQUISA II: Vestido de Noiva - Tragédia em Três Atos - de Rodrigues, Nelson (1943) - Teatro quase completo. Volume I - Ed. Tempo Brasileiro Ltda. Rio de Janeiro, 1965.

- (1) Quero falar com Madame Clessi! Ela está?
- (2) Madame Clessi está - pode-me dizer?
- (3) Não responde! Não quer responder?
- (4) Então perguntarei àquela ali.
- (5) Desculpe. Madame Clessi. Ela está?
- (6) Ah! também não responde?
- (7) Podia-me dizer se madame...
- (8) Eu não quero nada de mais. Só saber se Madame Clessi está.
- (9) Madame Clessi?
- (10) Oh! Graças a Deus! Madame Clessi, sim.
- (11) Uma que morreu?
- (12) Morreu?
- (13) Morreu. Assassinada.
- (14) Madame Clessi morreu! Agora saia.
- (15) É mentira. Madame Clessi não morreu.
Que é que estão me olhando? Não adianta, porque eu não acredito!...
- (16) Morreu, sim. Foi enterrada de branco. Eu vi.
- (17) Mas ela não podia ser enterrada de branco! Não pode ser.
- (18) Estava bonita. Parecia uma noiva.

- (19) Noiva? Noiva - ela? Madame Clessi, noiva! Parem com essa música!
Que coisa!
- (20) É o diário.
- (21) É.
- (22) Aqui é o pimenta.
- (23) É A Noite?
- (24) Um automóvel acaba depegar uma mulher.
- (25) O que é que há?
- (26) Aqui na Glória, perto do relógio.
- (27) Uma senhora foi atropelada.
- (28) Na Glória, perto do relógio?
- (29) Onde?
- (30) Na Glória.
- (31) A Assistência já levou.
- (32) Mais ou menos no relógio. Atravessou na frente do bonde.
- (33) Relógio.
- (34) O chofer fugiu.
- (35) O.K.
- (36) O chofer meteu o pé.
- (37) Bonita, bem vestida.
- (38) Morreu?
- (39) Ainda não. Mas vai.
- (40) Aquele homem ali. Quem é?
- (41) Sei lá! Vem aos sábados.

- (42) Tem o rosto do meu marido. A mesma cara!
- (43) Você é casada?
- (44) Não sei. Me esqueci de tudo.
Não tenho memória - Sou uma mulher sem memória.
Mas todo o mundo tem um passado; eu também devo ter - ora essa!
- (45) Você o que é, é louca.
- (46) Sou louca? Que felicidade!
- (47) O que é que vocês estão conversando aí?
- (48) Isso é aliança?
- (49) É.
- (50) Aliança de casamento.
- (51) A da minha irmã é mais fina.
- (52) Grossa ou fina, tanto faz.
- (53) Oh! Meu Deus! Madame Clessi! Madame Clessi! Madame Clessi!
- (54) Ele vem aí! Digam que eu não sou daqui! Depressa! Expliquem!
- (55) Eu dizer o que, minha filha!
- (56) É nova aqui?
- (55) Não, não sou nova. Não tinha me visto ainda?
- (56) Não.
- (57) Pois admira, Estou aqui - deixe ver. Faz uns tres meses...
- (58) Agora lembro perfeitamente.
- (59) Bufão!

- (60) O quê?
- (61) Desculpe doutor. Ela é louca. Madame não gosta disso!
- (62) Porque é que põem uma louca aqui?
- (63) Bufão, sim. Diga se já me viu alguma vez? Diga, se tem coragem!
- (64) Vou-me queixar à Madame. Não está direito!
- (65) Viu? Estou dizendo!
- (66) Diga. Já me viu? Eu devia esbofeteá-lo...
- (67) Quero ver.
- (68) ... mas não quero. Estou sorrindo - viu? Aquilo não foi nada!
- (69) Vamos sentar ali?
- (70) Estou sorrindo, sem vontade. Nenhuma. Vou com vo
cê - nem sei por que.
Sou assim. Vamos, meu amor?
- (71) Por que é que você está vestida diferente das outras?
- (72) Viu como eu disse - "meu amor!" Eu direi outras vezes - "meu amor" - e coisas piores! Madame Clessi está demorando! Mas ela morreu mesmo?
- (73) Madame Clessi morreu - gorda e velha.
- (74) Mentira! Gorda e velha o quê! Madame Clessi era linda. Linda!
- (75) Tinha varizes! Andava gemendo e arrastando os chi
nelos!

- (76) Mulher gorda, velha, cheia de varizes, não é amada! E ela foi tão amada. Seu mentiroso.
- (77) Ele disse a verdade. Madame tinha varizes.
- (78) Depois de morta foi vestida de noiva!
- (79) Bobagem ser enterrada com vestido de noiva!
- (80) Madame Clessi! Madame Clessi!
- (81) Agora vou-me embora. Fui esbofeteado e é o bastante.
- (82) Ah! Já vai? Quer o número do meu telefone?
- (83) Nunca fui tão feliz! Levei uma bofetada e não reagi. Me dão licença.
- (84) Não vá assim. Fique mais um pouco.
- (85) Adeus, madame.
- (86) Ah! Meu Deus! Esse também.
- (87) Quem?
- (88) Aquele. Tem a cara do meu (marido) noivo; os olhos, o nariz do meu noivo - estão me perseguindo. Todo o mundo tem a cara dele.
- (89) Oh!
- (90) Quer falar comigo?
- (91) Quero, sim. Queria...
- (92) Vou botar um disco.
- (93) A senhora não morreu?
- (94) Vou botar um samba. Esse aqui não é muito bom. Mas vai assim mesmo.
- (95) Está vendo como estou gorda, velha, cheia de vari-

zes e de dinheiro?

(96) Li o seu diário.

(97) Leu? Duvido! Onde?

(98) Li, sim. Quero morrer agora mesmo, se não é verdade.

(99) Então diga como é que começa.

(100) Quer ver? É assim..." Ontem fui com Paulo a Paineiras"... É assim que começa.

(101) Assim mesmo. É.

(102) Não sei como a senhora pode escrever aquilo! Como teve coragem! Eu não tinha.

(103) Mas não é só aquilo. Tem outras coisas.

(104) Eu sei. Tem muito mais. Fiquei... Meu Deus!

Não sei o que é que eu tenho. É uma coisa - não sei. Porque é que estou aqui?

(105) É a mim que você pergunta?

(106) Aconteceu uma coisa na minha vida que me fez vir aqui. Quando foi que ouvi seu nome pela primeira vez? Estou me lembrando!

(107) Aquele homem! Tem a mesma cara do meu noivo!

(108) Deixa o homem! Como foi que você soube do meu nome?

(109) Me lembrei agora! Ele está me olhando. Foi uma conversa que eu ouvi quando a gente se mudou. No dia mesmo, entre papai e mamãe. Deixe eu me recordar como foi ... Já sei! Papai estava dizendo: "O negócio acabava..."

- (110) ... numa orgia louca."
- (111) E tudo isso aqui?
- (112) Aqui, então?!
- (113) Alaíde e Lúcia morando em casa de Madame Clessi. Com certeza, é no quarto de Alaíde que ela dormia. O melhor da casa!
- (114) Deixa a mulher! Já morreu!
- (115) Assassinada. O jornal não deu?
- (116) Deu. Eu ainda não sonhava conhecer você. Foi um crime muito falado. Saiu fotografia.
- (117) No sótão tem retratos dela, uma mala cheia de roupas. Vou mandar botar fogo em tudo.
- (118) Manda.
- (119) Mamãe falou em Lúcia. Mas quem é Lúcia? Não sei. Não me lembro.
- (120) Então vocês foram morar lá? A casa deve estar muito velha.
- (121) Estava, mas Pedro... Agora me lembrei: Pedro. É meu marido! Sou casada. Mas essa Lúcia, meu Deus. Eu acho que estou ameaçada de morte! Ele vem pa-
ra cá.
- (122) Deixa.
- (123) Pedro mandou reformar tudo, pintar. Ficou nova, a casa. Ah! eu corri ao sótão, antes que mamãe mandas-
se queimar tudo!
- (124) Então?

- (125) Lá vi a mala - com as roupas, as ligas, o espartilho cor de rosa. E encontrei o diário. Tão lindo, ele!
- (126) Quer ser como eu, quer?
- (127) Quero, sim. Quero.
- (128) Ter a fama que eu tive. A vida. O dinheiro. E morrer assassinada.
- (129) Fui à biblioteca ler todos os jornais do tempo. Litudo.
- (130) Botaram cada anúncio sobre o crime! Houve um repórter que escreveu uma coisa muito bonita.
- (131) Espera, estou me lembrando de uma coisa. Espera. Deixa eu ver!
Mamãe dizendo a Papai.
- (132) Cruz! Até pensei ter visto um vulto. Ando tão nervosa. Também esses corredores! Alma de Madame Clessi pode andar por aí...
- (133) Perca essa mania de alma! A mulher está morta, enterrada!
- (134) Pois é...
- (135) Mas o que foi?
- (136) Nada. Coisa sem importância que eu me lembrei. Quero ser como a senhora. Usar espartilho. Acho espartilho elegante.
- (137) Mas seu marido, seu pai, sua mãe e... Lúcia?
- (138) Assassina!

- (139) pulso?
- (140) 160.
- (141) Regina
- (142) Como está isso.
- (143) Tenta-se uma osteossíntese.
- (144) Olha aqui.
- (145) Fios de bronze
- (146) O osso!
- (147) Agora é ir até o fim.
- (148) Se não der certo, faz-se a amputação.
- (149) Depressa.
- (150) Assassina.
- (151) O quê?
- (152) Ela! Assassina!
- (153) Você?
- (154) Não me pergunte nada. Não sei. Não me lembro.
Se, ao menos, soubesse que é Lúcia.
- (155) Não tem ninguém aqui? Quero chopp!
- (156) Ele quer me prender! Não deixe.
- (157) Matei, sim. Matei, pronto!
- (158) Meu Deus! Não tem ninguém para me servir. Ninguém.
Assassina!
- (159) Matei. Matei meu noivo.
- (160) Ela disse - matei meu noivo. Foi. Eu assisti.
- (161) Não assistiu nada. Não tinha ninguém. Lá não tinha
ninguém!

E não foi meu noivo. Foi meu marido!

- (162) Marido ou noivo, tanto faz.
- (163) Agora me leve, me prenda - sou uma assassina.
- (164) Não prendo! Não tenho nada com isso. Não há ninguém para me servir. Ninguém!
- (165) O senhor tem a cara do marido de Alaíde?
- (166) Tem, sim. Ele vai dizer que não, mas tem.
- (167) Tenho...
- (168) Quando quiser carregar o corpo, eu ajudo.
- (169) Ele está ali. Ali.
- (170) Ele quem?
- (171) Meu marido.
- (172) Vivo?
- (173) Morto.
- (174) Viu?
- (175) Estou vendo. Mas você??..
- (176) Eu. Olha os pés. Assim - tortos.
- (177) Mas por que fez isso?
- (178) Ele era bom, muito bom. Bom a toda hora e em toda parte. Eu tinha nojo de sua bondade. Não sei, tinha nojo.
- Estou me lembrando de tudo, direitinho, como foi. Naquele dia eu disse "Eu queria ser Madame Clessi, Pedro. Que tal?"
- (179) Você continua com essa brincadeira?
- (180) Brincadeira o quê? SÉRIO!

- (181) Não me aborreça, Aláide!
- (182) O que é que você fazia?
- (183) Não sei. Matava você.
- (184) Duvido. Nunca que você teria essa coragem!
- (185) É. Não teria.
- (186) Não disse? Mas se eu fugisse, se me transformasse numa Madame Clessi?
- (187) Sei lá, Aláide! Sei lá!
- (188) Ah! É assim que você responde? Pois fique sabendo..
- (189) O quê?...
- (190) Não digo!
- (191) Agora diga. Diga.
- (192) Digo o quê!
- (193) Tem alguém querendo me matar.
- (194) Isso já sei. O que eu quero saber é como você matou Pedro.
Como foi?
- (195) Interessante. Estou me lembrando de uma mulher, mas não consigo ver o rosto. Tem um véu. Se eu a reconhecesse!...
- (196) Deixa a mulher de véu. Como foi que você matou?
- (197) Estou sentindo um cheiro de flores, de muitas flores. Estou até enjoada. Como eu matei? Nem sei direito. Estou com a cabeça tão embaralhada! Começo a me lembrar. Sô esqueci o motivo. Naquele dia eu estava doida.

- (198) Doida de ódio. Talvez por causa da mulher do véu. Ainda não sei quem ela é, mas hei de me lembrar. Pedro estava lendo um livro.
- (199) Você não acaba com esse livro?
- (200) Mas, minha filha comecei agora!
- (201) Por causa dos seus livros você até esquece que eu existo!
- (202) Não seja boba!
- (203) Fique quieto. Não, não, já disse!
- (204) Não quero! Vã ler seu livro, vã!
- (205) Não vou!
- (206) Quem é essa mulher de véu?
- (207) Não seja assim, Alaíde!
- (208) Não seja assim o quê! Você nem me liga e agora está com esses fingimento.
- (209) Deixe de ser criança! Venha cá! um beijinho só!
- (210) Não, não vou, não! Desista. Pedro! Também vou ler!
- (211) O quê?
- (212) Você nem faz idéia! Um diário! O diário de uma grande mulher!
- (213) Ele não sabia por que eu estava mudada. Tão mudada. Como podia saber que era um fantasma - o fantasma de Madame Clessi - que me enlouquecia?
- (214) Só o meu fantasma, não. E os outros dois fantasmas? A mulher de véu e Lúcia?
- (215) Depois eu vejo isso. Se ele soubesse que ia morrer!

- (216) Pedro. Ah! está assim, hem!
- (217) Quem manda você fazer o que fêz?
- (218) Eu não fiz nada!
- (219) Me repeliu!
- (220) Repeli, sim. Eu não gosto de você! Deixei de gostar há muito tempo! Desde o dia do nosso casamento...
- (221) Bobinha!
- (222) Sêrio!
- (223) Gosto de outro.
- (224) Alaíde! Olha o que eu lhe disse!
- (225) Gosto sim. Gosto de outro. Que é que está me olhando?
- (226) Não continue, Alaíde!
- (227) No mínimo, você está pensando: "Se ela gostasse de outro, não diria." Acertei?
- (228) Você é completamente doida!
- (229) Porque é que você não se ofende com as coisas que estou dizendo?
- (230) Vou ligar ao que você diz?
- (231) Ah! Não! Você faz mal em dizer que não mataria nunca a sua mulher!... Um marido que dá garanti as de vida está liquidado.
- (232) Não provoque, Alaíde!
- (233) Vou abandonar você, fugir daqui! Quero ser livre, meu filho, livre!
- Tão bom!

- (234) Não disse para não me provocar - não disse?
- (235) Ai - ai! Eu estava brincando, Pedro. Ai! Ai!
- (236) Nunca mais na sua vida brinque assim - nunca mais? Ouviu?
- (237) Pelo amor de Deus, Pedro - ai. Não, Pedro! Juro..
- (238) Você me machucou. Eu estava brincando só...
- (239) Pedro minha pulseira caiu. Quer apanhar para mim? Quer?
- (240) Eu bati aqui detrás, acho que na base do crânio. Ele deu arrancos antes de morrer, como um cachorro atropelado.
- (241) Mas como foi que você arranhou o ferro?
- (242) Sei lá! Apareceu! Às vezes penso que ele pode estar vivo! Não sei de nada, meu Deus! Nunca pensei que fosse tão fácil matar um marido.
- (243) Vamos carregar o homem?
- (244) Coitado!
- (245) Um morto é bom, porque a gente deixa num lugar e quando volta ele está na mesma posição.
- (246) Você está mesmo sentindo um cheiro de flores?
- (247) Vamos carregar? Mas para onde, meu Deus! Não tem lugar!
- (248) A gente esconde debaixo da cama.
- (249) Mas ele não pode ficar lá a vida inteira. O empregado, quando for arrumar o quarto - descobre.
- (250) Aqui é pior. Pode vir a polícia.

- (251) Vamos logo, então?!
- (252) Olha eu puxo por um braço e você por outro.
- (253) Arrantando o corpo, faz-se menos força.
- (254) Isso como pesa!
- (255) Você agora não está com pena dele?
- (256) Pena, eu? Pena nenhuma! Só ódio! Meu Deus, o que é que ele fêz? O que foi?
- (257) Eu não sei, minha filha.
- (258) Não consigo me lembrar. Mas fez alguma coisa, sim. No mínimo, a mulher de vêu está metida misso!...
- (259) E Lúcia também.
- (260) Assassina.
- (261) Que é que está me olhando? Nunca me viu? Prenda - ande, está com medo?
- (262) Você ouviu um grito? Vamos para a polícia?
- (262) Assassina!
- (263) Olha. A noite! O Diário! A mulher que matou o marido!
- (264) Vai querer? A NOITE! O DIÁRIO! Tragédia em Copacabana!
- (265) A NOITE! DIÁRIO! Morreu o coisa!
- (266) DIÁRIO! Violento artigo! Já leu aí?
- (267) Olha a mulher que engoliu um tijolo! O DIÁRIO!
- (268) Papai e Mamãe, todo o mundo vai ler nos jornais. Vão por o meu retrato!
- (269) Porque você matou seu marido?

- (270) Ele era muito ruim! O doutor não imagina!
- (271) Ruim nada. Era até muito bom.
- (272) Boba! Você estragou tudo!
- (273) Mas eu não me lembro porque matei - não me lembro!
- (274) Eu sei.
- (275) Então diga.
- (276) Há uma mulher no meio. Uma mulher de véu. Tem um véu tapando o rosto. Percebeu?
- (277) Uma mulher de véu? Mas o senhor então deve saber quem é ela.
- Tem que saber! Diga!
- (278) Não digo. Com licença - Adeus! Lembre-se de seu casamento!
- (279) Quem fala?
- (280) O DIÁRIO.
- (281) Aqui é uma leitora.
- (282) Muito bem.
- (283) Eu moro aqui num apartamento, na Glória! Vi um desastre horrível!
- (284) Uma mulher atropelada.
- (285) A culpa toda foi do chofer. Eles passam por aqui, o senhor não imagina. Então quem tem criança!...
- (286) Claro!
- (287) Quando a mulher viu, já era tarde! O DIÁRIO podia botar uma reclamação contra o abuso dos automóveis!

- (288) Vamos, sim!
- (289) Obrigada, ouviu?
- (290) Que é que tem meu casamento? Ele disse: "Lembre-se de seu casamento."
- (291) Bonito vestido! Quem foi que teve a idéia?
- (292) Eu vi num filme. A grinalda é que é diferente. Mas o resto é igualzinho à fita.
- (293) Está quase na hora. Temos que andar depressa: De pois do nosso, tem outro casamento.
- (294) Quer dizer que o outro casamento vai aproveitar a nossa ornamentação?
- (295) Deixa. Não tem importância.
- (296) Ah! Pedro!
- (297) Que foi?
- (298) Me esqueci que faz mal o noivo ver a noiva antes. Não é bom!
- (299) Isso é criancice! Agora não adianta! Já vi!
- (300) Vã, Pedro, vã!
- (301) O bouquet, mamãe?
- (302) Sua mãe não pode ser.
- (303) Ela só apareceu depois! Você sozinha no quarto, sem ninguém, Alaide? Uma noiva sempre tem gente perto. O que? Você pode não se lembrar, mas lá de via ter alguém, sem ser sua mãe! Lembre-se.
- (304) Tudo pronto?
- (305) Quase. Vão tocar mesmo a Ave-Maria de Gounod, Papai?

- (306) Não. Já falei na igreja.
- (307) Está aí D. Laura.
- (308) Ah! D. Laura.
- (308) Como vai?
- (309) Que tal a sua nora? Muito feia?
- (310) Linda, Um amor!
- (311) Olha papai. Desculpe, D. Laura.
- (312) Ora, minha filha.
- (313) Ou Ave-Maria de Gounod, ou, então de Secubert.
Faço questão. Outra não serve.
- (314) Já sei.
- (315) De Schubert ou de Gounod, qualquer uma é muito bo
nita. Ah!
- (316) Desculpe. Eu não tinha visto você.
- (317) Quando é o seu?
- (318) Qual o quê? Está aí, não acredito! Tão moça, tão
cheia de vida.
- (319) Então vamos.
- (320) Cuidado com a cauda!
- (321) Não falta mais nada?
- (322) Nada. Acho que não.
- (323) Já é tarde. Vamos descer.

VII - CHAPTER 2 SUBJECT

José, whose first language is Brazilian Portuguese, came with his family from São Paulo to Edinburgh in November 1971 commenced his secondary education almost immediately. He knew only a few words of English and was obliged to attend all lessons and live in the style of his peers. He did not receive any instruction in English as a second or foreign language. His two sisters attended primary school and likewise did not receive any instruction in English as a second or foreign language. These children found themselves in a Scottish-English speaking environment both at school and in the neighbourhood although they were friendly with another Brazilian family living nearby. Being surrounded by native speakers of English and having to survive in the community these children have acquired their second language mostly by their own strategies. The study covers approximately the first fifteen months of Jose's acquisition of spoken English. It was begun when he was 12 years 2 months and the data collection ceased when he was 13 years 5 months.

There were very few children at Loberton Secondary School whose first language was not English. There were no opportunities for Jose or his sisters to be specifically taught English as a second language either in the school or in any immigrant language centre. His teachers had no training in TESL and there was no language policy which the

teachers adopted to help him. Each teacher used his/her own method of communicating with and teaching Jose. Mostly they showed a friendly attitude and let him develop at his own rate, not making many demands on him especially in the first six months or so. Several of his teachers were interviewed about their teaching strategies and observation of Jose. The following were used as guidelines for discussion during the interviews:

1. How did you treat him?

(a) with no differentiation, just as one of the class or otherwise?

(b) accept his ideas and ignore his language errors or accept his ideas but correct his language errors?

2. Did you make specific efforts to help him with his language?

(a) How often did you correct his oral mistakes?

(b) How often did you correct his written mistakes?

(c) What sort of mistakes did you deal with?

(d) What were your specific efforts to help him learn English?

3. Was he ever grouped in a special group, e.g., slow learners?

4. How much does he participate in class, e.g., in asking and answering questions?

5. How do you think he learnt English?

(a) To what extent do you think his peers taught him English?

(b) Which children especially helped him learn English?

6. How acceptable do you find his (a) oral

(b) written English?

The Latin teacher taught Jose for two years, for Classical Studies in his first year of secondary school and for Latin in his second year. This teacher remarked that during the first year Jose was quiet for a long time. He attempted to communicate with Jose by speaking in Latin to a Brazilian girl in the class who would try to gist the meaning of the Latin and then translate into Portuguese for Jose. The teacher's impressions were that Jose did not appear to always understand what the girl said and he was not sure whether Jose understood what he was telling him. His written work in Classical Studies firstly took the form of strip cartoons instead of writing, then without guidance he wrote his work in Portuguese and then later again without guidance he wrote in English. Listening was the main strategy the Latin teacher noted that Jose used to learn English. He said that Jose did not experiment much with his new language, at least he did not offer much in class. Because he mostly sat quietly, not offering much and not seeming to understand the other Brazilian child the teacher thought that Jose could not be very bright. In the first year he was "an object of slight

curiosity" to the children in his class but nevertheless accepted by them. However in the second year he gained a lot of confidence conformed in appearance to his peers, adjusted well socially, attempted to answer only the difficult questions put by the teacher and gained the top mark in Latin as well as the highest grades for effort and conduct.

The art teacher like most of the teachers wanted him to go on specialising in his/her particular subject because Jose had done very well during his second year of secondary school. In art Jose had advanced technical skill, a flare for composition, imaginative representation and a different world outlook from his peers. (Certainly the art world outlook from his peers). Certainly the art work I had seen was of an outstanding quality. The teacher was not concerned with his English development but noted that he sat and talked with two other boys who also were outstanding in their school work.

The Physical Education teacher who taught Jose in his second year noted that he was a well adjusted child and a member of a group of seriousminded boys who were always thinking and talking. In his opinion Jose was good at swimming and at sport in general and expected improvement in his finer movements as he matured. The main impression this teacher had of Jose was that he had been fortunate enough to belong to a group of children which supported him socially,

linguistically and mentally unlike an Italian child who had joined the school a year or two before and had experienced little progress and considerable unhappiness because he had been put into a class of what he termed "rough children".

If any teacher had more influence on Jose's English than any other I would suggest it was the Maths teacher. Jose was very interested in maths and was very good at his work. He especially liked this young and enthusiastic teacher who seemed to talk at a level appropriate for young teenagers. Jose's enthusiasm for maths was evident from the moment he entered the classroom; he would sit near the front where he could see and hear easily and be first to have his books open and ready. As in the Latin classes he would refuse to do easy activities or would do the opposite. He would call out answers when the teacher wanted quick answers for completing an exercise on the chalkboard but he would talk to his classmates only when there was a pressing need to do so. Jose's pronunciation was most like this teacher's and it is possible that Jose took this teacher as a person to emulate.

By the end of his second year Jose who had started secondary school with no English had gained a mark that had put him near the top of the class in English. (The work in English.) The work in English lessons included creative writing, prepared talks, exercises in comprehension and expression, some grammatical analysis, the study of some plays and the borrowing of library books for home reading. In his first

year the use of a programmed reading kit seemed to provide him with a serious challenge. In his second year he had to sit at the back of the classroom because the children were assigned to seats alphabetically. He had seldom volunteered answers and questions and only late in his second year was he starting to volunteer answers orally. The English teacher also noted that Jose's friends were a serious thinking group of boys. She thought the strategies he adopted in his acquisition of English were listening and his great enthusiasm for reading. She also thought his mother provided guidance that would encourage him to learn English by discussing points of grammar, the meanings and translation of words and by encouraging him to read.

It seems from discussions with the teachers whose comments have been noted here and with others that it took Jose a whole school year to adjust to his new environment, assimilating much by listening and observation. By doing well enough at the end of his first year he was assigned in his second year to the 'top' class which, according to the Latin teacher, was a pleasant class and tended to cohere because in the comprehensive school these children were marked by other children as the potential academic snobs. Having the support of a group of boys of like mind and having gained an adequate command of English to be able to communicate and be understood as well as being an intelligent boy he managed to rise from being tolerated by his teachers to being the pupil

each hoped would be in his/her higher class and from a supposedly dull to one of the brightest pupils.

According to Campbell and Wales (1970:257) the "proper course to adopt in the investigation of language acquisition is to specify first the nature of the linguistic environment, and thus identify the possible sources of information available to the child about his language, and then discover, presumably by experimentation, which of these possible sources are used. Such a course is relevant to studies of both L1 and L2 acquisition. For the L1 study it is a question of how much of the Linguistic, and surely para-linguistic, environment and how much genetic endowment contribute to the child's language acquisition. For the study of natural L2 acquisition it is useful to know what topics, settings, interlocuters, languages and consequently what concepts, vocabulary, syntax, sound systems, and registers the subject is exposed to. Theoretically if the investigator followed Campbell and Wales' suggested course he could, by experimentation, find out from such language data those items which the L2 learner assimilated and reproduced. Video tapes and sound recordings would have to be an essential part of the equipment for the experiment. Obviously the experimenter has greater chances of revealing something valid about the study of an infant's acquisition of his/her first language, concentrating on the language used by parents and the few other people who would interact with the infant, than

of showing which linguistic items used by all the people whom a twelve year old would meet and hear were those he assimilated and reproduced. The scope of this investigation does not include a detailed study of Jose's linguistic input since the emphasis has been restricted to a study of some aspects of his oral language. Nevertheless some general comments about the times and varieties of language Jose was exposed to can provide an outline of his linguistics environment.

Apart from interviewing Jose's school teachers and observing him for a whole day at school other attempts to gain impressions about Jose's linguistics environment were made by looking at his notebooks and to a much lesser extent his text books, by working out timetables showing when he was exposed to different uses and speakers of English, by observing interactions with friends while playing indoor games as well as asking him about his use of language. His notebooks contained many items of transcription of teachers' notes written on the chalkboard and short answers Jose had made up. Often they were just of one or two words or short sentences. Other items were of a formula type which had slots to be filled with appropriate numbers or words. Apart from his own compositions much of his written work was transcriptions of formal written English. Table¹ shows a summary of the domains of Jose's aural - oral communication of the first seven months of his second language acquisition. This picture is fairly

Table 1

Domains of Jose's Aural-Oral Communication

Domain	Direction of Communication	Hours per week	Communication between:
School	2 way	28	Jose and teachers Jose and friends Includes 3 hours of French
	1 way	7	Geography Teacher pupils Written work (Individual learning modules) for Maths*
Outings	2 way	8	With Scottish school friends If shopping with his family he speaks Portuguese with them and English to the shopkeepers.
Playing Football	2 way	12 $\frac{1}{2}$	Very little spoken Communication.
T.V.	1 way	7	Jose is not sure what dialects of English he hears. He watches football replays, adventure films and cartoons.
Family	2 way	12	Speaks Portuguese.
Alone	-	22	Plays football by himself or climbs trees or attends to hobbies.

* His favourite subject. Does not like to waste time talking.

representative of Jose's communication directions during later school term times. The time devoted to football was reduced in favour of study. It's clear that Jose is exposed to many hours of English, mostly at school but he uses English all the time now apart from communication in the home and with the Brazilian neighbours whom they see at weekends. During the long summer vacation in 1972 he mostly used Portuguese and was exposed to Italian, French and Portuguese. Some Italian was spoken in his home in the early months of his stay in Edinburgh but this was not used for communication with Jose. He claimed to be able to understand Italian but not to speak it.

Recording: 9.10.72

H: Did you speak of lot of Italian in Italy?

953 No good I didn't know how to speak Italian.

... Do you understand it then?

954 I understand it, yeah.

... But you don't speak it.

Did you try some words?

955 Yeah.

He also found the Portuguese spoken in Lisbon strange to his ears.

H: I'm wondering how you got on with your Brazilian Portuguese and Portuguese.

967 It's funny how these Portuguese people speak.

He admitted in the early stages to speaking Portuguese at school because his playmates wanted to know the Portuguese of English expressions but this practice did not seem to last. Jose wanted to stay in Edinburgh and speak Scottish English. His mother admitted during his second year at school that feared that in his attempt to conform in early adolescence he would make a determined effort to forget his Brazilian way of life and his first language. His father commented that Jose's written Portuguese was not very good (utterance 2253). His use of Portuguese was mostly oral, he did have access to adults' magazines printed in Portuguese and when he wrote to family and friends in Brazil he wrote in Portuguese. He did not claim to be a very good correspondent.

VIII - CHAPTER 3 DATA COLLECTION PROCEDURES

The procedures used in this investigation did not follow those often used in developmental psycholinguistics which specify which syntactic structures are to be investigated and then test the children's use of and responses to these structures in formal settings. Chomsky's (1969) approach was to use "direct examination" to ascertain children's lack of knowledge of certain constructions. She subscribed to the view that "differences (between children and adults) in command of syntactic structures can be revealed most readily by comprehension tests involving selected constructions of a relatively complex nature." Chomsky's procedure with children was by "direct interviewing." "It's possible to work with them in an interview situation, to enlist their co-operation in carrying out tasks, playing games and answering questions, all geared to revealing various aspects of their knowledge of the syntactic structures in question." (1969:2) The children concerned were at least five years old and were examined in their native language. Although Chomsky found her subjects "quite willing, even eager, to participate in such activities" and the interview acquiring "the spirit of interesting play" (1969: 2-3) there can be an artificial situation when information is elicited by "direct examination". Donaldson's definition of a 'formal' setting is "one in which the subject is called to behave in accordance

with certain limiting conditions for no reason, from his point of view, except that these conditions are 'given'." (1970:398). In a formal setting the subject could be required, amongst other things, to complete morphology patterns, to complete, transform and/or translate sentences, or describe the attributes of sets or pictures or objects. Specific tasks are required of the subject and they may or may not be of interest to him/her. It is theoretically possible that a test setting could elicit language suitable only to that test setting. This may suit the investigator who wants "evidence of various aspects of his (the subject's) internalized grammar." Chomsky (1969:3) A formal test, even though it is disguised as play, may be designed to elicit various grammatical forms but the investigator should consider the relevance of the responses to the topics, the child's attitude to the investigator and to the actual setting, be it in the home, school, office or elsewhere. Carroll (1960: 334) says that "careful attention must be given to the conditions under which the verbal responses are elicited, for it has been repeatedly demonstrated that different kinds and frequencies of responses are observed depending on the situation: free play, supervised play, play indoors or outdoors, conversation with adults, etc. Careful time-sampling and situation-sampling designs would seem to be in order if one wants purely normative or "typical" data". The early elicitation procedures tended to be of an ad hoc nature because it was not

possible to predict with any certainty what structures and vocabulary Jose was acquiring and using. (Contrastive data on English and Portuguese and in particular Brazilian Portuguese of São Paulo was almost completely unavailable). "Talk to him and see what he says." was the advice given by several people investigating first language acquisition. The approach became - gather as wide a variety of utterances as possible at fairly regular time intervals then decide which aspects of syntactic development to trace. This seemed the reverse procedure from that followed by Chomsky (1969). The adoption of an unstructured approach was not without hesitation.

After the eighth interview two other procedures were seriously considered but not adopted. One was the recording of Jose's speech throughout the day using a portable microphone and aerial that he could wear along with a transmitter whose signals would be tape recorded within the radius of a mile. Apart from costs which were too high other disadvantages were the lack of accompanying visual data (in the form of film or observation notes), the predictable large volume of material, the physical difficulties Jose would experience wearing the equipment and the difficulty of checking the tape recording which had to be within a certain radius from Jose. This idea to gain first hand information on the language input Jose experienced as well as his spoken language to a variety of people in various settings had to be modified considerably. The second procedure was to follow

Halliday's (in press) ideas about the development of functional categories during language acquisition. Although Halliday presents an attractive paper showing how the very early utterances of infants can be meaningful even if they are only instrumental and regulatory in function at first but gradually express what he calls interactional, personal and heuristic functions and later imaginative and informative functions as well, it was not very meaningful to apply them to Jose's utterances which tended to be limited to a few functions notably the informative function. Plans were made to consider tape recording interviews between Jose and a variety of people in different settings with the intention of tracing his syntactic development within the various functional categories but they were abandoned in the light of the few functional categories into which data and hand had been distributed. This influence, nevertheless, was a factor in involving more people in later interviews.

Because Jose's acquisition of English was natural as distinct from what might be called formal acquisition as in ESL classes, the approach taken by the interviewers recording sessions was an informal one. The setting were familiar and comfortable, the participants were friendly and the conversation and activities were always informal. All but two of the recordings were made in the lounge room of Jose's home, the others were made in my study in the Pollock Halls

of Residence. Jose considered me more as a personal friend of himself and his mother than a school teacher or socially distant research worker. He knew that I was interested in his acquisition of English but this did not seem to inhibit his use of the language. He thought I was more interested in his total school progress and in all those things that made life interesting for him. He was also friendly with Alan Cousins during the first five interviews and very interested in his conversation with Mr. Humphries who was also informal and friendly. Jose's peers who participated in some of the interviews were playmates but not members of his class in the second year. Arrangements were made several times to record more informal conversations between Jose and his friends than exist in the data but it was not always possible for the children to meet at the prearranged times. The data consists of informal conversations amongst friends. The emphasis on informality was meant to encourage natural use of language consequently the elicitation procedures were kept informal.

The elicitation procedures used were not as rigorous as those used in "direct interviewing." They consisted mainly of discussions, games, descriptions of pictures, explanations, and recounting of events. Some games, e.g., "Happy Families" and two types of "Twenty Questions" were used to elicit questions. The game of "Forecasting the future" was used to elicit expressions of time and uses of tense. The miming game was used to elicit examples of the present continuous

tense. In the second interview his mother acted as an interpreter when he was asked questions about the way he saw himself using languages. A few of the Bonjour Line film strips were used a second time with the then intention of noting differences in syntactic acquisition. One interview was used to check those parts that had been difficult to transcribe in the previous interview. Some parts of some interviews consist of just questions and answers. One recording was made during an actual game of table soccer. The conversation topics related mostly to Jose's interests; all aspects of life at school, his hobbies, his holidays, his outings, his family, his knowledge about Brazil and his use of language. When possible notes were made during interviews about items of reference and paralinguistic phenomena. The emphasis in these interviews has been on the informality of situation, setting and topic to elicit natural conversation rather than the elicitation of specific grammatical utterances.¹

The lengths of the interviews vary from twenty minutes to nearly an hour. The spacing of the interviews is

1. An informal written test based on the data from the interviews was given to Jose and two of his playmates (but not classmates) two months after the collection of recorded interviews had been completed. Jose's answers were written but his two Scottish friends recorded most of their answers on tape.

not even throughout the fifteen months. The collection could be divided into three groups; interviews 1-5, 6-8 and 9-18. Interviews 1-5 were collected at approximately fortnightly intervals apart from a Christmas break. The time between interview 5 and interview 8 was approximately nineteen weeks. There was a break of about fifteen weeks between interviews 8 and 9 because of the summer holidays. Interviews 9-18 were collected at weekly to fortnightly intervals with one six week break (because of an injury I sustained).

Table 2 shows the number, date and time interval of the recorded interviews. A preliminary and unrecorded interview was held in mid-November of 1971 and another unrecorded interview was held in late September 1972 before the final session of recordings was begun. Tapes were usually recorded at $3\frac{3}{4}$ ips, twice at $1\frac{7}{8}$ ips on a Hanimex General portable tape recorder. At times there was noise interference but generally recording conditions were quite satisfactory. Jose had no difficulties or inhibitions about being recorded and he rarely heard any replays of the tapes.

Table 2

<u>Number of Interview</u>	<u>Date</u>	<u>Interval (in weeks) between Interviews</u>
1	24.11.71	
2	8.12.71	2
3	12. 1.72	5
4	26. 1.72	2
5	11. 2.72	2
6	21. 4.72	10
7	2. 6.72	6
8	26. 6.72	3
9	9.10.72	15
10	19.10.72	$1\frac{1}{2}$
11	31.10.72	$1\frac{1}{2}$
12	10.11.72	1
13	23.11.72	2
14	2.12.72	1
15	12. 1.73	6
16	19. 1.73	1
17	2. 2.73	2
18	19. 2.73	$2\frac{1}{2}$

NOTA: Os dados sob os nºs VII e VIII foram extraídos de:
 "The Acquisition of English by a Portuguese speaking
 child". p. 3-18 - Helen Tabble
 Master of Letters - University of Edinburgh, 1973.